

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

**A CONSTRUÇÃO DO PODER DESDE O CAMPO
POPULAR**

OS ANOS 70 NA ARGENTINA

Volume 1

**Texto a ser apresentado no exame de dissertação para obtenção do grau de
Mestre**

ORIENTANDA: Maria Florencia Ferrer

ORIENTADOR: Prof. Dr. Emir Sader

A Ana María, mi mamá, que fue quien construyó
en mí, la necesidad de luchar por un orden más justo.

Agradezco,

a Emir Sader, por la manera tan cálida con la que opinó y ayudó en esta tesis. A Juan Carlos Marín por la cantidad de sugerencias teóricas y políticas que dieron origen a gran parte de mis preguntas. A Inés Izaguirre por siempre haber creado espacios para aprender y discutir, con un cariño siempre estimulante.

al Prof. Sedi Hirano por haber colaborado solidariamente, salvando los obstáculos burocráticos que permitieron mi ingreso al PROLAM.

a Lucia Helena Correa, por la paciencia interminable en la corrección y traducción de este trabajo.

a Nadir García Meleiro y Cesar Meleiro, que fueron mis segundos padres en estos años, brindándome un afecto incondicional.

a Cristina, Alessandra, Caio y Gustavo por la amistad y el apoyo que me brindaron, que se convirtió en un incentivo vital.

a Cecilia, Ale y papá, por estar en todo momento.

al CNPq por haber otorgado la beca que permitió mi dedicación a la Maestría.

El más especial de los reconocimientos para Carlos, mi compañero. Por todo lo vivido juntos.

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 2: UMA BREVE RESENHA HISTÓRICA	17
UMA CARACTERIZAÇÃO DA CLASSE DOMINANTE ARGENTINA	17
CAPÍTULO 3: UM NOVO ORDENAMENTO - O PERONISMO	32
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PERONISMO	35
O CASO PETER	39
A MUDANÇA DE HEGEMONIA DENTRO DO MOVIMENTO OPERÁRIO	46
O SINDICALISMO PRÉ-PERONISTA	59
LUTA INTERBURGUESA E HETERONOMIA OPERÁRIA	68
O COMEÇO DO FIM DO GOVERNO PERONISTA	85
CAPÍTULO 4: 1955 - O PERONISMO EXPULSO DO PODER DO ESTADO.	92
A RESISTENCIA PERONISTA	93
O CARÁTER SOCIAL DAS ARMAS	108
O GOVERNO DE FRONDIZI	110
O GOVERNO ILIA	121
CAPÍTULO 5: 1969 - EXPRESSÃO DE UMA CONFRONTAÇÃO	136
EIXO RESISTENCIA-CORRIENTES	140
O TUCUMANAZO	142
O CORDOBAZO	144
O ROSARIAZO	159
AS AÇÕES	160
CONFLUÊNCIA DE CONFLITOS: A GREVE GERAL EM ROSARIO	165
A GREVE GERAL DE 23 DE MAIO	166
CAPÍTULO 6: A CONSTRUÇÃO DE PODER NO CAMPO POPULAR	168
O VIBORAZO	185

CAPÍTULO 7: “PERÓN VUELVE”	191
"CAMPORA AL GOBIERNO"	191
EZEIZA. A GUERRA EM “CAMPO ABERTO”	202
"PERÓN AL PODER"	213
A VOLTA DO POPULISMO	213
A VERDADEIRA FACE DE PERÓN	218
A TRIPLE A	227
CAPÍTULO 8: 1976 - CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA TERRITORIALIDADE	233
EXPULSÃO DE UM TERRITÓRIO E REORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO	237
O GENOCÍDIO	239
CAPÍTULO 9: CONCLUSÕES	254
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	260

ÍNDICE DE QUADROS

<i>PROCESSO DE INDUSTRIALIZAÇÃO DA DÉCADA DE 30</i>	25
<i>INCORPORAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO À INDÚSTRIA (1931-1935)</i>	29
<i>DESOCUPAÇÃO (1932-1936)</i>	30
<i>SALÁRIO DOS TRABALHADORES EM GERAL E DOS TRABALHADORES GREVISTAS</i>	63
<i>CLASSIFICAÇÃO DE REVINDICAÇÕES QUE ORIENTAM AS GREVES (em %)</i>	64
<i>GREVES</i>	65
<i>NÍVEL DE OCUPAÇÃO E SALÁRIO REAL EM BUENOS AIRES</i>	78
<i>ELEIÇÕES GERAIS DE 1962</i>	123
<i>AÇÕES ARMADAS DE 5/73 a 3/76</i>	173
<i>AÇÕES ARMADAS COM BAIXAS (MORTOS, FERIDOS E DETIDOS) SEGUNDO SEJAM PRODUZIDOS POR AÇÕES “SUBVERSIVAS” OU POR AÇÕES “ANTISUBVERSIVAS” - 5/73-3/76</i>	175
<i>AÇÕES ARMADAS NO PERÍODO 5/73 a 3/76, COM OU SEM BAIXAS</i>	177
<i>MORTOS E FERIDOS NO PRIMEIRO ANO (5/73-4/74), PERTENCENTES OU NÃO A UMA FORÇA ARMADA</i>	179
<i>BAIXAS (MORTOS, FERIDOS E DETIDOS) NO CAMPO POPULAR DURANTE 5/73-4/74, SEGUNDO A POSIÇÃO SOCIAL</i>	181
<i>ARGENTINA 1973. CONFLITOS OPERÁRIOS. TIPO DE ENFRENTAMENTO ANTES E DEPOIS DE EZEIZA</i>	211
<i>INSERÇÃO OCUPACIONAL DOS PRISIONEIRO DESAPARECIDOS, E DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA DA ARGENTINA EM 1970 E 1980</i>	244
<i>IDADE DOS PRISIONEIRO DESAPARECIDOS NAS VÁRIAS FRAÇÕES SOCIAIS - ARGENTINA 1973-83</i>	247
<i>DISTRIBUCIÓN ESPACIO TEMPORAL DE LAS LUCHAS SOCIALES EN ARGENTINA: CONFLICTOS OBREROS, HECOS ARMADOS Y ASALARIADOS DESAPARECIDOS (1973-1983)</i>	252

Capítulo 1: INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como um de seus objetivos centrais contribuir para o esforço coletivo de refletir, compreender, explicar a derrota moral e política sofrida pelo campo popular na Argentina dos anos 70.

A questão central, que orienta o nosso trabalho, é saber como foi possível a brutal mudança nas relações de poder, produção e propriedade, que se verificou naquele período.

Em 1975, o sistema produtivo ainda estava intacto. A dívida externa girava em torno de nove mil milhões de dólares. A capacidade ociosa nos diversos segmentos industriais não excedia os 30%. Os chamados bolsões de pobreza não se haviam disseminado de forma generalizada.

Uma política tradicional de ajuste teria sido suficiente para recuperar o deficitário nível das reservas monetárias.

Então, por que caiu Isabel Perón, em 1976?

Por que, entre 1976 e 1982 - segundo o último censo publicado pelo INDEC¹ -, a classe operária industrial viu reduzida sua importância no aparato produtivo em 300.000 postos de trabalho, o que implicou uma perda de 20%?

Essa queda acompanhou-se de uma redução do salário, em valores reais e constantes, que oscilou, dependendo da área, de 40 a 60%, comparativamente a 1974.

A redução, em espaço tão curto de tempo, jamais se observou antes na história recente da política nacional. Para encontrar-se um período de salário tão arrojado é preciso retroceder até 1930-1933, ou seja, as piores condições que se tem registros estatísticos.

Não se trata, simplesmente, de um aumento da mais-valia absoluta e relativa. *O produto bruto industrial per-capita, que, de 1940 a 1975, crescerá ininterruptamente, desceu aos patamares verificados apenas em 1970.*

O nível de deterioração do consumo popular somou-se a um processo de reconversão industrial, caracterizado pela reestruturação do processo produtivo, e a uma concentração econômico-financeira sem precedente na história argentina (em alguns segmentos, a concentração mostra-se maior que nos países desenvolvidos de economia capitalista).

¹ INDEC Instituto Nacional de Estatísticas e Censos, dependente do Ministerio da economía.

Se a isso se soma o fato de que a gestão econômica de J. A. Martínez de Hoz² resultou na mais formidável acumulação de capital já vivida pelas classes dominantes (a dívida externa não é mais do que o capital acumulado transferido maciçamente ao exterior), pode-se concluir que, em termos estritamente econômicos (unidades de produção, horas/homem trabalhadas, unidades de capital por assalariado, número de assalariados), a classe operária retrocedeu frente a burguesia.

Em resumo, do confronto entre burguesia e proletariado, no período 1969-1982, a burguesia saiu vencedora absoluta.

Horowicz registra: "Desde una perspectiva estrictamente social se comprueba, además, que las desventajas económicas construyen el iceberg de una catástrofe política: la desmovilización y el desbande del campo popular."³

A partir do "Processo de Reorganização Nacional", tal como se auto-entitulou a ditadura, o tipo, caráter e forma de manifestação das relações sociais estará diretamente associada à nova fase por que passa o desenvolvimento do capitalismo na Argentina e que, em última análise, determina a configuração da estrutura social. Nessa fase, observa-se a profunda modificação nas complexas relações de produção e, em consequência, no conjunto das relações que constituem as classes e as forças sociais.

²Ministro da economia do primeiro período do Processo de Reorganização Nacional.

O golpe de 76 realizou um poder acumulado por setores da burguesia que detinham o controle do capital financeiro e de grandes grupos económicos (GGEE)⁴ e que tomaram a iniciativa de subordinar e desarmar as demais frações representativas de sua própria classe social, até então hegemônicas.

O capital financeiro surge como protagonista de um processo no qual o conjunto da burguesia viu seu domínio como classe ameaçado. O resultado da luta foi a derrota material e moral de quem expressava a polarização neste enfrentamento.

O elevado grau de desenvolvimento das forças produtivas na Argentina, está expresso, entre outros indicadores, no alto índice de produtividade, elevado grau de concentração e centralização industrial. Para que esses fatores se verificassem foi preciso forjar as necessárias condições sociais.

Sem a derrota, sem o desarmamento teórico, político e militar dos setores populares não se criariam as condições de existência e reprodução do atual modelo neoliberal, conduzido pelo capital financeiro e os GGEE.

Por isso, sustentamos que o golpe de 1976 apresenta características bastante diferentes dos anteriores, já que não se baseou na necessidade de prosseguir intervindo no sistema político, detendo o avanço do peronismo, mas sim de

³ ALEJANDRO HOROWICZ, *Los cuatro peronismos. Historia de una metamorfosis trágica*. Buenos Aires, 1990, Editorial Planeta, pag. 10.

agir sobre a estrutura social, desmontando as bases, sociais e materiais, sobre as quais se ergueu o populismo na Argentina e a própria aliança de classes que o definia.

A destruição do modelo econômico baseado na política de substituição de importações leva a uma sensível redução da capacidade industrial instalada - de 15% no caso das grandes empresas e de 18% entre as de pequeno e médio portes. Mas também se verifica uma redução de 20% no contingente de mão-de-obra empregada.

Nos setores da burguesia o enfrentamento seguiu diferentes táticas. De um lado, incentivou-se, crescentemente, a exportação de produtos agro-pecuários e seus derivados; de outro, promoveu-se a unificação cambial e a supervalorização do peso, o que favoreceu a evasão de parte das divisas obtidas com as exportações, em benefício dos segmentos controlados pelo capital financeiro.

Simultaneamente, implantou-se uma política pela qual se retirou incentivos e proteções à indústria local, forçando as empresas argentinas, despreparadas, de um momento para outro, a competirem com as de capital estrangeiro, detentoras de tecnologias mais avançadas.

Essas medidas econômicas, impostas num país ocupado e dominado pelas forças militares, provocaram a quebra de um grande número de empresas,

⁴ Entendemos por Grupo Económico um conjunto articulado de empresas, que têm uma só direção, desenvolvendo sua actividade em vários setores económicos. Como sua direção opera centralmente no

grandes, médias e pequenas, que, até então, participavam do processo de articulação do modelo populista (fundamentalmente, as que compunham a "pátria metalúrgica").

Para desarticular os setores populares, as táticas usadas deveriam ser outras, já que a força material daqueles setores se constrói e reside em outro âmbito: na força moral.

Por isso, o **genocídio** constituiu a base da política de desarmamento.

Mas o que vem a ser desarmamento moral? "Se refiere a la convicción de la derrota y a la imposibilidad de revertirla: se quiebra la dimension de la fuerza ; las rupturas de los lazos que vinculaban a las distintas partes se consideran más o menos permanentes. Se pierde la conciencia de conjunto." ⁵

Creemos que essa certeza de derrota, essa quebra na noção de pertencer a uma aliança que luta conjuntamente, está relacionada à forma como se produziu a maior parte das baixas nos setores populares: o sequestro dos corpos⁶.

país, consideramos que são jogadores nacionais.

⁵ IZAGUIRRE INES *Ruptura de relaciones sociales: una consecuencia de la guerra antisubversiva en la Argentina*, Mimeo, Instituto de Sociologia pag. 7 y 8.

⁶Tomamos o conceito "corpo", fundamentalmente de Foucault. En *Vigilar y Castigar* asinala: "... el cuerpo está también directamente inmerso en un campo político; las relaciones de poder operan sobre él ,una presa inmediata; lo cercan, lo marcan, lo doman, lo someten a suplicio, lo fuerzan a unos trabajos, lo obligan a unas ceremonias, exigen de él unos signos. Este cerco político del cuerpo va unido, de acuerdo con unas relaciones complejas y recíprocas, a la utilización económica del cuerpo; el cuerpo, en una buena parte, está imbuido de realciones de poder y de dominación, como fuerza de producción; pero en cambio, su constitución como fuerza de trabajo solo es posible si se halla prendido en un sistema de sujeción (en el que la necesidad es también un instrumento político cuidadosamente dispuesto, calculado y utilizado). El cuerpo sólo se convierte en fuerza útil cuando es a la vez cuerpo productivo y cuerpo sometido.", op. cit. ,Mexico,Siglo XXI Editores, 1985,pag. 32/33.

No campo popular, 78% das baixas, no período 1973-1983, dizem respeito a prisões, sendo que metade dos capturados permanecem desaparecidos.

Por que os desaparecidos? Por que esse tipo de baixa? Se nos perguntarmos quais eram, na Argentina, as relações sociais que têm a capacidade de transformar certo campo material nas armas necessárias a um determinado enfrentamento, concluiremos que fundamentalmente são aquelas que os corpos aniquilados portavam.

Consideramos que a luta de classes assumiu a forma de "aniquilamento" em seu momento político-militar, uma vez que o objetivo do regime era destruir a força social capaz de ameaçar a hegemonia que se vinha construindo paralelamente ao processo de enfrentamento, a partir do qual se fortaleciam os setores populares. **O regime tenta destruir um território social não-burguês onde, lentamente, se iam estabelecendo relações sociais não-competitivas, solidárias; enfim, formas autônomas de organização.**

A partir dessas lutas, a classe operária inicia uma linha de fuga do território construído pela burguesia, num processo de desterritorialização e reterritorialização, em um mapa de relações sociais não compreendidas na lógica do mercado capitalista.

Essas relações sociais são o objeto do aniquilamento, já que o regime define como ação subversiva toda aquela que tenta adotar um signo não capitalista, sem estar essa avaliação restrita apenas às ações que envolvem as organizações político-militares.

"La subversión es toda acción clandestina o abierta, insidiosa o violenta que busca la alteración o la destrucción de los criterios morales y la forma de vida de un pueblo con la finalidad de tomar el poder e imponer desde él una nueva forma basada en una escala de valores diferentes.

Es una forma de reacción de escencia político-administrativa dirigida a vulnerar el orden político-administrativo existente; que se apoya en la explotación de las insatisfacciones, reales o figuradas, de orden político, social y económico."⁷

A partir das denúncias feitas à CONADEP⁸, sabemos que tanto o movimento operário (em especial a personificação do delegado de base) como o movimento estudantil foram objeto específico do aniquilamento levado adiante pelas forças regulares e irregulares do regime.

⁷ Da conferência de imprensa pronunciada pelo então Chefe de Estado Maior Conjunto, General Roberto Viola, publicada pelo diário "La Nación", em 20 de abril de 1977. Sublinhado: Izaguirre Ines.

⁸ CONADEP: Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas, criada por iniciativa do então Presidente da República Argentina, Dr Raul Alfonsín. Esta comissão estava integrada por membros da sociedade civil, sendo dirigida pelo escritor Ernesto Sábato. Seu objetivo foi investigar e não julgar. A partir de seu trabalho, se iniciou o Juízo às Juntas Militares, produto do qual se deu prisão perpétua aos Comandantes do Processo de Reorganização Nacional, sentença revogada por Carlos Menem, que outorgou indulto aos culpados.

Se encaramos essa força social de enfrentamento que tomou a iniciativa na luta de classes a partir de 1969, observamos que está composta por corpos, corpos humanos nos quais reside a dimensão e o espaço do poder.

O que se encobre é que esses corpos são, fundamentalmente, força material, que tem - ou não - a capacidade de construir o âmbito do poder.

Na guerra entre Estados-Nação busca-se produzir baixas humanas, baixas nas armas e, ainda, destruir a base de reprodução da força inimiga: sua infraestrutura material (centrais hidrelétricas, fábricas e assentamentos populacionais).

Se a guerra é a forma que assume a luta de classes, implicando uma confrontação de territorialidades, o que se disputa é diferente. Para destruir sua força material deve-se destruir sua força moral e aqueles que a constroem.

As baixas humanas podem assumir três formas fundamentais: mortos, feridos e prisioneiros. O morto põe em crise uma parte das relações sociais que carrega; porém, não destrói outras.

O ferido e o prisioneiro "legal" põem em crise somente algumas das relações sociais que carregam; porém, seguem articulando outras.

A desaparecimento "retira" de seu contexto um corpo e o conjunto das relações sociais que o definem. DESAPARECEM RELAÇÕES SOCIAIS que articulavam frações, que davam força material à força social de caráter popular.

Essas afirmações ganham mais sentido se analisamos a distribuição social dos desaparecidos. Eles se distribuem por todo o corpo social, expressando uma força social, aliança de diferentes frações (os quadros estatísticos estão no *capítulo 8*).

Destruir a força material do campo popular, a "infra-estrutura" que garantia a reprodução e ampliação da luta era destruir, aniquilar as relações sociais que davam forma a essa territorialidade que avançava.

Capítulo 2: UMA BREVE RESENHA HISTÓRICA

UMA CARACTERIZAÇÃO DA CLASSE DOMINANTE ARGENTINA

Neste capítulo, pretendemos demarcar os principais enfrentamentos que constituíram as linhas de corte de uma luta de classes no período estudado - décadas de 60 e 70. Para isso, trabalharemos as características essenciais na construção da classe dominante argentina e os aspectos centrais da luta interburguesa, até a construção do peronismo.

O mercado mundial não é somente um espaço de intercâmbio, mas sim uma realidade articulada. Os países são parte de uma economia mundial na qual os movimentos de capital indicam uma tendência à fixação da taxa de lucro nos diferentes territórios.

Esse processo se amplia com a generalização do modo de produção capitalista e a transformação e construção das personificações que lhe são peculiares.

Nesse sentido, a construção do Estado Nacional argentino esteve estreitamente vinculado às condições de formação do mercado mundial. As condições naturais da região “pampa húmeda” permitiram à classe dominante uma grande economia de esforços para reacomodar-se frente às mudanças em termos de demanda ou de ganhos. Nessas condições, a classe dominante argentina apresenta

um comportamento flexível, realizando poucos investimentos de capital fixo, ao que se deve uma grande mobilidade na colocação do capital.

Na época da independência, o comércio era a atividade econômica predominante. Ao compasso dela é que se formou a classe dominante argentina.

Em um território praticamente despovoado, em que a maior parte das terras estava em mãos de comunidades indígenas, a exportação, primeiro de couro e depois de charque, constituem as formas iniciais mais simples de inserção no mercado mundial.

Essas atividades se assemelham mais a economia de extração que de produção, já que se reduzem ao aproveitamento dos recursos naturais, sem agregar valor nem elaborar processos necessários à criação de um produto final.

A abundância das terras e a presença do gado cimarron supriram a escassez inicial de capital. A grande mobilidade do gado compensou, ainda, a deficiência da infra-estrutura de transportes. A baixa disponibilidade de mão-de-obra também não impediu o desenvolvimento desse tipo de atividade, onde o gaúcho, com seu caráter nômade, se destaca como a força de trabalho ideal.

Até 1840 se introduz a produção de ovelhas em Buenos Aires, o que trouxe à província a possibilidade de entrar no mercado internacional de lãs. Porém, considerando que o mercado de couro e charque encontrava-se em plena

expansão, qual teria sido o motivo dessa mudança de rumo? Sem dúvida, a maior rentabilidade que a produção de lã oferecia naquele momento.

Em 1860, a exploração do gado bovino, limitada à extração de couro e produção de charque - alimento para escravos -, rendia menos que criar ovelhas. Eis a razão pela qual surge a iniciativa de desenvolver um sistema de conservação da carne bovina fresca, que, não encarecendo por demais o produto, permitisse abastecer os mercados europeus. Assim nasce a incipiente indústria frigorífica, articulada com a produção ovina.

Em 1870 caem os preços internacionais da lã, razão pela qual se começa a criar ovinos com mais carne e menos lã (processo conhecido como desmerinização). Uma fração da burguesia começa a defender a necessidade de industrializar primariamente a lã, a fim de valorizar o produto. Mas essas propostas duram pouco. Uma vez que o preço da lã se recupera, seis anos depois, as pretensões industriais desaparecem.

Em 1890, o gado ovino é substituído pelo bovino refinado, combinado com a cultura cerealista (primeiro se desenvolve a exportação de gado em pé, que logo dá lugar ao frigorífico).

A partir do exposto, cremos que o conceito de classe dominante, apesar de sempre ter estado ligado à produção agropecuária, não se pode sintetizar na caricatura do conceito “oligarquia terratenente”, aceito por muitos.

A classe dominante argentina, desde a sua constituição, comporta-se como um empresariado que coloca o capital onde se possa obter a maior taxa de lucro em cada momento. As rápidas mudanças que se produzem na estrutura produtiva do país implicam e produzem uma menor composição de capital fixo com relação ao variável, o que representa uma das características básicas do sistema.

Embora esse empresariado se aproprie de grandes extensões de terra, isso não o transforma automaticamente em produtor, a despeito de as nomenclaturas terratenentes e produtores serem considerados sinônimos, segundo algumas correntes políticas.

Jorge Sábato observa:" Al privilegiarse la disponibilidad del capital líquido sobre el capital fijo lo producido en el pasado se canaliza solo en pequeña medida bajo su forma productiva y amputa su papel como multiplicador de la capacidad de producción presente, el desarrollo de la capacidad productiva de una sociedad se retarda y la organización capitalista no alcanza a crecer en profundidad. Obviamente, esto significa hacer depender fuertemente la dinámica de todo el sistema de impulsos externos, vinculando su suerte a la de ellos.(...) La frustración de un desarrollo capitalista autónomo acorde con los recursos disponibles en la Argentina afectó al conjunto del país, pero, dentro del mismo, perjudicó comparativamente poco a la clase dominante: por su versatilidad, por tener a su disposición una importante masa de capital fácilmente desplazable, esta clase quedó mucho menos atada al estancamiento

de la economía nacional. Gracias a estas características, ella podía realizar inversiones en sectores no productivos, o alternativamente, en otros países”⁹.

Na opinião de Sábato, a classe dominante argentina tem como outra de suas características fundamentais uma grande homogeneidade, determinada, entre outras coisas, pela grande diversificação de suas atividades, não se mantendo alheia, tampouco, ao primeiro processo de substituição de importações. "El elemento que, a nuestro juicio, tuvo finalmente una influencia decisiva para marcar el singular curso seguido por la Argentina fué de índole interna, social y económica a la vez. Socialmente residió en la unidad con la cual se conformó su burguesía y, en especial, la homogeneidad y concentración de riqueza en el estado dominante que se definió en su seno. Económicamente, derivó del predominio otorgado a la disponibilidad del dinero frente al uso del capital con fines productivos." ¹⁰

Concordamos com Sábato quanto a classificar a classe dominante argentina como um empresariado ágil, atento às mudanças do mercado mundial, e que orienta seu capital segundo as possibilidades de maior valorização. Isso nos faz refutar a imagem de uma “oligarquia terratenente” ineficiente, parasitária, que não se preocupa com a reprodução e valorização de seu capital. *Entretanto, não estamos de acordo com a idéia de homogeneidade que o autor sustenta quando se refere à classe dominante argentina.*

⁹ SABATO JORGE, *La clase dominante en la Argentina moderna. Formacion y caraceristicas*, Buenos Aires, CISEA, 1988, pag 142

Embora o núcleo central dessa classe dominante apresente características comuns, existem diversas frações que se diferenciam notoriamente, em termos de projeto, identidade, estratégia econômica e política.

A idéia de homogeneidade não nos permite ver que, na realidade, há fortes enfrentamentos dentro da burguesia argentina. No final do século passado, a classe dominante já se mostra dividida.

- a mais tradicional, que centra sua atividade na produção de cereais e carne para o mercado interno, em uma aliança com os capitais ingleses, sem qualquer interesse em modificar a estrutura agroexportadora, e
- a mais moderna, que não só se dedica à agropecuária, mas também atua nos setores comercial e de serviços, orientando uma parte de sua renda diferencial para o processo de urbanização. Essa fração defende a necessidade de introduzir transformações substanciais, industrializando o setor agropecuário, bem como a nova presença dos Estados Unidos na agropecuária, como provedor de manufaturas, e também na produção industrial.

Quando, na década de 20, o modelo agroexportador começa a exaurir-se, os investimentos estrangeiros tendem a estabilizar-se, alcançando, em certos segmentos, como o ferroviário, seu ponto máximo. As tensões internas do sistema já se acentuam.

¹⁰ SABATO ibid pag 142

A crise dos anos 30 imprime impulso extra ao processo de industrialização. Entre 1935 e 1945, a produção industrial apresentou um crescimento anual acumulativo de 8% ¹¹, superando, pela primeira vez, o produto bruto industrial, o produto bruto agropecuário.

A crise mundial trouxe como conseqüência a queda dos preços dos produtos agrícolas, estancando o crescimento quantitativo da produção rural. Essa queda de preços, somada às dificuldades conjunturais determinadas pela Primeira Guerra Mundial, inspira a política de substituição de importações, pela qual se canaliza para a produção industrial parte dos capitais estrangeiros antes dirigidos à produção agropecuária. A estrutura industrial, até então constituída de poucas e grandes fábricas que orientavam sua produção para o mercado externo, começa a diversificar-se, orientando-se para o mercado interno.

Alguns números podem ilustrar o que temos afirmado. Tomando o caso dos óleos comestíveis, observamos que, se em 1929 a Argentina importava 39.000 toneladas e produzia apenas 19 000, em 1939 a importação havia caído para 9.300 toneladas, enquanto a produção nacional chegava a 85.000 mil toneladas.

Em 1930, importaram-se 430.000 toneladas de cimento, enquanto no país se produziam apenas 260.000. Em 1939, a importação havia caído para 20.000

¹¹KHAVISSE MIGUEL/AZPIAZU DANIEL/BASUALDO ENRIQUE/, *El nuevo Poder Económico*, Buenos Aires, Hyspamérica, 1986, pag 16

toneladas e a produção argentina havia chegado a 1.130.000 toneladas. O desenvolvimento da indústria nacional de pneus apresentava cifras semelhantes. A Argentina importava 9.110 toneladas em artigos de borracha, enquanto a produção nacional, de acordo com as estatísticas, inexistia. Em 1938, a importação de artigos de borracha havia caído para 1.425 toneladas, ao mesmo tempo em que a produção nacional era de 9.319 toneladas.

Produto	Toneladas Produzidas (1929)	Toneladas Produzidas (1939)	Toneladas Importadas (1929)	Toneladas Importadas (1939)
Óleo comestível	19.000	85.000	39.000	9.300
Cimento	260.000	1.130.000	430.000	20.000
Pneu		9.319	9.110	1.425

Apesar de o setor mais tradicional da burguesia haver retomado o poder do Estado após a queda de Irigoyen, na figura de Justo como presidente, durante a chamada “Década Infame”, não foi possível ao novo governo praticar uma política de câmbio livre: as circunstâncias mundiais o impediam.

As transformações que se vinham operando ocorriam indiferentes à sua vontade e decisão políticas. Como resposta a essa conjuntura surge, por iniciativa das frações mais inovadoras da burguesia, um projeto “industrialista exportador”, que tem sua síntese no Plano Pinedo de 1940.

¹²Datos extraídos de MURMIS MIGUEL/PORTANTIERO JUAN CARLOS *Estudios sobre los orígenes del Peronismo*, Buenos Aires, Siglo XXI Editores, 1987 (primera edición 1971), pag.12 a 18.

Khavisse registra: "El 'Plan Pinedo' proponía que el Estado adquiriera los exedentes agrícolas que no encontraban ubicación en el mercado externo y al mismo tiempo estimulara la producción industrial exportable y la construcción.

El plan, en términos de la búsqueda de alianzas o al menos de conciliación de intereses con los sectores netamente agroexplotadores, además de reconocerles el papel subalterno a la industrialización, les ofrecía los recursos estatales para adquirir los excedentes agrícolas y se comprometía a no afectar las importaciones de los países que compraban dichos bienes.

Al nuevo capital extranjero industrial, especialmente norteamericano, le otorgaba la posibilidad de expandirse sobre la base del mercado externo compartiendo los beneficios derivados de la redistribución de recursos que efectuaba el Estado para fomentar esa industrialización exportadora.

Por otra parte, el plan también contenía elementos compatibles con los intereses de los sectores socialmente subordinados al impulsar la industrialización y la ocupación aunque no el salario real." ¹³

Os principais beneficiados seriam os grupos econômicos diversificados e seus aliados, o capital estrangeiro industrial, que começava a investir em diferentes áreas. Porém, incapaz de conciliar seus objetivos com interesses das frações mais conservadoras da oligarquia, o plano fracassou, ou melhor dizendo, saiu derrotado.

Graças à sua “superioridade política”, as frações mais reacionárias da burguesia, ao eliminar a única possibilidade de saída do modelo agroexportador, aprofundam a crise que afeta o conjunto da classe dominante. Com essa atitude, perdem a chance de passar à condução de um processo inevitável: a substituição das importações, e a conseqüente industrialização.

A industrialização também implica profundas modificações na estrutura social. A despeito de, nos primeiros anos da Década Infame, a massa de desocupados ser considerável, o desenvolvimento industrial ocorreu em escala suficiente para absorvê-la, paulatinamente. A criação de novas fábricas, ao mesmo tempo em que se estancava a entrada de mão-de-obra estrangeira no país, via controle do processo imigratório, permite à indústria incorporar a força de trabalho procedente das zonas rurais. A crise agrária gera, em número cada vez maior, diaristas e bóias-frias, que se deslocam para a capital federal, em busca de trabalho, oferecido pelas novas unidades fabris. A composição da classe trabalhadora começa a se modificar.

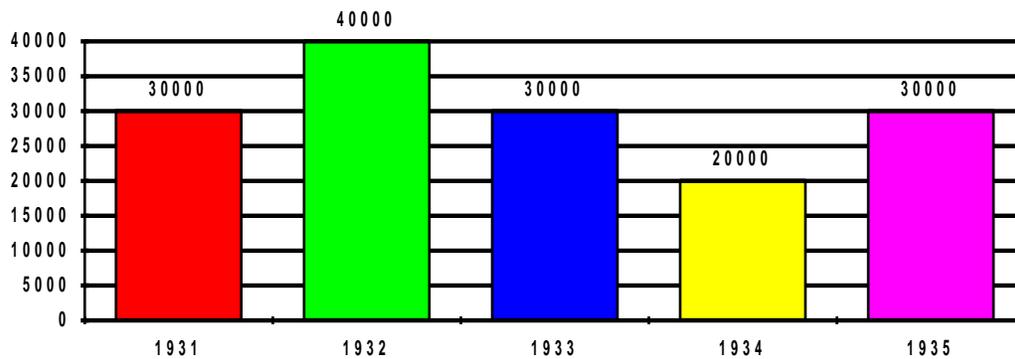
Em 1931, ingressam na indústria 30.000 novos trabalhadores; em 1931, 40.000; em 1933, 30.000; em 1934, 20.000; e, em 1935, outros 30.000. Em cinco anos, a indústria argentina incorporou, no total, 150.000 trabalhadores saídos dos campos. Em 1932, o índice de desemprego no país já era o mais baixo, numa situação que se consolidaria em 1935, quando o número de desocupados caiu para 89.000, em 1936, finalmente, reduzidos a 44.704.

¹³ KHAVISSE ibid pag 30 y 31

O processo de crescimento industrial encontra um exemplo interessante na indústria têxtil. Em 1932, o número de empregados absorvidos por esse segmento chegava a 37.000, saltando para 63.000 em 1939.

INCORPORAÇÃO DA FORÇA DE TRABALHO À INDÚSTRIA¹⁴ (1931-1935)

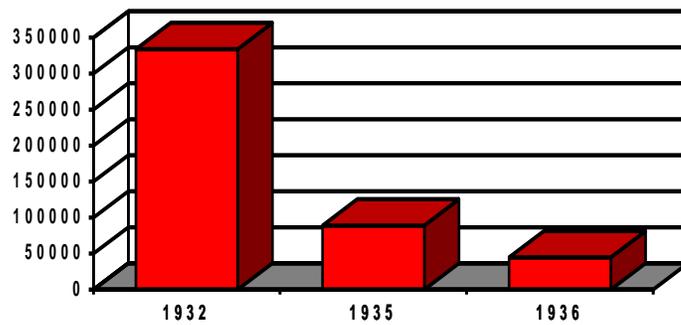
ANO	QUANTIDADE DE OPERÁRIOS INCORPORADOS
1931	30.000
1932	40.000
1933	30.000
1934	20.000
1935	30.000



¹⁴Datos extraídos do texto de ANGEL PERELMAN, *Como hicimos el 17 de Octubre*, en el libro *Cuarenta Años de Peronismo*, Buenos Aires, Ediciones del Mar Dulce, 1985.

*DESOCUPAÇÃO*¹⁵ (1932-1936)

ANO	QUANTIDADE DE DESEMPREGADOS
1932	334.000
1935	89.000
1936	44.704



¹⁵ PERELMAN op. Cit.

Angel Perelman cita o adido comercial da embaixada britânica em Buenos Aires, que dizia, em um informe enviado a seu governo, em 1935: "El aumento general de los derechos aduaneros que tuvo lugar en 1931, la protección algo más considerable realizada por la repentina desvalorización del peso argentino en 1933, estimuló la industria manufacturera local en una cantidad de productos que anteriormente se importaban.

De esta contingencia salió particularmente beneficiada la industria textil que amplió las instalaciones existentes y montó otras nuevas. Tales medidas contrabalanceaban de modo más que suficiente las restricciones de la importación de determinadas mercaderías provenientes del Reino Unido en 1933, que le interesaban de especial modo”.

O autor observa: “Existe en la República Argentina mano de obra buena y barata, que no está hechada a perder y es complaciente y voluntariosa.” (p)¹⁶ Essa parcela da classe trabalhadora, que ainda não estava inteiramente sindicalizada, formava parte do conjunto de condições que tornavam interessante, inclusive para o capital externo, investir no país.

¹⁶ PERELMAN op. Cit. Este texto é uma reprodução de parte de suas memórias. Foi escrito em 1944.

Capítulo 3: UM NOVO ORDENAMENTO - O PERONISMO

O peronismo marca e configura o maior dos enfrentamentos políticos da história argentina. Por isso, embora o objetivo deste trabalho não seja analisar a origem e características daquele movimento, não podemos deixar de nos deter em uma breve análise do mesmo. Não pretendemos abranger o imenso conjunto de discussões que o peronismo gerou, mas apenas citar as principais opiniões sobre as origens desse movimento. A análise, ainda que breve, também se justifica pelo fato de acreditarmos que o sindicalismo pré-peronista outorgou muitas de suas marcas ao movimento que o sucedeu.

Na sexta parte deste capítulo, trabalharemos a "Resistência peronista", considerando esse subperíodo como central na constituição de uma força social de oposição que toma a iniciativa na luta de classes a partir de 1969.

Nas formas de luta utilizadas e constituídas pela resistência peronista se encontra a gênese das formas que assume o enfrentamento social nas décadas seguintes: seu momento armado. Os exercícios de sabotagem, barricadas, lançamento de bombas, utilização de armas de fogo vão imprimindo uma dinâmica diferente à luta de classes, e esses diferentes tipos de armas acabam por incorporar-se habitualmente ao enfrentamento político.

Em 1945 se observa um enfrentamento entre forças sociais, gestado nos anos da Segunda Guerra Mundial: duas frações da burguesia conduzem o processo de luta de classes, no qual depois se lançam as demais frações.

A Segunda Guerra ampliou as condições do projeto da “burguesia nacional”, que cresceu ao compasso da política de substituição de importações e contra a qual se colocava a burguesia que conduziu o processo de industrialização ligado à agroindústria, que vinha se desenvolvendo desde o início do século, e portanto, estreitamente relacionada ao mercado mundial. A Segunda Guerra mudou, momentaneamente, as regras do jogo, na medida em que permitiu a emergência de outro modelo de acumulação, patrocinado por uma outra facção da burguesia.

O peronismo reúne as frações da sociedade às quais a guerra trouxe a possibilidade de expansão, sendo uma forma de deslocar a "burguesia pró-imperialista oligárquica" de sua tarefa de conduzir a forma de articulação da Argentina com o mercado mundial.

Por isso, a forma de romper essa aliança social, que continha os trabalhadores organizados sindical e politicamente e a esta burguesia tradicional, que se colocava junto aos aliados, foi o “nacionalismo”, que reuniu as frações da “Argentina capitalista” contra as frações da “Argentina dependente”.

Como manter a expansão do capitalismo nacional, nas novas condições internacionais?

Marín comenta: "Lo "nacionalista" pasa entonces a agrupar no sólo lo que era simpatía hacia el campo del 'eje' - formado por sectores de burguesia, pequeña burguesia y trabajadores - sino también a los sectores de burguesia y clase obrera que necesitaban para su existencia el mantenimiento de ciertas relaciones¹⁷ que la guerra habia otorgado, y que la 'paz' amenazaba quitarle."¹⁸

O "reformismo", por outro lado, reuniu aqueles que defendiam uma política anticapitalista, ou antinazista. Em geral, eram aquelas frações da classe trabalhadora mais ligadas ao campo socialista e, ainda, as frações progressistas da pequena burguesia."

A expansão do capitalismo nacional contém essas duas vertentes: nacionalismo e reformismo. E o peronismo sintetiza e reúne essas duas políticas.

¹⁷A segunda guerra aprofundou as condições de ampliação do modelo econômico baseado na substituição de importações, potencializando as possibilidades de uma industrialização leve. A partir desta situação é que se criam as condições de surgimento de uma aliança de classes cuja expressão no plano político é o peronismo.

¹⁸MARIN JUAN CARLOS, *Los hechos armados. Un ejercicio posible*, Buenos Aires, CICOSO, 1984, pag.48.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PERONISMO

A análise das causas e das condições de construção da força social que deu origem e conteúdo ao peronismo tem sido objeto de grandes discussões dentro da ciência social argentina. Por isso, queremos sintetizar o que acreditamos serem as análises mais substantivas, dentro das diferentes correntes.

Rodolfo Puiggrós observa: "En la génesis del peronismo se advierten dos singularidades que dejaron su marca en toda la trayectoria del gran movimiento de masas. La primera es su aparente repentismo o falta de causas inmediatas visibles,(...), los elementos ideológicos, políticos y sociales que integraron el peronismo se combinaron casi de golpe a partir de las postrimerias del año 1943. La segunda es que se produce dentro del orden establecido y por la conjunción de dos sectores sociales que se creían antípodas e incompatibles entre sí: el movimiento obrero y un nucleamiento nacionalista de las fuerzas armadas." ¹⁹

Puiggrós analisando o período que antecede o peronismo explica: "A la caída de Ortiz (...) concurrieron las siguientes contradicciones que definen ese periodo de transito entre la década infame y el peronismo:

1. La actividad de los partidos, orientada a la formación de un 'frente democrático antifascista' reproducía el antagonismo de la segunda guerra mundial

(imperialismos democráticos y URSS contra imperialismos nazifascistas) y no correspondía a la contradicción interna-externa principal de la sociedad argentina, contradicción que no se expresaba ni en ese 'frente' , ni en los nucleamientos a favor del eje Roma-Berlín-Tokio.

2. La contradicción principal se daba entre las causas internas y externas, entre el autodesarrollo económico, político y social del país y los monopolios extranjeros de poder que deformaban y estrangulaban ese autodesarrollo, a través de la minoría agroimportadora con su secuela de políticos, abogados, economistas y sociólogos.
3. Si bien en teoría no se diferenciaban los imperialismos democráticos de los nazifascistas en cuanto a sus objetivos de dominio del mundo, en la realidad específica de la Argentina los primeros (Gran Bretaña seguida de los EEUU) detentaban las palancas decisivas del funcionamiento económico-financiero del país (ferrocarriles, frigoríficos, bancos, seguros, comercio exterior, empréstitos).
4. Al trasladar mecánicamente al país el antagonismo mundial se hacía desaparecer de la superficie la contradicción entre la Nación Argentina y los imperialismos anglosajones, pero no se la suprimía porque estaba incrustada en los hechos.
5. La lucha contra el nazifascismo se prestó a una colosal maniobra táctica consistente en la exhibición de las potencias del eje Roma-Berlín-Tokio como los

¹⁹RODOLFO PUIGGRÓS, *El peronismo: sus causas.*, Buenos Aires, Puntosur Editores, 1988, pag.17

únicos imperialismos y en la desimperialización en el papel de los imperialismos democráticos.

6. La maniobra táctica tenía por objeto arraigar en la opinión pública la idea de que todo movimiento nacionalista emancipador y todo luchador por la independencia económica nacional traicionaban la causa de la democracia y quedaban calificados de nazi-fascistas, de lo que resultaba paradójicamente que los antimperialistas aparecían como imperialistas y los imperialistas como antimperialistas (de un lado el "nazi" Scalabrini Ortiz y del otro los "democráticos" directores de las empresas anglosajonas y los partidos Socialista y Comunista." ²⁰

É dentro desses conceitos que se fundamenta a explicação de Puiggrós, tanto sobre o deslocamento dos comunistas e socialistas da direção do movimento operário como sobre a consolidação da figura de Perón nesse quadro.

Segundo o autor, o erro fundamental da esquerda foi não ver que a contradição que marcava a luta de classes mundial não era a mesma que se verificava na Argentina. Por isso, ele vê como um equívoco a conciliação de entidades como União Democrática, aliança do Partido Socialista, Partido Socialista, União Cívica Radical e Democrata Peronista, com o apoio da Embaixada dos Estados Unidos.

Ao afirmar isso, assinala: "Los dos campos antagónicos - democracia o fascismo en el orden internacional, voto libre o fraude en la politica interna - se

entrecruzaban dentro del país. El aliadófilo y fraudulento Ortiz (sucesor de Justo) se encontró, al asumir el poder el 20 de febrero de 1938, ante la imperativa necesidad de optar y no podía hacerlo sin correr el riesgo de quedar solo, al perder el apoyo de quienes lo habían elevado a la primera magistratura.

Los espectaculares avances de la blitzkrieg hitleriana, la claudicación de las potencias occidentales en Munich y el estallido de la segunda guerra mundial con nuevas victorias del Eje en todos los frentes, alentaron las tendencias neutralistas y pronazis en las fuerzas armadas de la Argentina. Los militares que participaban de ellas y sus amigos "nacionalistas" se ilusionaron con la esperanza de que la derrota de los imperialistas anglosajones por los nazifascistas traería la emancipación de la Argentina del coloniaje. Así se explica su rompimiento con el aliadófilo Justo, su resistencia al aliadófilo Ortiz y su impugnación de la candidatura del aliadófilo Patrón Costas patrocinada por el vacilante Castillo. No advertían que sin lucha independiente del pueblo argentino por su emancipación nacional, el triunfo del Eje en la guerra y en el mundo hubiera traído el reemplazo de un imperialismo por otro. Mientras tanto la otra corriente, la aliadófila de las fuerzas armadas, se fraccionaba en fieles al fraude justista y partidarios de la pureza electoral." ²¹

Puiggrós, como muchos otros peronistas, usa como principal argumento para explicar la pérdida de la conducción del movimiento obrero por la izquierda, el hecho de que ella no dispusiera de una visión correcta de la situación política nacional, reproduciendo

²⁰ PUIGGRÓS *ibid.* pag 28 y 29.

²¹ PUIGGRÓS *ibid.* pag. 113.

contradições que só se verificavam longe do país. Acontece que os mesmos autores acabam por reconhecer que essas contradições existiam também dentro do país. *A política da neutralidade, no fundo, implicava tomar partido por um dos blocos enfrentados, embora não se reconheça que essa política é uma posição em um dos lados da polarização existente.*

Puiggrós toma como melhor exemplo para explicar a mudança de hegemonia dentro do movimento operário o caso Peter, por isso o descrevemos a seguir.

O CASO PETER

Peter era um dos exemplos da "nova classe operária", recém-chegada do interior. Filiou-se ao Partido Comunista em 1927, participando da formação da FOIC - Federación de los Obreros de la Carne - na década 30.

Em agosto de 1943, já sob o governo militar, preparava-se uma paralisação geral, sendo um de seus líderes o "Sindicato de la Carne". Naquele mesmo mês, a entidade havia paralisado os frigoríficos de Avellaneda, reivindicando aumento de salários, igual salário por igual trabalho para a mulher, reintegração do pessoal despedido e estabilidade no emprego. Peter foi preso pelo governo militar, depois da greve de agosto.

O FOIC aderiu em cadeia ao plano de greve, que apresentava, entre as reivindicações, a libertação dos presos políticos. Em primeiro de outubro, os dirigentes do sindicato transmitiram a Perón a exigência de que se libertasse Peter antes de se discutir a paralisação. No dia 2 de outubro, um avião militar enviado por Perón retirou o operário da prisão de Neuquen, levando-o para Buenos Aires. Em 3 de outubro, Peter foi recebido e carregado em vitória por uma legião de trabalhadores reunidos no Clube Esportivo Dock Sur.

Quando Peter tomou a palavra, pediu - e conseguiu - que se suspendesse a greve, considerando que as exigências haviam sido atendidas.

Segundo a interpretação de Puiggrós, mesmo atendendo as reivindicações dos trabalhadores, Perón se sentiu vitorioso, uma vez que o próprio Peter, em seu discurso, teve de admitir que “o governo apóia nosso movimento” e que se suspendia a paralisação “para facilitar a intervenção do governo na solução do conflito”.

Puiggrós observa, ainda: "Los argumentos esgrimidos por Peter para invitar a la vuelta al trabajo reflejan la línea política del Partido Comunista: los frigoríficos anglonorteamericanos contribuían al esfuerzo de las potencias aliadas en la guerra contra el nazifascismo y no debía malograrse ese esfuerzo con la paralización de los envíos de carnes. Pedía a los obreros sacrificios en momentos en que los frigoríficos ganaban sumas fabulosas.

En su despacho del Ministerio de Guerra, el Coronel Perón conminó a las empresas a aceptar el pliego de reivindicaciones de los obreros y les anunció que su intransigencia obligaría al gobierno a intervenir a los frigoríficos.

Al vencer Perón las resistencias de las empresas, Peter y los comunistas perdieron la dirección del Gremio de la Carne.

Días después, el 27 de octubre, Perón se hizo cargo del Departamento Nacional de Trabajo y Previsión. La fuente del poder estaba a su alcance. Repitió su política en los otros gremios con el mismo resultado. Los sindicatos autónomos reemplazaron a los sindicatos dirigidos por las fracciones comunistas , socialistas y sindicalistas."²²

Não só Puiggrós tem esta opinião, Aurelio Narvaja descreve em forma mais dramática: "Al gritar !Viva Perón! el proletariado expresa su repudio a los partidos pseudo-obreros cuyos principales esfuerzos en los últimos años estuvieron orientados en el sentido de empujar al país a la carnicería imperialista. Perón se les aparece , entre otras cosas, como el representante de una fuerza que resistió larga y obstinadamente esos intentos y como el patriota que procura defender al pueblo argentino de sus explotadores imperialistas .Ve que los más abiertos y declarados enemigos del Coronel lo constituyen en la cáfila de explotadores que quieren

²² NARVAJA AURELIO, *La capitulación de los socialistas y stalinistas ante el imperialismo explica el apoyo obrero a Perón*, en *Cuarenta años de peronismo*, Buenos Aires, Ediciones del Mar Dulce, 1985.

enriquecerse vendiéndole al imperialismo anglo-yanqui, junto con la carne de sus novillos, la sangre del pueblo argentino." ²³

A seguir, lemos: "Pero la huelga del gremio metalurgico en junio de 1942 puso al desnudo la traición de la dirección comunista. (...) se lanzó la gran huelga metalúrgica de junio de 1942 en la cual participábamos. Yo trabajaba en Catita y tuve una actuación intensa en el movimiento. La dirección comunista del gremio frenó por todos los medios el estallido de la huelga y su continuación victoriosa. Como el Partido Comunista era el principal propagandista del ingreso argentino en la guerra mundial, con el pretexto de que la intervención de la Union Sovietica en la guerra cambiaba su naturaleza histórica y dejaba de ser, como lo había enseñado Lenin, una guerra imperialista para transformarse en una guerra por la libertad y la democracia, todos los movimientos huelguísticos Argentinos eran frenados por los comunistas con la argucia de que no había que 'provocar dificultades a la industria' de capitales angloyanquis porque podían dificultar 'el triunfo definitivo sobre el nazismo'. Esto, por supuesto, no lo entendían los trabajadores que solamente deseaban trabajar lo suficiente para mantener a sus hijos y que odiaban con toda la fuerza de su corazón a los explotadores nacionales y extranjeros lo mismo que a la sangrienta guerra imperialista. Pero el movimiento huelguístico ya estaba en la calle y los comunistas no tuvieron más remedio que acceder a las demandas obreras. Ahí se originó la enorme sorpresa con que la prensa imperialista acogió la Asamblea General del gremio metalúrgico en el Luna Park." ²⁴

²³ NARVAJA op. cit.

²⁴ PERELMAN op. cit.

Narvaja conta que os comunistas defendiam a não-paralisação nas empresas democráticas, tais como Siam Di Tella, já que, fazendo parte do movimento antifascista (Torcuato Di Tella era dirigente de "Italia Libre", um setor da comunidade italiana antifascista), mereciam maior consideração do que as empresas aliadas com o Eixo.

Perelman diz, concluindo: "El antifascismo del proletariado no tiene nada en común con el de sus "democráticos " explotadores. El de estos significa la defensa de la explotación proletaria y del régimen capitalista. El del proletariado, la lucha contra la burguesía, su régimen y por el socialismo.

Pero la patronal metalúrgica hizo oídos sordos a esta tierna llamada de los comunistas para que fuera comprensiva con las demandas obreras. Los patrones - democráticos o nazis - eran sobre todo patrones y en eso no se diferenciaban ni los democráticos ni los nazis ni los nacionales ni los extranjeros." ²⁵

Como vemos, as diferentes posições peronistas criticam severamente os comunistas por se alinharem na luta interburguesa. O problema é que não conseguem fazer autocrítica: eles próprios também se alinham nessa luta. Não importa se certos ou errados, os dois lados se alinham no conflito interburguês que definia a luta de classes em escala mundial.

Se, para Perelman, todos os patrões "eran sobre todo patrones", razão pela qual não se diferenciavam entre si, por que aceita como política proletária autônoma a adesão ao peronismo? Evidentemente, existe uma contradição entre o que se faz e o que se diz que faz, já que os sindicalistas peronistas, de acordo com a política policlassista, aliam-se a alguns "patrões", mesmo criticando essa posição. Existe uma ambigüidade intrínseca no peronismo, que se configura não só no tipo de aliança de classe que defende, mas pelo tipo de política que supunha.

Perón, em discurso proferido no Primeiro de Maio de 1944, declara: "Buscamos suprimir la lucha de clases suplantándola por un acuerdo justo entre obreros y patrones al amparo de la justicia que emana del Estado." ²⁶

A ideologia peronista distinguia, entre os diferentes tipos de capital, o que classificava como explorador e desumano e o que, segundo ela, desempenhava um papel socialmente responsável e progressista, comprometido com o desenvolvimento da indústria nacional. Perón defende:

"El capital internacional es instrumento de explotación, y el capital patrimonial lo es del bienestar, el primero representa por lo tanto la miseria mientras que el segundo la prosperidad." ²⁷

²⁵ PERELMAN op. cit. pag. 48

²⁶ PERALTA RAMOS MONICA, *Etapas de acumulación y alianzas de clase en la Argentina, 1930-1970*, Buenos Aires, 1972, pag. 120. Quem analisa também a ideologia justicialista é CIRIA ALBERTO, *Perón y el Justicialismo*, Buenos Aires, 1974.

Analizando esas premissas, James nos diz que “la ideología peronista también subrayaba que los intereses de la Nación y su desarrollo económico debían identificarse con los de los trabajadores y sus sindicatos. Se entendía que los trabajadores compartían con el capital nacional, no explotador, un interés común en la defensa del desarrollo nacional contra las depredaciones del capital internacional y su aliado interno, la oligarquía, que querían impedir el desarrollo independiente de la Argentina.”²⁸

O peronismo, por definição, admitia a possibilidade da conciliação de classes, como norma, o que representou uma ruptura com a tradição do sindicalismo pré-peronista e uma mudança fundamental na hegemonia dentro do movimento operário.

²⁷ PERALTA RAMOS op. cit.

²⁸ JAMES DANIEL *Resistencia e Integración. El peronismo y la clase trabajadora argentina 1946-1976*, Buenos Aires, Editorial Sudamericana, 1990, pag.51.

A MUDANÇA DE HEGEMONIA DENTRO DO MOVIMENTO OPERÁRIO

Alguns autores, como Puiggrós, vêem no peronismo um movimento totalmente novo e espontâneo, e que implica uma ruptura entre uma velha e uma nova classe operária, entre os velhos e os novos dirigentes sindicais. A "nova classe operária" não se incorporaria à cultura política da "velha classe operária", já que esta última estaria longe de entender os verdadeiros problemas de classe, reproduzindo o estilo político do stalinismo, sem se dar ao trabalho, sequer, de adaptá-la à conjuntura argentina. Nesse modelo, os novos, mais espontâneos, são, dentro da classe operária, aqueles mais preparados para romper com o imobilismo e os interesses imediatos, características dos velhos, alienados por uma orientação reformista que os leva a colaborar com as classes dominantes. Isso explicaria o caráter "revolucionário" do peronismo.

Outros autores, que enfatizam o caráter revolucionário do peronismo assinalam: "La otra ala del movimiento obrero del país está dada por el caudal de los jóvenes nativos descendientes de los criollos y gauchos de las montoneras que bajan a la ciudad puerto. Son ellos los que se ven obligados a levantar las denominadas "villas miserias" por la carencia de viviendas. Sus brazos fuertes se tornan hábiles al contacto con las máquinas y herramientas mecánicas. Poseen una mentalidad virgen sin mayor experiencia y conciencia de su ubicación como clase en la sociedad moderna. Hasta la tradición de sus antepasados se halla quebrada por el triunfo de la oligarquía porteña que había arrasado con el interior. Arrinconados en su terruño, puestos de espaldas al país, olvidados, relegados por la minoría capitalina que monopolizaba todo, traen un

resorte poderoso que al ser puesto en libertad, configura el verdadero rostro de nuestro pueblo, amordazado desde hacía 80 años. La fuerza de estos hombres provenía de las mismas entrañas de la tierra y del pueblo argentino y ellos los capacita a marcar un nuevo rumbo nacional."²⁹

Jorge Abelardo Ramos nos diz: "De las provincias mediterráneas bajaron los 'cabecitas negras' (...) Los rústicos pastores criollos descendientes del montonero epónimo se trocaron en obreros industriales y constituyeron la espina dorsal de nuestro joven proletariado. Venían sin tradición sindical ni política, elevados, en la escala de la civilización al pasar del campo a la ciudad, envueltos en un nacionalismo elemental, vernáculo, ingenuo y hondo, que debía chocar, necesariamente con las formas políticas arcaicas y europeizantes de los partidos sobrevividos en la ciudad-puerto."³⁰

Essa preocupação em encontrar dentro de um processo de heterogenização da classe operária as bases sobre as quais se estruturou a viabilidade política do nacionalismo popular, orienta não somente as posições habituais da literatura sociopolítica argentina, mas também as que se observam na literatura sociológica tradicional que se ocupa do tema, de Gino Germani a Torcuato Di Tella, por exemplo.

²⁹ BELLONI ALBERTO , *Peronismo y socialismo nacional*, Buenos Aires, 1962 pag. 13

³⁰ RAMOS JORGE ABELARDO , *De octubre a Septiembre*, Buenos Aires, pag. 342.

Nessa linha também se explica o surgimento do peronismo a partir da distinção “velha” e “nova” classe operária, em diferentes análises e com significados distintos.

Um dos pontos centrais para a distinção entre "velhos" e "novos" é a dicotomia entre tendências à ação autônoma e tendências à ação heterônoma, que caracterizariam os respectivos comportamentos políticos.

Em geral, diz-se que esses novos operários, em grande número, privados de suas antigas condições de existência, estariam mais sujeitos à manipulação. Seriam "massas disponíveis", que, ante a ruptura com a própria identidade, assumem posição heterônoma, também política e culturalmente. Segundo esse enfoque, ao participarem de um grande movimento popular essas massas estariam buscando, basicamente, a satisfação emotiva.³¹

*Em resumo, essas correntes explicam a participação da classe operária no populismo a partir da manipulação, que seria o elo básico que sustentaria o relacionamento do líder com as massas.*³²

Consideramos que a explicação central está na relação entre populismo e modelo de desenvolvimento, ligado a determinados interesses de classe.

³¹ GERMANI GINO, *Política y Sociedad en una época de transición*, Buenos Aires, 1962, pag. 131.

³² GERMANI op.cit. pag 248

Essas duas abordagens coincidem, por atribuírem características contraditórias aos operários velhos em relação aos novos.

Os primeiros teriam construído um marco normativo estável, a partir do qual se poderiam demarcar interesses específicos próprios, buscando-se formas organizativas adequadas a esses interesses. Assim, as ações políticas desses grupos podem ser definidas conceitualmente dentro do modelo clássico das orientações operárias, de acordo com tradição e culturas políticas que se destacam na teoria da luta de classes.

Os operários novos não seriam capazes de desenvolver um programa próprio de reivindicações, incluindo autonomia, nem de fixar metas além do curto prazo. Essa incapacidade de assumir postura autônoma se projetaria no plano institucional.

A atitude heterônoma estaria ligada às necessidades de participação efetiva numa ordem social e, ao mesmo tempo, de resolver problemas imediatos. A heteronomia, o imediatismo e a falta de uma estrutura normativa levariam essa fração da classe trabalhadora à passividade e à tendência a se deixar manipular.

A situação anômica pela qual estariam passando, ao serem expulsos de suas condições originais de existência, somada a antigos resquícios de tradicionalismo, com a conseqüente relação patriarcal em que estiveram imersos, levaria aquele segmento da classe operária a integrar-se ao modelo nacional-popular,

dirigido por uma elite alheia à própria classe, e que depois lhes abrem canais de participação social e política, descartando, porém, qualquer possibilidade de autonomia de classe.

Os velhos operários estariam na situação oposta, já que, dispondo de um ponto de referência claro e autônomo, construído a partir da ampla experiência de luta, teriam percepção clara de sua localização dentro da sociedade em termos de classe social, o que os permitiria definir objetivos e tarefas políticas estratégicas, e não apenas conjunturais, auto organizando-se em torno de entidades de natureza associativa e política.

Acreditamos que as posturas teóricas antes descritas sustentam-se em uma caracterização incompleta da origem do populismo, negando, às vezes, a existencia de processos que de fato se verificaram, e atribuindo um peso excessivo a certas circunstâncias, tais como a incorporação de novos contingentes de trabalhadores.

Murmis e Portantiero discutiram essas posturas observando: "... el objeto de nuestro informe es presentar un panorama del papel de los sectores obreros en el surgimiento del peronismo que girará, básicamente, alrededor de tres hipótesis:

1. que en el surgimiento del peronismo tuvieron una intensa participación organizaciones y dirigentes del sector de obreros "viejos";

2. que es difícil otorgar la caracterización de pasiva, heterónoma y con miras de corto alcance a la participación obrera en el proceso de constitución del movimiento nacional-popular;
3. que la participación conjunta de viejos y nuevos implicaba un proyecto social de cierto alcance y tenía como componente importante la continuidad programática con reclamos previos de las organizaciones obreras, del mismo modo que la posibilidad de participación obrera en una alianza policlasista era ya una tendencia con importantes antecedentes en el sindicalismo anterior al peronismo.³³

Esses autores consideram que, quando se deseja explicar o populismo na Argentina, é fundamental esclarecer quais foram os interesses que confluíram no movimento Peronista, frente a outras interpretações que enfatizam os elementos normativos que se apresentam como condição do populismo, entendido como manifestação de heteronomia operária para as sociedades nas quais ocorre crescimento industrial rápido em uma etapa tardia de desenvolvimento do capitalismo.

³³ MURMIS/PORTANTIERO, op. cit.

No processo genético do populismo, a Argentina, tal como destacamos, apresenta características distintas das que se verificam em outros países: a organização sindical não é uma criação do peronismo. Antes dos anos 40, já exhibe uma rica história de lutas, bem como uma estrutura que antecede o intervencionismo do governo.

O processo de desenvolvimento econômico, a industrialização substitutiva, tampouco começa com o peronismo. **Podemos dizer que, na Argentina, houve um processo de exploração “nua”, sem intervencionismo nem proteção estatal. Assim, surge o modelo nacional popular de organização do social.**

Esse período de exploração sem participação seria uma das características fundamentais do peronismo, já que nos fala de uma conformação específica de sindicalismo, moldada nessas lutas.

Murmis e Portantiero resumem assim suas conclusões: "Nuestra conclusión es que en el proceso de génesis del peronismo tuvieron una intensa participación dirigentes y organizaciones gremiales viejas, participación que llegó a ser fundamental a nivel de los sindicatos y de la Confederación Nacional del Trabajo y muy importante en el Partido Laborista.

Este acento puesto en la actividad de los dirigentes y organizaciones tradicionales en los orígenes del peronismo no significa descartar en absoluto el papel

jugado por los obreros recién incorporados a la industria y por los gremios que efectivamente se organizan después de 1943, sino relativizarlo en favor de una aproximación relativa al problema de la participación obrera en el peronismo que más que subrayar la división interna de la clase obrera, toma como punto de partida su opuesto: la unidad de la misma como sector social sometido a un proceso de acumulación capitalista sin distribución del ingreso, durante el proceso de industrialización bajo control conservador que tiene lugar durante la década del 30.

El supuesto que se halla detrás de este enfoque es que previo al populismo, se desarrolló en la sociedad argentina **un proceso de crecimiento capitalista sin intervencionismo social** y que esta situación determinó la configuración de un monto de reivindicaciones típicamente obreras que abarcaban al conjunto de la clase trabajadora, demandas que el sindicalismo trató de satisfacer sin éxito hasta que entre 1944 y 1946, por acción de definidas políticas estatales, esta serie reivindicativa va encontrando solución, lo que se traduce en una inversión de las tendencias de distribución del ingreso nacional. Sobre esta base, la mayoría de los sindicatos -viejos y nuevos- articulan una política de alianzas con un sector del aparato del Estado, sin abdicar durante ese proceso y por el contrario reforzando - tal como lo indica la creación del Partido Laborista- sus pretensiones tradicionales de autonomía e independencia frente a otros sectores sociales.³⁴

³⁴ MURMIS/PORTANTIERO, op. cit. 76 y 77.

Concordando com essas conclusões, cremos que a importância do **movimiento sindical argentino anterior aos anos 40 dá ao peronismo um caráter claramente distinto em relação a outros tipos de populismo**. A imagem de um Estado criador de sindicatos - em que o líder demagógico manipula as massas, de dirigentes sem experiência a organizarem os novos contingentes de trabalhadores recém-urbanizados, sem nenhuma tradição política ou associativa anterior, sem qualquer consciência de autonomia - está longe de explicar o caso argentino.

Horowitz também defende essa posição: "La continuidad a la que nos estamos refiriendo también ha sido oscurecida por lo que se ha convertido en la tesis "ortodoxa" , en la explicación de cómo Perón fué capaz de llegar al poder y controlar al movimiento obrero. En esencia, esta tesis sostiene que la antigua estructura sindical fue arrollada por las decenas de miles de migrantes internos de origen rural que afluyeron hacia las ciudades y no pudieron integrarse en los sindicatos.

Según una de las variantes de esta hipótesis, el apoyo que los migrantes internos brindaron a Perón fue resultado de falta de sofisticación política, circunstancia que hizo de ellos los receptores ideales de su estilo paternalista. Los políticos e intelectuales peronistas no rechazaron los lineamientos centrales de esta hipótesis pero, en lugar de sostener que los nuevos obreros eran ingenuos, afirmaron que los migrantes internos eran más argentinos que los inmigrantes que supuestamente dominaron al movimiento obrero anterior a 1943. La idea de ruptura total con el antiguo movimiento también resultaba atractiva porque los peronistas

estuvieron siempre listos a atribuirse el mérito de haber creado el movimiento obrero en Argentina.³⁵

Autores como James, embora não expliquem o surgimento do peronismo exclusivamente a partir da distinção entre velha e nova classe operária, também aceitam uma explicação normativa para a adesão em massa do movimento operário ao peronismo. “Al resumir nuestro análisis de la naturaleza de la experiencia peronista para los trabajadores argentinos en el período 1943-1945 debemos empezar por señalar lo obvio: el peronismo marcó una coyuntura decisiva en la aparición y formación de la moderna clase trabajadora argentina. Su existencia y su sentido de identidad como fuerza nacional coherente, tanto en lo social como en lo político, se remonta a la era de Perón. (...)”

(...) La clase trabajadora no llegó al peronismo plenamente formada y se limitó a adoptar esa causa y su retórica como el más conveniente de los vehículos disponibles para satisfacer sus necesidades materiales. En un sentido importante, *la clase trabajadora misma fue constituida por Perón*. (...) Había en juego indiscutiblemente un proceso de interacción en dos direcciones, y si bien la clase trabajadora fue constituida en parte por el peronismo, éste fue a su vez en parte creación de la clase trabajadora.”³⁶

³⁵ HOROWICZ JOEL, *Impacto de las tradiciones sindicales en La formación del Sindicalismo peronista*, en compilación de TORRE JUAN CARLOS, Buenos Aires, Legasa, 1988.

³⁶JAMES op. Cit. pag. 55 y 56.

Apesar de James questionar a postura teórica da visão sociológica tradicional (Germani), que vê em Perón o líder carismático que manipula as massas disponíveis, não deixa de considerar que o movimento operário argentino teve origem no peronismo, com o qual se identificou em termos de valores e de discurso.

James considera que “...la década infame fue experimentada por muchos trabajadores como un tiempo de frustración y humillación profundas, sentidas colectiva e individualmente.”³⁷ Formas de cultura popular, como o tango, expressariam mais que nunca as imagens de amargura e resignação. “En muchos tangos de Discépolo la figura crucial es el “gilito embanderado”, el iluso que trata de vivir honestamente, o más aún, es lo bastante ingenuo como para imaginarse que podrá cambiar un mundo injusto. El propósito del tango es, entonces, desengañarlo de sus ilusiones, enfrentándolo con una realidad donde “(si) aquí ni Dios rescata lo perdido.”³⁸

A década Infame seria um período em que o silêncio era a expressão dos setores populares. “En particular, podemos apreciar la imagen de silencio que pasa de uno a otro: ‘Tenés que quedarte callado, no hablar’, ‘un obstinado silencio’, o la respuesta de Don Ramiro cuando se le preguntó que hacía frente al poder de los caciques políticos: ‘Nada. Volver a casa. Tal vez quejarme a los amigos’. La capacidad del discurso peronista para articular esas experiencias no formuladas, constituyó la base de su poder, autenticamente herético. (...)

³⁷JAMES op. cit. pag 40-41.

³⁸JAMES op. cit. pag. 42.

El ejemplo más famoso sin duda reside en las implicaciones asignadas a la palabra “descamisado”. Este vocablo había sido utilizado inicialmente por los antiperonistas, antes del triunfo electoral de Perón, como calificativo de los trabajadores que lo apoyaban. La explícita connotación de inferioridad social, y por lo tanto política y moral, se basaba en un criterio de valor social que tomaba uno de los signos más evidente del status de la clase trabajadora - las ropas de trabajo- y lo presentaba como insignia evidente por sí misma , de inferioridad. El peronismo adoptó el término e invirtió su significado simbólico, transformándolo en afirmación del valor de la clase trabajadora. Esta inversión fue magnificada mediante la adhesión del término “descamisados”, en la retórica oficial, a la figura de Eva Perón, protectora titular de aquellos.”³⁹

Consideramos que, embora questione a explicação normativa como origem do peronismo, James termina por cair numa análise similar. Se não é pela disponibilidade que as massas se incorporam ao peronismo é pelo discurso, que expressa suas referências simbólicas. **Acreditamos que a base sobre a qual se constrói a originalidade do peronismo é, por um lado, a particular relação que se deu, na Argentina, entre populismo e o modelo de desenvolvimento ligado a determinados interesses de classe, e por outro, a história política do movimento operário.**

³⁹JAMES, pag. 46. Neste trecho, o autor cita algumas entrevistas a protagonistas da época, desenvolvidas na extensão nas páginas anteriores.

Não concordamos com as análises que vêem a passividade e a manipulação como relação central entre o movimento operário e Perón. O sindicalismo se incorpora à aliança peronista com uma política proletária própria. Superdimensionar sua força e capacidade de impor uma política, e ao mesmo tempo subestimar o poder da figura de Perón, levou a que perdessem a iniciativa e a condução na construção dessa aliança.

O SINDICALISMO PRÉ-PERONISTA

O ciclo de industrialização controlado pelo conservadorismo na Argentina dos anos 30 exerceu influência sobre as forças de trabalho com maior acesso às condições dos processos de industrialização clássicos num nível maior do que o normalmente observado em países dependentes. Queremos dizer que, na Argentina, não se verificou um processo simultâneo de industrialização e distribuição, mas sim o clássico processo de acumulação baseado na exploração do operariado.

Esse processo teve conseqüências importantes na história do sindicalismo desse período.

Entre 1930 e 1935, a capacidade de negociação do sindicalismo foi duramente golpeada pelo duplo poder que o capitalismo possui, de disciplinar a força de trabalho, e que se sustenta na manutenção da taxa de desocupação e uso de medidas repressivas. Esse é um momento de grande debilidade do movimento operário, que se mostra incapaz de enfrentar as conseqüências da crise econômica.

Um dirigente sindical da época analisa: "Con la desocupación obrera total en unos casos, parcial en otros, el movimiento sindical que estaba resentido por luchas internas agudizadas en su última década, había venido a menos. Disminuido tornábase ilusoria toda actividad y desde 1930 a 1935 escasas eran las que reunían condiciones de realizar acción alguna en defensa de sus afiliados. Los ferroviarios,

cuya organización mantenían intacta, viéronse obligados a aceptar serias reducciones en su jornada de trabajo con la consiguiente merma de sus salarios: los trabajadores de la industria habían perdido muchas ventajas logradas en años anteriores. Las pocas organizaciones que se arriesgaban a la acción sólo obtenían limitados resultados. Destacáronse en este sentido las de los obreros de la madera, del calzado, del servicio telefónico y de la construcción." ⁴⁰

Em 1935, essa situação começa a mudar. O ritmo da ocupação cresceu continuamente, fortalecendo a capacidade de negociação do sindicalismo. Do ponto de vista institucional, isso implicou mudanças na direção da CGT.

Ao final do ano de 1935, os delegados da Unión Ferroviaria, da Fraternidad, da Confederación General de Empleados de Comercio, da Asociación de Trabajadores del Estado e da Unión Obreros y Empleados municipales - as entidades mais importantes - desautorizaram as lideranças da CGT e nomearam uma Junta Provisória, com a principal tarefa de convocar um congresso constituinte da central trabalhadora.

Quais eram as causas desse enfrentamento? ... "el principal argumento manejado por los dirigentes de las organizaciones sindicales más poderosas - controlados por afiliados o simpatizantes del Partido Socialista - era que la CGT había encubierto con la consigna de "prescindencia política" una actitud conciliadora frente a los gobiernos de Uriburu y Justo.(...)

⁴⁰MAROTTA SEBASTIAN , *Argentina 1930-1960*, Buenos Aires, Ed Sur, 1961.

De esta crisis de finales de 1935 quedará por un lado, la CGT, desde entonces controlada por los socialistas y la Unión Sindical Argentina, reconstruida tras su disolución a mediados de la década anterior, en la que participarán los sindicatos desalojados de la dirección de la CGT y otros gremios, sobre todo del anterior, que no aceptaban la supremacía socialista, propugnando en cambio una orientación de tipo sindicalista, deslindando la acción de la de las agrupaciones políticas. La USA irá perdiendo paulatinamente importancia y a principios de la década del 40 sólo contará con 14.000 afiliados contra más de 300.000 de la CGT."⁴¹

A desocupação começa a diminuir, porém os salários reais estacionam ou caem, aumentando as reivindicações insatisfeitas. O momento também favorece o fortalecimento das condições de organização: criam-se novos sindicatos em ramos da indústria, ao mesmo tempo em que se formam federações nacionais.

Os comunistas começam a participar da direção da CGT, a partir de sua influência em novas federações nacionais, como as dos metalúrgicos e trabalhadores da indústria têxtil.

En síntese, as tendências predominantes no sindicalismo no início da década de 40 são as seguintes:

⁴¹MURMIS/PORTANTIERO, op. cit. pag 84 y 85.

- a CGT comportava a maioria dos trabalhadores sindicalizados. De sua direção participavam socialistas, sindicalistas e comunistas;
- a USA, cujos dirigentes eram sindicalistas; e
- os sindicatos autônomos, também com uma política sindicalista.

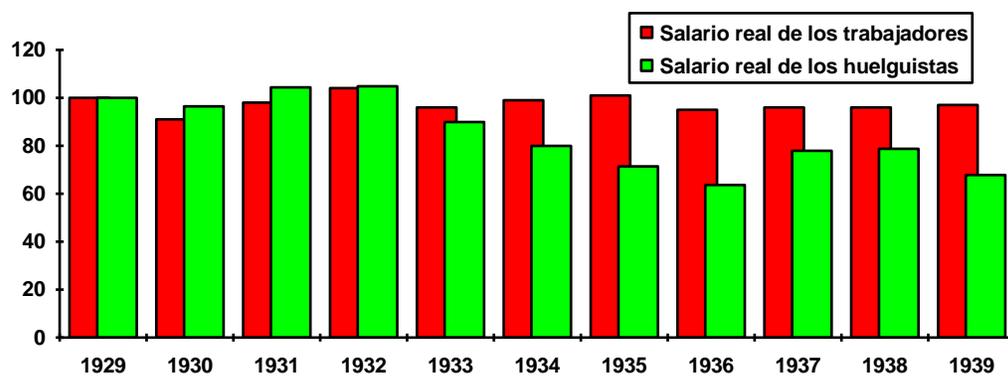
O processo de aumento da ocupação se acelera no período anterior ao golpe de 1943, porém, conforme assinalamos, o tipo de acumulação capitalista dos anos 30 se dá sobre a base de uma exploração intensiva da força de trabalho. A grande quantidade de reivindicações, somada às altas taxas de ocupação, reforçou a possibilidade de uma ação sindical, o que se expressou no aumento das organizações sindicais e em sua capacidade de mobilização.

Alguns dados podem ilustrar esse processo:

SALÁRIO DOS TRABALHADORES EM GERAL E DOS TRABALHADORES GREVISTAS

Ano	Salário real dos trabalhadores	Salário real dos grevistas
1929	100	100
1930	91	96,43
1931	98	104,33
1932	104	104,78
1933	96	89,91
1934	99	79,91
1935	101	71,40
1936	95	63,66
1937	96	77,90
1938	96	78,71
1939	97	67,82

Fonte: Estatística das greves, cit.⁴²

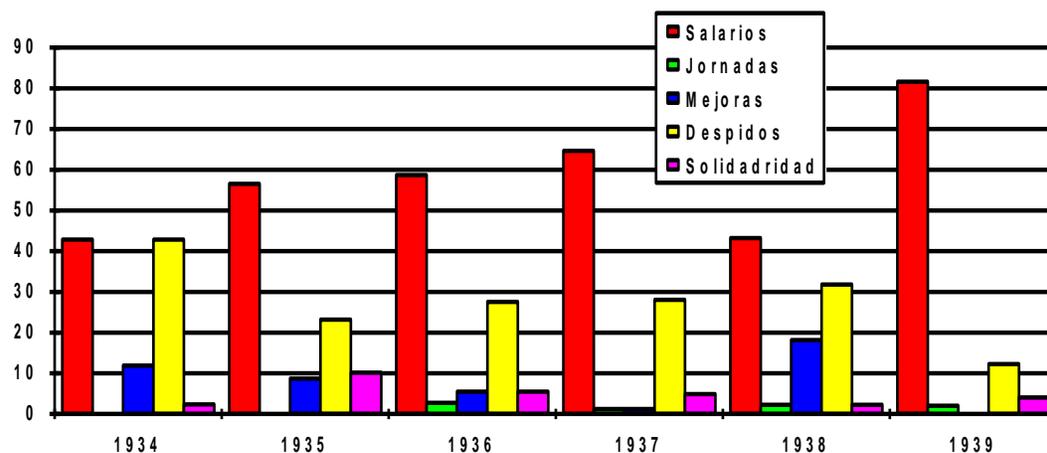


⁴²MURMIS/PORTANTIERO, op. cit. pag 87

CLASSIFICAÇÃO DE REVINDICAÇÕES QUE ORIENTAM AS GREVES (em %)

Ano	Salários	Jornadas	Reajustes	Despedidos	Solidaried.
1934	42,86	-	11,90	42,86	2,38
1935	56,52	-	8,70	23,19	10,14
1936	58,72	2,75	5,50	27,52	5,51
1937	64,64	1,22	1,22	28,05	4,87
1938	43,19	2,27	18,18	31,82	2,27
1939	81,63	2,04	-	12,25	4,08

Fonte: Estatística das greves, cit. pag. 45.⁴³



⁴³MURMIS/PORTANTIERO, op. cit. pag. 88

A crescente mobilização operária não encontra os resultados procurados, já que se perde uma alta porcentagem das greves, o que faz aumentar a insatisfação e eleva o nível das tensões. O processo se acentua em 1940 e atinge o ponto máximo em 1942, último ano antes de se constituir a aliança nacional-popular.

Todo o período que vai desde 1939 - quando a Guerra Mundial alavanca o processo de industrialização substitutiva - caracteriza-se por um aumento constante dos níveis de emprego, ao mesmo tempo em que o salário real se mantém congelado ou evolui muito pouco. Isso leva a uma exacerbação dos conflitos e a uma mobilização da classe operária que atinge o ponto máximo em 1942.

*GREVES*⁴⁴
(N.I. = 1939 = 100)

Ano	Greves		Jornadas perdidas		Grevistas	
	N	NI	N	NI	N	NI
1939	49	100	241.099	100	19.718	100
1940	53	108,16	224.599	93,16	12.721	64,51
1941	54	110,20	247.598	102,70	6.606	33,50
1942	113	230,61	634.339	263,10	39.865	202,18

Fonte: Dirección de Estadística Social, Investigaciones Sociales, 1943/45, pag.55 ⁴⁵

⁴⁴MURMIS/Y PORTANTIERO , op. Cit. pag. 89.

⁴⁵MURMIS/PORTANTIERO, op. cit., pag.90

"El año 1942 alcanzó valores en materia de número de huelgas y de jornadas perdidas que no fueron superadas en los años sucesivos; ni aún en 1945. El total de huelgas fue de 113 y abarcaron 39.685 huelguistas, alrededor del 60 % del total de trabajadores de las empresas en conflicto. (...)

De las 113 huelgas, 70 fueron motivadas por reivindicaciones salariales, 3 por problemas relativos a la jornada de trabajo, 9 referidas a mejoras en las condiciones de trabajo, 29 a problemas de despido... y 2 a solidaridad. En cuanto al total de los huelguistas involucrados, el 89,42 % tuvo como motivación reclamos de tipo salarial.

Desde el punto de vista de la experiencia obrera, en 1942 como en años anteriores, el crecimiento de la combatividad no trajo aparejado éxitos inmediatos: sólo un 10 % de los huelguistas triunfaron en sus demandas." ⁴⁶

Desse modo, o golpe militar de 1943 encontra uma classe operária que, embora houvesse intensificado a mobilização em defesa de seus interesses, não conseguira resolver os problemas pelo atendimento de suas reivindicações. O crescimento do grau de combatividade e da organização são tão grandes como o acúmulo de reivindicações insatisfeitas.

No nível institucional, a CGT se encontra de novo dividida em dois setores, que reiteram as discussões do ano de 1935.

A CGT Nro. 1, encabeçada pelo socialista Domenech - secretário da Union Ferroviaria -, defendia a independência da organização sindical com os partidos políticos. A CGT Nro. 2 reunia os sindicatos dirigidos por afiliados socialistas ou comunistas mais integrados à estrutura partidária. Ambas CGTs têm atitude de expectativa diante do novo governo. Apesar disso, a CGT 2 é fechada e a CGT 1 sofre intervenção. Por decisão dos interventores, La Fraternidad e Union Ferroviaria - os sindicatos mais fortes - rompem com a CGT um, esvaziando a entidade.

Os sindicatos ligados à CGT 1 que se mantinham livres da intervenção decidem reconstruir o secretariado e mantêm a confederação funcionando.

Em outubro desse ano, o coronel Juan Perón é designado diretor do Departamento Nacional del Trabajo. Um mês depois, cria-se a Secretaria de Trabajo y Previsión, cujo comando também pertence a Perón. Os interventores da Union Ferroviaria e de La Fraternidad deixam suas funções, sendo substituídos por Domingo Mercante, outro militar, muito próximo de Perón, que assim assume o controle dos sindicatos. A partir desse momento, inicia-se uma nova etapa das relações do sindicalismo com o Estado, que criará as condições políticas para a aliança que define o peronismo.

⁴⁶MURMIS/PORTANTIERO, op. cit. pag 91.

LUTA INTERBURGUESA E HETERONOMIA OPERÁRIA

Com o deslocamento da corrente sindicalista da direção da CGT, em 1935, e a ascensão dos socialistas e comunistas, rompeu-se a tradição que o movimento sindical mantinha, de neutralidade política das organizações operárias. Em lugar disso, o movimento sindical defendia a unidade de princípio entre as garantias constitucionais e as reivindicações do trabalho. Essa nova orientação, inspirada na luta antifascista no final dos anos 30, ganhou reforço com o estilo autoritário do último período de restauração do poder conservador, sob a presidência de Castillo.

Com a revolução de Junho, o cenário muda. Os sindicatos se encontram com um governo cujas simpatias pelo fascismo são evidentes, porém, ao mesmo tempo, se mostra muito mais receptivo às reivindicações pelas quais, durante longos anos, o movimento operário vinha lutando. A cautela de que as organizações sindicais se cercam, ante o novo governo se deve, em parte àquela ambiguidade. Não custa esperar o advento de um regime democrático para se lançar em novas lutas: a "Secretaria de Trabajo" do governo, de fato, apresenta-se como um aliado no trabalho de conquista.

Angel Borlenghi, dirigente socialista da CGT 1 defende: "Se nos reprocha que gestionamos mejoras ante un gobierno "de facto" . El movimiento sindical tiene el deber de obtener todas las mejoras que pueda en beneficio de los trabajadores sin tener en cuenta el régimen de gobierno ni los hombres que lo desempeñan. Si los

trabajadores debieran esperar para formular sus reclamos a gobiernos intachables muy poco habrían avanzado en su larga lucha. Cuando en 1930 se estableció un gobierno "de facto", que se distinguió por reprimir al movimiento obrero y por entregarse amorosamente a los brazos de la oligarquía, vinieron acaso los constitucionalistas de hoy a decir que ese gobierno carecía de facultades legislativas ? Lo mismo sucedió durante los primeros meses de la Revolución de Junio, cuando se avasallaban los derechos del movimiento sindical, cuando se encarceló a numerosos trabajadores y se disolvieron sindicatos; entonces fue cuando menos fue censurado, porque las víctimas eran los hombres del pueblo. Cuándo comenzaron los ataques al gobierno actual ? Fue después de la creación de la Secretaria de Trabajo, cuando las fuerzas vivas vieron que esta nueva repartición escuchaba el reclamo justificado de los trabajadores; en ese momento es que aparecieron los constitucionalistas discutiéndoles el derecho a legislar. En esta materia, la clase trabajadora afirma que no tiene por qué tener escrúpulos de carácter constitucional, muy dudosos, respecto de las facultades del gobierno de facto para dar leyes en beneficio de los trabajadores."⁴⁷

Embora esta atitude de "neutralidade" já se foi vista no movimento operário, cremos que, nesse momento, expressa um tipo de política diferente, merecendo uma nova análise. Os dirigentes sindicais não estão buscando retrair-se no enfrentamento, mas sim assumindo uma posição autônoma ante a crescente polarização. Borlengui explica essa tática, quando diz: "No estamos conformes en que se hable en nuestro nombre; vamos a hablar por nosotros mismos. Y hemos resuelto que el movimiento sindical argentino, colocándose a la altura de los más adelantados

⁴⁷ Diario La Prensa, 13 de julio de 1945. Citado por TORRE JUAN CARLOS ,,"

en el mundo, gravite en la solución de los problemas económicos, políticos e institucionales de la República, y va a gravitar con absoluta independencia."⁴⁸

Reforçando essa hipótese, que sustenta que o movimento sindical mantém uma política autônoma até depois de instalado o peronismo no governo, Juan Carlos Torre assinala: "Durante los tres proximos meses (se refiere a agosto, septiembre y comienzos de octubre), las organizaciones obreras estarán conspicuamente ausentes de las calles. Las reticencias a proseguir con la campaña de movilización provenía de las dificultades que encontraban para erigirse en tercera fuerza, entre la elite militar y los sectores de la oposición." ⁴⁹

Somente quando os enfrentamentos que ocorrem dentro da força em que se encontra o governo levam ao desalojamento de Perón do poder é que os sindicatos entram diretamente em ação. Acontece que essa mudança na correlação de força debilitaria não só a sustentação das conquistas feitas, mas também a ampliação das mesmas.

Enquanto a central sindical se mantém neutra, a oposição organiza uma demonstração de força nas ruas de Buenos Aires: a Marcha de la Constitución y la Libertad congrega uma multidão que se mobiliza encabeçada por representantes de todos os partidos, unidos pela idéia de entregar o governo à Suprema Corte. O regime responde restabelecendo o estado de sítio, acompanhado da ocupação das

⁴⁸ BORLENGUI ANGEL op. cit.

⁴⁹ TORRE JUAN CARLOS , op. Cit. pag. 127

universidades, ou seja, volta à sua política repressiva, agora extensiva às fileiras do exército.

Em 9 de outubro a guarnição de Campo de Mayo pede a renúncia de Perón. Uma semana depois, na qual seus adversários não souberam explorar a vitória tática alcançada, pela mobilização operária, Perón volta ao poder.

Ainda na noite de 9 de outubro, no campo de esportes do Sindicato de los Cerveceros de Quilmes, realiza-se uma reunião para analisar o que acontecera durante o dia. O encontro reúne cerca de 70 dirigentes e militantes sindicais, que resolvem formar uma comissão para entrevistar-se com o titular da Secretaria de Trabajo y Previsión, para expressar-lhe solidariedade. Essa reunião foi muito importante, já que conseguiu aglutinar e juntar um conjunto de quadros sindicais, que, além de sua relação com Perón, carecia de qualquer outra forma de organização. Do encontro não participaram os membros do secretariado da central operária, o que explica a perda de liderança desse grupo, que aconteceria nos meses seguintes.

A comissão encontra-se com Perón ao meio-dia do dia 10, no escritório da rua Posadas, informando-o da solidariedade dos militantes reunidos em Quilmes e sugerindo-lhe que se despedisse dos trabalhadores naquela mesma tarde em um ato público. Perón aceita a proposta, começando os preparativos para organizar sua aparição. Ninguém pensou que se estivesse pondo em movimento o motor de uma reação popular que, sete dias depois, reverteria a ordem dos acontecimentos.

A consciência das massas trabalhadoras quanto à capacidade de contestação pública foi surgindo a partir da marcha e foi conquistando os dirigentes sindicais de forma progressiva, na medida em que estes constatavam, de um lado, a agitação que desencadeava nos meios operários a notícia do afastamento de Perón e, de outro, que havia possibilidades reais de exercer pressão sobre o governo militar, dentro do qual os aliados do ex-secretário do Trabalho ainda conservavam posições estratégicas.

Cinco horas depois de terminada a entrevista na rua Posadas, cerca de 70.000 pessoas se reuniram em frente as oficinas da Secretaría de Trabajo, expressando, em manifestação, a inquietude generalizada e, ao mesmo tempo, a obra de um eficaz aparato sindical.⁵⁰ Essa multidão operária, que recebe as palavras do emergente caudilho militar gritando "Perón Presidente" e "Un millón de Votos", fortalece o espírito dos organizadores do ato e lhes aponta a saída política que, de forma errática, por meses a fio, vinham buscando.

Enquanto um núcleo da velha guarda sindical procura sair do impasse refletindo o estado de ânimo dos trabalhadores, outros dirigentes preferem tomar distância e reposicionar-se diante da nova conjuntura política, como tradicionalmente havia feito o movimento operário em circunstâncias parecidas. Os ferroviários, por exemplo, justificavam essa atitude, alegando que não se barrara o acesso dos sindicatos ao governo. Por que, então, arriscar o futuro dos sindicatos

comprometendo-se com um homem cujo destino político estava aparentemente acabado?

Por outro lado, a oposição, acreditando que tinha mais força do que na realidade possuía, exigia a volta do exército aos quartéis e a entrega do poder à Suprema Corte. Essa renúncia a um acordo com o setor do Exército frustrou em poucos dias dois anos de luta, justamente no momento em que podia vencer. Tampouco surgiu dentro do governo uma condução política capaz de contornar as diversas pressões, encontrando uma forma alternativa que resolvesse a sucessão política com a saída de Perón.

Num momento em que a iniciativa se mantinha nas mãos do governo e da oposição, em que o movimento sindical não dispunha de uma estratégia unificada, a ausência de direção levou a um desgaste do qual Perón saiu vencedor.

A análise mais tradicional sobre os acontecimentos de 17 de outubro define-os como uma reação espontânea do movimento operário. Essa versão não considera todos os preparativos que desde alguns vários quadros sindicais faziam.

Concordamos com Juan Carlos Torre quando explica: "A los fines de la reconstrucción histórica que estamos realizando. los acontecimientos del día 16 son

⁵⁰ LUNA FELIX, *El 45*, Buenos Aires 1969 pag. 295-297

centrales. En primer lugar, porque cuestionan inapelablemente la versión que pretende que lo ocurrido el 17 de octubre fue un motín popular, que habría estallado al margen de las organizaciones, e impactado, en forma sorpresiva e incontrolada, la escena política.

Es verdad que el 15 y sobre todo el 16 hubo manifestaciones callejeras, lo cual podría llevar a ver la movilización del 17 como la condensación de una serie de iniciativas aisladas que ese día, ante la pasividad de los cuadros dirigentes habrían convergido finalmente sobre la Plaza de Mayo. Con respecto a los grupos obreros que el 16 llegaron al centro de la ciudad provenientes de la zona Sur, ya Cipriano Reyes ha aclarado que lo hicieron por desconocer la contraorden impartida al saberse la noticia del traslado de Perón al Hospital Militar. ***Lo cierto fue que hasta que el Comité Central Confederal no aprobó la huelga general, los trabajadores no se lanzaron masivamente a las calles. Quienes han enfatizado " la espontaneidad " de los sucesos del 17 no han reparado en un hecho que se impone de inmediato y remite directamente a la obra de la voluntad organizadora: la sincronización de la movilización obrera. Buenos Aires no era entonces, en pleno auge urbano, una ciudad de dimensiones tales en la que fuera concebible la propagación de un movimiento de masas por contagio. Si fue posible reunir la muchedumbre popular que se congregó en Plaza de Mayo fue porque en los distintos barrios de la ciudad y de la periferia fabril los comités de huelga surgidos en los días previos actuaron de forma coordinada.*** Por otra parte, en el mismo momento en que estos acontecimientos tenían lugar en la Capital Federal, movilizaciones similares se

llevarían a cabo a kilómetros de distancia, en las principales ciudades del interior, y esto no hubiera sido posible sin los enlaces existentes con los sindicatos provinciales.

Ahora bien, esta amplia red sindical el 16 de octubre, estuvo pendiente de lo que resolviera el Comité Central Confederal. Nadie había esperado, es cierto, la indicación de la central obrera para declararse en huelga. Pero todos los sindicatos, federados o autónomos, en el instante decisivo, dirigieron naturalmente la mirada hacia la CGT, buscando en ella la unidad de acción que garantizase la eficacia de la multiforme y extensa movilización obrera." ⁵¹

O impacto político da mobilização do 17 de outubro inspirou um sentimento de poder nas lideranças do sindicalismo tradicional, que consideraram uma vitória sua o retorno de Perón. Por isso, ante as eleições de fevereiro de 1946, resolveram fundar o Partido Laborista, convencidas de que a nova agremiação política não representaria apenas um grupo corporativo, mas sim uma força social que emergia. Entretanto, os acontecimentos de outubro deixaram uma idéia equivocada do que de fato seria a relação dos dirigentes sindicais com Perón. A enorme capacidade de organização que esses dirigentes tinham levou-os a acreditar que o retorno do ex-secretário de Trabalho foi obra exclusivamente deles.

A estrutura sindical que constituiu a base de sustentação do peronismo resultou de una alianza entre os sindicatos que haviam integrado a CGT um, os que

⁵¹ TORRE JUAN CARLOS , op. cit. pag 137.

integravam a USA e os autônomos - aos quais se juntaram as novas agremiações e aqueles organizados paralelamente aos sindicatos que compunham a CGT dois, estreitamente ligados ao comunismo e ao socialismo.

Esses são os grupos que se unificaram na conformação do Partido Laborista, e que verão na nova entidade a possibilidade de conquistar sua autonomia em relação aos partidos políticos e ao sindicalismo.

À medida que chegava o dia das eleições as frações que se opunham ao governo militar começavam a integrar-se à União Democrática, que, em 1942, havia tido como uma de suas molas propulsoras a própria CGT, tal como versa na resolução do II Congresso da Central.⁵² Três anos depois, somente uma minoria sindical se alinhará com os velhos partidos nesse projeto de aliança. O resto do sindicalismo, a grande maioria, colaborará na conformação de outra aliança.

A política dos sindicalistas mais ligados ao socialismo será a de promover a desfiliação de vários sindicatos da CGT: a Fraternidad, a Union Obara Textil e o Sindicato del Calzado, são alguns dos casos. A resposta da CGT foi criar grêmios paralelos.

A adesão das correntes majoritárias do sindicalismo ao peronismo acontece como uma forma de resposta da classe operária à ofensiva de grupos que

⁵²Confederacion General del Trabajo. Actas del Segundo Congreso Ordinario, Bs.As. 1943, pag. 134, citado por MURMIS Y PORTANTIERO.

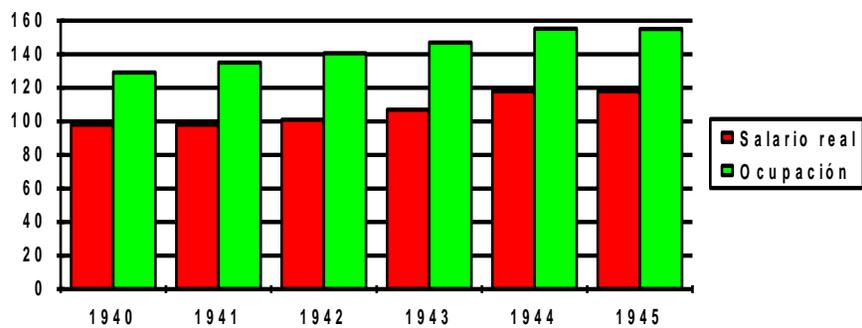
compunham a grande burguesia industrial, comercial a agrícola contra os direitos já conquistados pelos trabalhadores. Por isso é que se dá a grande mobilização do 17 de Outubro.

Essas mudanças de orientação, anunciadas pelo governo, foram interpretadas como o final de uma política de reformas graças às quais o sindicalismo havia conseguido satisfazer uma série de reivindicações postergadas. E mais, a partir da qual a CGT havia elaborado sua estratégia de apoio a um setor governamental.

Murmis y Portantiero assinalam: " Si en el periodo anterior, el crecimiento de la ocupación obrera como producto del proceso de industrialización no había traído aparejado una suba de los ingresos reales sino su estancamiento o aún su descenso, en el periodo 43/45 esta tendencia cambiará: a la par del crecimiento de la tasa de ocupación se operó, progresivamente, el del índice de los salarios reales, tal como lo indica la tabla:

*NIVEL DE OCUPAÇÃO E SALÁRIO REAL EM BUENOS AIRES
(1929=100)*

Año	Salario real	Ocupación
1940	98	129,18
1941	98	135,01
1942	101	140,63
1943	107	147,02
1944	118	155,24
1945	118	155,08



Fonte: Investigaciones Sociales, 1943/45 pag. 61 y 258 " 53

⁵³ MURMIS/PORTANTIERO op. cit. pag. 105

As conquistas trabalhistas não se restringiam à melhoria dos salários reais, mas estendiam-se às condições de trabalho, desde a assinatura de acordos coletivos até a aprovação de um conjunto de medidas legais que contemplavam praticamente todas as reivindicações da CGT desde a sua criação.

Era muito grande a quantidade de reformas que respaldavam a posição da CGT - em defesa da aliança populista, contra a aliança opositora da qual participava a minoria do sindicalismo. Aquelas reformas constituíam a base objetiva sobre a qual se poderia viabilizar a coalizão com a participação sindical que saiu vencedora nas eleições de 1946.

Foi essa percepção, reforçada pela possibilidade de autonomia em termos de organização e expressa, no plano político, pelo Partido Laborista, que levou a maioria dos velhos dirigentes sindicais a viabilizar as reformas mais importantes do nacionalismo popular na Argentina.⁵⁴

A pretensão de conduzir o novo processo no qual se ingressava naufragou frente a consagração plebiscitárias de Perón enquanto líder.

Isso foi o que descobriram os dirigentes sindicais quando, por ocasião da dissolução do Partido Laborista, ordenada por Perón, e a posterior cooptação da CGT, tiveram que abdicar suas pretensões quanto a autonomia.⁵⁵

⁵⁴ MURMIS Y PORTANTIERO, op. cit. pag. 106

⁵⁵ TORRE JUAN CARLOS op.cit. pag 146-147

A estratégia do primeiro governo peronista poderia resumir-se dentro do que conceituamos como “cidadanização” da classe operária. Consideramos um retrocesso significativo para a classe em seu conjunto a cooptação e desarme de uma política operária autônoma. **A legitimação dos interesses corporativos, em detrimento dos posicionamentos políticos que transcendessem as reivindicações econômicas, foi produto de longos anos de luta sem sucesso.** O fato de o peronismo ter conseguido subordinar uma tradição sindical combativa foi, na nossa opinião, uma derrota tática importante.

A década infame, com a corrupção institucional que a caracterizou, criou um clima de rejeição e descrença com respeito aos valores do liberalismo tradicional. James afirma: “El malestar político y moral acarreado por esta situación engendró una notoria crisis de la confianza que inspiraban las instituciones políticas establecidas y de la creencia en su legitimidad. El peronismo pudo, en consecuencia, reunir capital político denunciando la hipocresía de un sistema democrático formal que tenía escaso contenido democrático real. (...) El éxito de Perón con los trabajadores se explicó, más bien, por su capacidad para refundir el problema total de la ciudadanía en un molde nuevo, de carácter social.”⁵⁶

Perón redefiniu noções liberais de cidadania, incorporando à igualdade política, as dimensões da “justiça social”. O Estado seria o espaço no qual as classes

⁵⁶ JAMES op. cit. pag. 28 y 29.

podiam atuar política e socialmente, um lugar de arbitragem, identificado, além disso, com a figura de Perón.

Em uma das aulas que ministrou na “Escuela Superior Peronista”, e cujo objetivo era formar quadros, analisando o sistema de captação ou recrutamento, Perón nos diz: “Lo primero que hay que hacer es tener la masa, ya que para *“hacer guiso de liebre, lo primero que hay que tener es la liebre”*. Primero hay que formar el contingente que se vá a conducir, porque *el conductor solo no conduce nada*.

La conducción es posible cuando existe el objeto que se ha de conducir. Como atuamos nosotros para formar ese contingente ?Cuál fue el sistema de formación y reclutamiento ?

PRIMERO: CAPTAR A LA MASA

Yo empecé a realizar esto personalmente desde la Secretaría de Trabajo y Previsión.

Cuál era la orientación? La primera regla que yo cumplí fue: *decir la verdad y actuar sincera y lealmente*, porque sabía que la masa estaba descorazonada por la falta de sinceridad y lealtad y por la mentira permanente conque habían actuado antes que yo. *Le prometían todo y no le daban nada. Entonces yo emplee un sistema distinto. No prometer nada y darles todo*. En vez de la mentira, decirles la verdad. En vez de engaño, ser leal y sincero y cumplir con todo el mundo. (...)

Cuando empezamos nosotros a trabajar, recibimos a todo el que viniera, creando una organización que permitía a todos los argentinos,

pobres,ricos,malos,buenos,blancos o negros, que viniesen allí escucharnos. (...) Si llegaban diez, les hablaba; si llegaban dos, también les hablaba; si eran diez mil, mejor. Así el número fue creciendo, y cuando quise acordarme tenía el predicamento político que yo necesitaba para comenzar a accionar.

Yo siempre prefería, en vez de hablar a hombres, hablar a organizaciones. Por qué? Por la misma causa que cuando uno quiere juntar todas las hormigas, no las agarra de a una, sino que va al hormiguero y las agarra allí. ⁵⁷

Perón soube explorar as frustrações e combatividade que caracterizavam o movimento sindical na construção de uma alternativa hegemônica viável para o capitalismo argentino, promovendo um tipo de desenvolvimento econômico baseado na integração social e política da classe operária. Isso supunha um Estado Benfeitor, que proclamava os “direitos civis econômicos” da classe trabalhadora, enquanto criava e fortalecia as relações de produção capitalistas. Entretanto, o peronismo foi definido por seus adeptos como um movimento de oposição política e social, de negação do poder, símbolos e valores da elite dominante.

Se o Estado expressa a relação de força entre as classes, durante o peronismo, podemos ver como a classe operária ocupou diversos espaços de poder concebendo e exercendo uma política própria. Quando Perón é derrotado também se tenta deslocar o movimento operário dos espaços conquistados, o que leva esse

⁵⁷JUAN PERON *Conducción política*, Buenos Aires, Ediciones de la Reconstrucción, 1973, pag.74. O sublinhado é original.

movimento e suas bases a radicalizarem nos enfrentamentos, de maneira a manter suas posições.

Política operária não é sinônimo de política revolucionária, razão pela qual a política operária pode conviver, sem conflitos, com o capitalismo. Entretanto, essa mesma política operária tende a radicalizar-se, já que, uma vez atendidas as reivindicações básicas, as que se seguem começam a contradizer a ordem em que estão inseridas.

Por um lado, a retórica peronista pregou e a política oficial procurou, cada vez mais, a identificação da classe trabalhadora com o Estado, o que pressupunha a passividade desta como classe. A visão oficial se expressa no discurso idílico de Perón: “de casa para o trabalho e do trabalho para casa”, pedia aos trabalhadores. Essa rotina seria quebrada apenas pelo desfrute nos hotéis oferecidos pelos sindicatos nas férias. O movimento sindical, já depurado de seus dirigentes mais radicais, impregnou-se de um espírito reformista fundamentado na convicção de que era preciso chegar a uma conciliação com os empregadores e satisfazer as necessidades dos afiliados, mediante o estabelecimento de uma relação íntima com o Estado. Esta relação supunha um compromisso por parte dos dirigentes sindicais, com o objetivo de controlar e limitar a atividade da classe trabalhadora dentro dos limites estabelecidos pelo Estado. Os dirigentes sindicais funcionariam, assim, como uma espécie de canal político entre o Estado e a classe trabalhadora.

Entretanto, o período peronista legou à classe operária um sentimento muito profundo de solidez. A legislação trabalhista, bem como a que se referia ao bem-estar social refletiu, em seu conjunto, a mobilização dos trabalhadores e a consciência de classe e não apenas a aceitação das “bondades” do Estado. A sustentação de um movimento sindical centralizado e massivo confirmou a existência dos trabalhadores como força social dentro do capitalismo. Assim, no movimento sindical, por mais que uma cúpula cada vez mais burocratizada fosse porta-voz do Estado, as bases operárias não se mostravam passivas. Ao contrário, defendiam o desenvolvimento de uma cultura que afirmava os direitos do trabalhador dentro da sociedade em geral e no lugar de trabalho, em particular.

A ambigüidade que caracterizou o peronismo provocou tensões consideráveis. James observa: “En último término podría decirse que la principal tensión se centró en el conflicto entre el significado del peronismo como movimiento social y sus necesidades funcionales como forma específica de poder estatal.”⁵⁸

Acreditamos que a principal tensão teve origem na escolha entre duas estratégias: fazer do peronismo mais uma forma de domínio burguês ou transcender essa ordem, assumindo um política revolucionária. No período que se segue ao afastamento de Perón, a Resistência Peronista, veremos germinar as duas estratégias, expressas embrionariamente até então.

⁵⁸JAMES op. cit. pag. 58.

O COMEÇO DO FIM DO GOVERNO PERONISTA

Já no começo do segundo governo de Perón começam a alinhar-se os fatores que o levariam à sua queda.

O peronismo supunha um equilíbrio débil: na figura de Perón é que se sustentava a aliança. Por isso se fazia indispensável a reforma do artigo 77 da Constituição de 1949, para viabilizar a reeleição. Na Convenção Constituinte o peronismo havia obtido 66% dos votos, o que permitia um manejo completo dos acordos. Tudo estava sob controle, até que se pôs em discussão o artigo 77: a reforma era inaceitável pelos demais partidos. Ante a aprovação, os representantes do radicalismo retiraram-se do plenário, numa atitude clara de enfrentamento. O golpe passou a ser a única saída para os partidos de oposição, incapazes de vencer o peronismo pelas vias eleitorais.

Por outro lado, em 1953, agravaram-se os conflitos entre sindicatos e empresários. Perón declarou-se neutro; ou seja, o governo não respaldou as reivindicações operárias e a CGT não apoiou as greves parciais dos sindicatos, ao mesmo tempo em que entidades empresariais acentuavam a necessidade de aumentar a produtividade do trabalho como único caminho para aumentar salários.

Na realidade não se tratava de aumento, mas, sim, de correção salarial, tendo em vista a escalada inflacionária. Porém, apesar disso, ocorria uma

redistribuição de receitas a favor dos industriais. Em 1949, os trabalhadores haviam atingido o teto de 53% do salário nacional. E nunca mais chegariam a um coeficiente parecido. Pior: a tendência era de declínio.

A CGT e a CGE promoveram um encontro no Consejo Deliberante denominado “Congreso de la Productividad”, na tentativa de manter a “paz social”, que foi o eixo da proposta peronista. A CGT queria evitar uma onda de reivindicações salariais, o que já não conseguia, entretanto.

Horowicz observa: “La posibilidad de que el movimiento obrero y los empresarios lograsen, bajo métodos parlamentarios, un pacto de precios y salarios (que en la práctica se traduciría en congelación voluntaria del ingreso obrero), resultaba ilusoria. Para lograr un acuerdo semejante, el gobierno tenía que estar en otras manos. Cuando el General Lonardi se hiciera cargo del Estado -aunque el no expresara la Revolución Libertadora en su versión definitiva- el salario obrero se ubicaría en los andariveles exigidos por el Congreso de la Productividad.”⁵⁹

Então, quase todas as peças estavam em seu lugar: os partidos políticos tinham claro que não podiam derrotar eleitoralmente o peronismo e os empresários sabiam que o peronismo não permitia a entrada do capital norte-americano em larga escala (tinham como referência a batalha pela situação petroleira). A isso se somava a incapacidade do regime, de impor a “disciplina social” ao movimento operário. O aparato sindical, embora esclerosado, seguia defendendo os interesses imediatos dos

trabalhadores. Perón podia reprimir uma greve ou manter-se neutro em assuntos salariais. Mas não ousava atacar de frente a sua base social.

Por isso nem os partidos nem os empresários tiveram motivos para defender o governo. Pelo contrário, estavam interessados em derrubá-lo, realinhar-se com os sindicatos e restabelecer seu domínio político. *O golpe era, conseqüentemente, a política unitária.*⁶⁰

Nesse quadro também se destacam os conflitos de Perón com a Igreja. Horowicz comenta: “El presidente se lanzó a una batalla frontal: promovió una ley de divorcio al tiempo que propuso separar la Iglesia del Estado, es decir, modificar el artículo de la Constitución donde se afirmaba que la religión del Estado era la Católica Apostólica Romana y, en consecuencia , el culto -sus integrantes y dignatarios- recibía estipendios públicos; esto equivalía a separar a los capellanes del cuerpo de oficiales”⁶¹.

Essas medidas, juntamente com o voto feminino e o divórcio, são propostas democráticas que qualquer governo burguês radical pode levar a cabo. Porém, na Argentina, serviram para irritar alguns setores das forças armadas, dividindo-as. A divisão criou o ambiente propício ao golpe, que se expressou na forma de guerra interburguesa.

⁵⁹HOROWICZ ALEJANDRO op. Cit. pag 189.

⁶⁰HOROWICZ AILEJANDRO op. Cit. Pag. 189.

Em relação a tentativas anteriores, a de 16 de junho de 1955 constituiu uma verdadeira batalha. Às 10.30 da manhã, o vice-almirante Toranzo Calderón inicia o ataque. Três aviões bombardeiam a Casa de Governo e o Ministerio de Guerra. Uma bomba atinge o objetivo (a casa Rosada) e outra alveja um troleibus, matando todos os seus ocupantes. Perón se salva por não estar na Casa de Gobierno. Os sublevados estabelecem seu comando no Ministerio de la Marina. Porém, sem conseguir, o apoio de sua Arma, são cercados por tropas do Ejército. Os soldados da Infantaria, que deveriam vir da Ilha Martín Gacía em defesa dos insurretos não vieram. Às 17:40, Toranzo Calderón é preso. Entretanto, às 18:15, ainda se tenta um último ataque com 38 aviões que logo fogem para Martín García. Saldo da batalha: 300 civis mortos e centenas de feridos.

Embora a CGT tenha se mantido à margem dos enfrentamentos, o mesmo não aconteceu com as massas que se acotovelaram na sede da central sindical, de onde partiram para incendiar a Curia Eclesiástica da Capital Federal, uma dezena de igrejas. Na biblioteca eclesiástica queimaram-se 80.000 volumes enquanto os manifestantes entoavam cantos anticlericais.

Aquí, novamente vemos a expressão da ambigüidade política dentro do peronismo. No dia seguinte, o governo convoca a Plaza de Mayo. Perón discursa: “Nosotros no estamos predicando la lucha, ni la guerra; estamos predicando la paz. No queremos matar a nadie, no queremos perjudicar a nadie.”

⁶¹HOROWICZ op. cit. pag. 191.

Estava anunciando que não combateria mediante a mobilização das massas. Perón defendia uma política, uma maneira de lutar; as massas peronistas defendiam outra. Por um lado, enalteciam-se os “descamisados”, e se lhes dava um lugar central na sociedade e no Estado. Porém eles eram dispensados, quando apareciam no lugar e no momento em que se disputava o poder, mostrando sua disposição de também assumir a forma pela qual o enfrentamento se dava: em caráter armado. Perón criou uma força sobre a qual já não exercia controle. A forma de expressar fidelidade à sua figura ia além dos limites que o capitalismo estava disposto a tolerar.

A ação da Marinha mostrou que o equilíbrio estava quebrado. Se os partidos políticos, fundamentalmente o radicalismo sustentassem o caminho democrático, Perón podia isolá-la por meio do Exército, enquanto neutralizava a Aeronáutica. O problema era que a Marinha representava a decisão do conjunto da oposição.

Perón se encontra em frente a uma encruzilhada: deixar nas mãos do exército o combate à marinha ou mobilizar as bases operárias, que já haviam demonstrado sua disposição ao combate. A primeira opção era arriscada, já que ao deixar tudo liberado à vontade do exército, este somente deveria eliminar o fator de perturbação. E o fator de perturbação militar era Perón. A outra opção era mais arriscada ainda, já que as massas haviam mostrado ao que estavam dispostas, e

Perón não era um líder revolucionário que resolveria os conflitos interburgueses com armas em mãos dos operários.

Horowicz analisa da seguinte maneira os acontecimentos: “Para que el poder de resolución se mantuviera en la Casa de Gobierno, Bonaparte debía abandonar su traje de Bonaparte, porque el escenario no estaba dispuesto para ninguna representación de ese tenor. Perón no podía vencer como Bonaparte; en ese carácter estaba vencido, ya que lo que debía conciliar era inconciliable. Entonces, sólo le quedaba asumirse como jefe de una fracción. Tampoco podía elegirla, puesto que el Ejército no lo seguiría en esas condiciones como líder indiscutido. Para volver a ser Comandante en Jefe de las Fuerzas Armadas debía derrotar a los insurrectos, para derrotar a los insurrectos debía movilizar su fracción incondicional y responder al atentado terrorista de la Marina con terrorismo en masas, este terrorismo instintivo que se anunciaba en la quema de Iglesias y que Perón rechazó.”⁶²

De otro lado la política que expresan en su acción, las masas que corean “la vida por Perón ! “ y muestran que ésto no es solo retórica. Miguel Bonasso nos comenta: “.... En las primeras horas de la tarde, el Secretario General de la CGT hizo un llamamiento a la movilización y un nuevo fenómeno sacudió las conciencias de los curiosos, de los abúlicos y hasta de algunos opositores: los obreros fueron abandonando las fábricas y emprendieron una marcha temeraria hacia la central de los trabajadores. Los escasos testigos no podían creer lo que estaban viendo: largas hileras de toda clase de vehículos iban transportando a la misma gente que había

producido el 17 de octubre. ***Cantaban la Marcha peronista y alzaban contra el cielo lo poco que tenían a mano: una pistola 22, una escopeta, un palo o simplemente un puño amenazante. Era un ejército heterogéneo***, uniformado por las ropas de trabajo. (...) Los fieles se iban agrupando frente al edificio de la CGT. De allí partían grupos a la plaza. El Ejército trataba de impedir que se movilizaran. “Si hace falta, los llamaremos”, vociferaba un capitán a las columnas que se iban formando en la calle Azopardo. Tendría seguramente en la cabeza el fantasma de las milicias obreras.(...) Las armas que Evita había entregado antes de morir a los dirigentes de la CGT, habían ido a parar a los arsenales de la Gendarmería. “⁶³

⁶²HOROWICZ op. cit. pag. 195.

⁶³MIGUEL BONASSO *Recuerdos de la Muerte*, Buenos Aires, Planeta, 1994, pag. 38.

Capítulo 4: 1955 - O PERONISMO EXPULSO DO PODER DO ESTADO.

Mi Buenos Aires Querido

Juan Gelman

Sentado al borde de una silla desfondada,
mareado, enfermo, casi vivo,
escribo versos previamente llorados
por la ciudad donde nací.

Hay que atraparlos, también aquí
nacieron hijos dulces míos
que entre tanto castigo te endulzan bellamente.

Hay que aprender a resistir.

Ni a irse ni a quedarse,
a resistir,
aunque es seguro
que habrá más penas y olvido.

A RESISTENCIA PERONISTA

Em Setembro de 1955 finalmente o Golpe vence. O general Eduardo Lonardi assume a presidência , criando um INTERREGNO entre o governo peronista e o que seria a versão definitiva da Revolução Libertadora. Esta fração admitia que o peronismo conservasse o controle dos sindicatos, com a condição de que fossem depurados, ficando somente aqueles líderes sindicais que aceitassem os limites do governo, restringindo sua atividade à representação dos trabalhadores.

Por isto tenta uma aproximação com os sindicatos, observando-se tanto desde o governo como desde a Central sindical um crescente espírito de conciliação. Simbolicamente, a CGT aceita considerar o 17 de Outubro - data decisiva na cultura peronista - como um dia de trabalho normal e também aceita entrar em um processo de eleições. A direção da CGT, para ajudar a situação, renunciou e designou em seu lugar a um triunvirato provisório constituído por Andres Framini, do gremio textil; Luis Natalini, da Luz y Fuerza; y Dante Viel dos Empleados Publicos.

Perón no momento do Golpe, promoveu a passividade operária, pelo qual os trabalhadores, apesar de diversos sindicatos terem solicitado armas para defender seu governo, não conseguiram assumir a defesa efetiva do mesmo. Hugo Di Prieto, secretario geral da CGT, expressa a tensão existente entre o estado de ânimo das massas e a política de Perón. No momento do golpe declarou que “cada trabajador luchará con las armas en la mano y con aquellos medios que estén a su alcance”. No

dia seguinte o mesmo dirigente exortou os trabalhadores a permanecer em calma denunciando a “algunos grupos provocadores que pretenden alterar el orden”⁶⁴

Apesar de que, tanto desde uma parte da direção gremial como desde o governo, se quisesse encontrar um modo de convivência entre os sindicatos e o regime, isto não conseguiu estabelecer-se. Em 6 de Outubro se firmou um pacto entre ambas as partes, pela qual a CGT e o Governo se comprometiam a celebrar eleições em todos os sindicatos em um período de 120 dias, designando interventores em todos aqueles sindicatos que se encontrassem em uma situação irregular, especialmente os ocupados por antiperonistas. Mas as bases, tanto de uns como de outros, pressionavam e atuavam fora e contra este acordo.

Os sindicatos peronistas haviam sido ocupados por “**comandos civis**” **armados**,⁶⁵ que impediam que os interventores designados pela CGT levassem a cabo as eleições. Exigiram do governo que abandonasse sua política de conciliação, colocando como condição que os Estatutos de cada sindicato fossem previamente aprovados pelo Ministério do Trabalho. Por outro lado, se decretou que se despojaría de sua autoridade todos os líderes sindicais, designando tres interventores por sindicato, enquanto se desenvolvia o processo eleitoral, nomeando além disso um

⁶⁴CRITICA, 19 y 21 de septiembre de 1955. Citado por JAMES op. Cit. pag. 70.

⁶⁵Estes "comandos civiles" eram expressão de diferentes frações. James señala: “Para fines de septiembre, los locales de los sindicatos de gráficos, bancarios, petroleros y trabajadores de la carne y del vestido habían sido abandonados por los peronistas frente a los ataques de grupos antiperonistas armados. Esos grupos, conocidos como “comandos civiles”, consistían principalmente en activistas socialistas y radicales. Habían desempeñado un papel importante en la rebelión contra Perón y se consideraban como una milicia civil que serviría de garantía contra cualquier resurgimiento peronista. En ese carácter tendieron a recibir apoyo de sectores de las fuerzas armadas para los ataques a los locales sindicales.” pag. 70

administrador de todos os bens da CGT. Os dirigentes peronistas responderam com um chamado à greve geral, que conseguiu ser freada no ultimo momento, pela intervenção dos setores mais conciliadores do governo.

Esta crise convenceu a ala mais tradicional e liberal do governo, que somente o afastamento de Lonardi e os setores nacionalistas católicos, partidários da conciliação, faria possível o desmantelamento das condições de existência do populismo. Em 13 de Novembro assumiu a presidência o General Aramburu, expressão da fração liberal e antiperonista do Exército.

Como os ataques aos locais sindicais continuavam, e ainda que a CGT reiterava os pedidos ao novo presidente, no sentido de manter o Pacto de 6 de Outubro, declarou em 14 de Novembro uma greve geral por tempo indeterminado. Nesse mesmo dia o governo declarou ilegal a greve e dois dias depois entrevistou a CGT e todos os sindicatos.

A partir desse momento, realmente começa a Revolução Libertadora, expressando uma violenta mudança na relação de forças, já que se expulsou do âmbito da cidadania a classe trabalhadora, mas sua política foi muito mais além, já que dirigiu-se a desintegrar a base que havia permitido o surgimento do peronismo: sua estrutura sindical e sua base no exército.

Ao retomar a iniciativa, a fração liberal do exército reconfigura sua política: "La reformulación de los objetivos y de las hipótesis de guerra desde 1955, pero sobre todo después de 1959, que convirtió al Ejército en garante del orden económico y social, permitió a los militares argentinos encontrar por fin, una misión de alcance internacional. Los epigonos de la guerra fria y el surgimiento de la Doctrina de Seguridad Nacional. Los militares argentinos, denominados luego "los colorados" , identificarán al enemigo interno con el peronismo y el comunismo. La Iglesia de esos años también se plegó a la lucha contra el peligro comunista. Monseñor Antonio Caggiano, cardenal primado del país llegó a decir "la defensa del mundo occidental, sustituye la defensa nacional".⁶⁶

Se "retirou" do exército mais de 1000 oficiais, reincorporando ao redor de 100 e se começou uma ofensiva brutal contra o movimento sindical e popular em geral; que se expressou na intervenção de sindicatos, na demissão de dirigentes sindicais, na proscricção da atividade política e quando foi necessário, nos fuzilamentos (José León Suarez⁶⁷).

Juan Carlos Marin declara: " Desde ese momento se lanza un proceso de abierta y encubierta represión y proscricción política a la mayoría de la clase obrera, a cargo de las diferentes fracciones de la burguesia que detentan alternativamente el control del aparato estatal o la conducción política del peronismo.

⁶⁶ SEOANE MARIA , *Todo o nada*, Buenos Aires, 1991, Ed. Planeta pag.42.

La clase obrera tuvo que enfrentar, en la práctica un proceso de doble proscripción : la política del régimen y de su partido.... no solo estaba proscripta la expresión política de la gran mayoría de la clase obrera, sino que a su vez los cuadros políticos dirigentes del movimiento peronista se constituyen en represores de toda tendencia que en la acción movilice a los sectores obreros más allá del dominio burgués del régimen institucional." ⁶⁸

O processo de proscrição põe à prova a condução burguesa do peronismo, ao ter que cumprir a dupla tarefa de outorgar à essa aliança uma política estratégica e tática, em momentos de uma forte luta interburguesa.⁶⁹

Em resposta à proscrição, os quadros operários sindicais e políticos sustentaram uma frente de luta para fora do movimento no que se considerava a contradição fundamental - desde a ótica burguesa e assumida por estes quadros operários - peronismo-antiperonismo, e outra frente que estava definida pela política de converter-se na fração dominante dentro da aliança a qual estava incorporada.

⁶⁷ En los basurales de José León Suarez, Aramburu foi responsável pelo fuzilamento de 27 civis e militares peronistas.

⁶⁸JUAN CARLOS MARIN *Los hechos armados. Un ejercicio posible.*(23 cita anterior)

⁶⁹Miguel Bonasso é muito expressivo quando comenta: " A veces se daba el caso de que el hombre era un doble proscrito y su corazón rezumaba odio en dos direcciones. Lo habían perseguido los milicon y la patronal, pero también los dirigentes de su sindicato. El régimen no solo esgrimía el garrote. Las rejas estaban reservadas para los peronistas "malos" . Los peronistas "buenos" podían llegar a diputados y a millonarios." en *Recuerdo de la Muerte*, Planeta, Buenos Aires 1994, pag. 256.

Alejandro Horowicz, analisando este momento comenta:" ...con los gremios en estado de licuefacción, con los edificios sindicales en manos del enemigo de clase, con el grueso de los cuerpos de delegados cesanteados, destruidos o encarcelados, la gente comienza, inorgánicamente, a pesar de la dirección sobreviviente y contra ella, a reagruparse fuera de la fábrica, porque la fábrica es territorio enemigo. El barrio, la propia casa, se constituyeron en el último refugio del peronismo. Ante un retrato prohibido de Perón y Evita se congrega la masa dispersa. Surge un nuevo tipo de militante: el burócrata sindical de la primera parte de los 50, el que servía para conseguir mejores vacaciones o una plaza laboral mejor retribuida, se pierde; un activista ilegal, clandestino nace. Porque la libertadora ilegaliza al peronismo, éste recurre a la violencia terrorista, todos los caminos están cerrados (...)"⁷⁰

O fato da luta ser ilegal outorga um caráter um tanto ambíguo, já que sua subordinação a uma condução burguesa se põe muitas vezes em contradição com a dinâmica mesma do processo: se começam a usar formas armadas no enfrentamento com o antiperonismo, o que vai outorgando certa autonomia ligada a uma política crescentemente classista, como estratégia operária e não revolucionária.

A amplitude da resistência oferecida pela militância peronista de base ao golpe contra Perón, e a dureza da resposta a essa resistência determinaram o rumo dos acontecimentos nesses meses. Não obstante, a disposição à negociação mostrada por Di Prieto, a reação inicial de discrença estupefata ante a renúncia de

⁷⁰ HOROWICZ, op. cit. pag. 42.

Perón logo cedeu seu lugar a uma série de manifestações espontâneas nos distritos operários das principais cidades. Em Buenos Aires, por exemplo, o exército fez fogo contra uma numerosa manifestação que procurava chegar ao centro da Capital Federal e muitos de seus integrantes ficaram feridos. Também se informou sobre muitos disparos de armas pequenas na área de Avellaneda. Foi preciso enviar a Ensenada e Berisso fortes contingentes de reforços para ocupar todas as posições estratégicas e pontos de acesso às cidades.⁷¹

James comenta: “Rosario, llamada “la capital del peronismo”, presentó las más serias dificultades a las fuerzas armadas. Ya el 24 de septiembre The New York Times informó sobre vehículos blindados que abrieron fuego contra las manifestaciones obreras, y la agencia Reuter habló de varios muertos en esos hechos. Estas versiones fueron sin duda exageradas, puesto que días después se informó de un número de bajas mucho menor, pero no hay duda de que en Rosario, en medio de una fuerte tensión, hubo considerable resistencia a las nuevas autoridades. En efecto, desde el 18 de septiembre, (...) la ciudad estaba paralizada. Desde entonces, hasta el 23 de septiembre hubo incesantes manifestaciones en el sector céntrico, adónde llegaban los trabajadores del sector industrial, sobre todo desde los grandes frigoríficos de la zona sur. Por la noche se oían constantes disparos de armas de fuego y detonaciones de bombas. Todas las fábricas estaban paralizadas.”⁷²

⁷¹ La Nación, 24 y 26 de septiembre de 1955,

⁷²JAMES, pag. 77 y 78. Aquí está transcribiendo una entrevista a BELLONI ALBERTO, de 24 de Janeiro de 1974. Nesse momento Belloni trabalhava no porto de Rosario.

Além disso, o Regimento de Infantaria que tinha sede em Rosário, sob responsabilidade do General Iñiguez, era leal a Perón. Somente sete dias depois, quando as tropas de Santa Fe e Corrientes foram enviadas para reprimir, é que o Governo começou a recuperar o controle sobre a cidade. “El 24 y 25 hubo serios combates callejeros en que se utilizaron tranvías y automotores como barricadas.”⁷³ Os trabalhadores das oficinas ferroviárias declararam uma greve geral à que se juntaram os operários dos frigoríficos e outros estabelecimentos industriais. Em 27 ficaram suspensos todos os serviços de trens e ônibus entre Rosario e Buenos Aires. Somente quando o exército ocupou fisicamente todo o centro da cidade e declarou toque de recolher - as tropas abriam fogo contra qualquer pessoa que estivesse nas ruas depois das 20 horas - foi restabelecida a ordem.

O restabelecimento da autoridade do governo, não terminou com a resistência das bases peronistas. Durante todo o mes de Outubro, ao intensificar-se a batalha pela posse dos sindicatos, houve greves, não iniciadas nem conduzidas pelos dirigentes sindicais, em protesto contra os ataques dos comandos civis o crescente número de detenções.

Um ativista da Resistencia testemunha: “Los trabajadores en cambio rugían de indignación y se hallaban prácticamente en pié de guerra, dispuestos a lanzarse a la lucha en cualquier momento (...) Rosario daba la sensación de una

⁷³JAMES aqui está citando novamente o jornal NEW YORK TIMES de 25 de Setembro de 1955. Segundo este autor, este diário é uma das melhores fontes da época.

ciudad ocupada por el enemigo en medio de una atmósfera de sorda rebelión próxima a estallar.”⁷⁴

No final de Outubro temos os perfis dos embriões do que será a Resistencia Peronista e o que será o enfrentamento brutal pela condução deste movimento. As bases já vinham desenvolvendo o que consideramos esta "dupla frente de luta" desde as origens do peronismo, mas neste momento este enfrentamento se aprofunda cada vez mais.

Apesar de que a direção da CGT aceitou a ordem do governo de considerar o 17 de Outubro um dia de trabalho normal, vários setores peronistas canalizaram neste dia simbólico sua disposição a lutar pelo que consideravam próprio, realizando uma greve contra a ordem de seus dirigentes. O jornal The New York Times calculou que o absenteísmo nesse dia foi de 33%. Todos os portos ficaram paralisados e tropas de marinheiros patrulharam infrutuosamente as zonas portuárias em busca de trabalhadores ociosos para obrigá-los a retornar ao trabalho. ⁷⁵

O mesmo aconteceu com a greve chamada, e logo suspensa, do dia 3 de Novembro. Nesta ocasião foram detidos vários militantes (a CGT declarou que foram 25.000).

⁷⁴VIGO JUAN M., *La vida por Perón: crónicas de la Resistencia*, Buenos Aires, 1973, pag. 54.

⁷⁵JAMES op. cit. pag. 79.

O significativo deste processo é que começou de forma esponânea, instintiva, confusa e acefalamente. Os dirigentes sindicais não podiam, na prática, garantir o cumprimento dos pactos com o Governo, já que as bases iam além de seu controle, assumindo uma prática política diferente. Não estavam dispostas a aceitar passivamente a renúncia de Perón, pelo que lutavam com todos os meios disponíveis.

James cita um ativista de base da época: “En realidad todo se da en un proceso larvado, embrionario y gradual que surge de las bases mismas del movimiento obrero y que no es dominado por los viejos burócratas pero tampoco consigue consolidar en la dirección ni siquiera local en Rosario ni siquiera nacional.(...) en realidad es un poco como islotes. Porque yo recuerdo que nosotros, los hombres de ATE en Rosario empezamos a formar una agrupación semi-clandestina, la mayoría eran jóvenes que no habían tenido participación antes del 55 y aparte teníamos muy poca vinculación con otros gremios. Recuerdo que aparte de reuniones en casas particulares la única comunicación con otra gente gremial que teníamos era con vitivinícolas, UTA, ATE de Puerto Borghi y madera.”⁷⁶

Estas lutas espontâneas são um indicador de que certas relações sociais foram abaladas, e se estavam tentando impor outras.⁷⁷ **Embrionariamente estavam expressando uma determinada vontade de combate, no que se incorporam**

⁷⁶JAMES op. Cit. pag. 94

⁷⁷Entendemos por movimento espontâneo ou semi-espontâneo aqueles processos de luta social que se definem por não contar com a presença de uma condução política de caráter antagônico, mas nos quais

elementos que potencializam a capacidade de enfrentamento: as armas materiais.⁷⁸

Os atos de sabotagem, o lançamento de bombas molotov, as armas que se portavam na mobilização de Junho de 1955 (na fracassada tentativa de golpe, por parte da marinha), vão expressando o tipo de defesa a que as massas estavam dispostas, de uma territorialidade considerada própria. James comenta: “ En 1956 tambien se intensifico el empleo de bombas contra objetivos militares y edificios publicos. Esta forma de accion exigio una ejecucion planificada y cierta experiencia en la fabricacion de artefactos explosivos. Actos como la colocacion de una bomba en la fabrica militar de Villa Martelli y el atentado contra del deposito de Armas del Colegio Militar debieron ser minuciosamente planeados y contar con un minimo de organizacion de apoyo. Esto se acentuo particularmente debido a la indole del rproceso de fabricacion de bombas. En estos anos se utilizaba muy poca dinamita, por ser esta sumamente dificil de obtener en Buenos Aires; la mayoria de las bombas consistian en rudiemntarios artefactos hechos de sustancias quimicas basicas alojadas en cascos improvisados. Se las conocia coo “canos” y llegaron a formar parte de la mitologia de la Resitencia. “ ⁷⁹

se pode estabelecer certas sequências de processos sociais. Ver a respeito Juan Carlos Marin, *Nociones de polaridad en los procesos de formación del poder*, pag 115 a 135.

⁷⁸Lenin, quando descreve os estados de consciência em *Que hacer?*, elaborando o processo de passagem do instinto proletário e a consciência socialdemocrata, pelo primeiro Lenin entendia a **forma embrionaria** em que a consciência burguesa começa a estabelecer crise no seio do proletariado ...” começavam, não direi a compreender, mas sim a sentir a necessidade de opor resistência coletiva e rompiam decididamente com a submissão servil às autoridades” (op. cit. pag. 382) recuperando a experiência coletiva de classe, acumulada, ...” recurriendo a los primeros medios de lucha que encuentran al alcance de su mano” (op. cit. pag. 395, Akal Ed. Tomo V, Obras completas.)

Devemos pensar que, em momentos de clandestinidade, fabricar-se este tipo de bombas implicava em toda uma série de procedimentos que incluíam pelo menos seis pessoas: desde a compra ou roubo dos produtos químicos (em farmácias e drogarias) à preparação caseira das mesmas. Este tipo mesmo de prática impedia a constituição de uma elite burocrática que centralizasse a ação: esta tinha um caráter microfísico, atomizado, tendente a construir poder. **Esta, que se constituiu na única maneira de luta contra o regime, já que os canais institucionais tradicionais estavam fechados, foi construindo na própria prática política uma estratégia de enfrentamento na qual a força material principal estava dada pela força moral que o campo popular tinha.**

Perón, em uma das diretrizes enviadas do exílio, comenta: “No me había equivocado al confiar en el instinto y sentido político de *las masas*. *Ellas han superado a los dirigentes, señalan el camino , y sin su voluntad, ninguna acción es posible. Las masas en ningún momento fueron vencidas. (...) Los dirigentes no estuvimos en muchos casos a la altura de nuestra misión.* Siendo esta hora de decisiones, los dirigentes deben surgir espontáneamente de las masas y su autoridad se afirmará en los hechos. La prisión de los dirigentes no debe ser una dificultad para la dirección, pues nuevos hombres debe reemplazarlos.”⁸⁰

⁷⁹JAMES op. cit. pag. 115.

⁸⁰PERON JUAN DOMINGO *Directivas generales para todos los peronistas*. Enero de 1956. en *Documentos de la Resistencia Peronista 1955-1970*, Recopilación BRASCHETTI ROBERTO ,Buenos Aires, Puntosur Editores, 1988, pag47.

Em uma carta de John William Cooke⁸¹ a Perón em 14/11/1955, numa parte do informe apresentando sob o subtítulo *Armas*, diz o seguinte:

"Mientras no haya una perspectiva insurreccional inmediata, soy enemigo de hacer un reparto de armas, supuesto caso que las hubiera. Pero necesito entregar algunas a grupos clandestinos y gremiales que tienen a su cargo tareas importantes. Durante las huelgas recientes, a menudo faltó dinero para comprar hasta los materiales que llevan las bombas Molotov. Además, los que cumplen tareas de sabotaje a menudo van sin un alfiler para defenderse.

No se necesita mucho, porque solamente se entregarían armas a los más probados. Pero me hacen falta 5 ametralladoras livianas y 25 pistolas 45. Yo tenía esto arreglado con M., con quien introdujimos muchas ametralladoras, pero solamente él conoce la forma de hacer entregar esas armas. Además, lo que más se requieren son pistolas, que M. no tiene en cantidad." ⁸²

A prática política que vão desenvolvendo vai aprofundando a confrontação entre as classes e a própria condução burguesa da mesma. A mesma ação os vai levando a outras formas de aliança e a uma confrontação com as frações mais reacionárias do seu movimento. John William Cooke expressa: " Ni los movimientos nacionales se habrán de comunizar, ni los comunistas se harán burgueses. Lo que pasa es que la posibilidad concreta de la lucha por la liberación

⁸¹John William Cooke era el delegado personal de Perón en este período.

⁸² COOKE, John William, *Correspondencia*, Buenos Aires, 1984, Ed. Parlamento, pag.31.

hace que cedan los atrincheramientos dogmáticos y los combatientes activos encuentren, en la lucha concreta puntos de coincidencia fundamentales que no aparecían en la acción política de tipo clásico." ⁸³

O que é que está surgindo? Qual é o objetivo destes fatos que se situam entre atos de desobediência civil e enfrentamentos armados ? O que temos como registro da realidade é uma sucessão, uma trajetória de enfrentamentos, a princípio isolados e heterogêneos que vão golpeando de diferentes maneiras e com diferente intensidade a ordem na qual se inserem. **Acreditamos que esta trajetória vai construindo uma estratégia de enfrentamento que vai exigir dos dirigentes correr atrás dos tempos políticos que as massas estão definindo.**

Neste jogo de forças, Peron e as lideranças sindicais tentam, conseguindo muitas vezes, "encorsetar"⁸⁴ o movimento popular. Mas como sua própria política é ambígua, os efeitos que produzem os golpes conduzidos não são sempre os esperados.

⁸³ COOKE, op. cit. pag.219.

⁸⁴N.T. - refere-se ao ato de colocar dentro ou sob controle alguma coisa.

Peron tenta usar a violência popular, já que apesar de haver tentado freá-la e controlá-la no começo da Revolução Libertadora, esta se desencadeou a margem de sua vontade. Em todos os anos de proscrição uma parte considerável dos "slogans" da resistência orbitava ao redor de "Peron vuelve" e radicalizavam-se. A pergunta que surge é se Perón em Caracas e John Wiliam Cooke em Chile realmente conseguiam controlar tanto como expressavam em suas correspondências as decisões que suas bases tomavam e executavam na Argentina.

O CARÁTER SOCIAL DAS ARMAS

Os subsídios que o estudo do período da resistêcia peronista oferecem nos deixam à vontade para descartar qualquer análise *fetichista* das armas materiais. Os instrumentos - neste caso, as armas - não têm, em si, poder de explicar nada e não são elementos da causalidade, mas, sim, resultantes de um processo.

Marín, contestando o enfoque “tecnologicista”, observa: “Qué son las armas para un campesino en China, durante la Larga Marcha? Él era capaz de transformar una caña de bambú, verde aún, en un arma. A priori, esa no habría sido contabilizada dentro de ‘las armas’. Pero, quién tiene la capacidad de otorgarle el carácter de una arma a una cosa? Por supuesto, lo que esas cosas son en el campo de las leyes naturales va a tener importancia, pero no es lo determinante para constituirlas en armas. (...) Así como se produjo la crisis del fetichismo de la mercancía, es necesario producir la crisis del fetichismo de las armas.

Una persona, en las invasiones inglesas en el Río de la Plata en 1806 y 1807 convertía al aceite con que cocinaba todos los días en una de las armas más importantes, con solo arrojársela hirviendo al enemigo. El aceite llevaba intrínsecamente en su seno , esa capacidad infinita de ser un arma mortal ? Sería

ingenuo pensarlo. Se puede ahogar a una persona con el mismo líquido que sacía su sed.”⁸⁵

Não são as armas que determinam a exacerbação da lutas de classe nem a entrada num processo de guerra; são, isto sim, as relações sociais que as portam, é a existência de corpos com essa disposição ao combate. Os instrumentos se incorporam como resultante, o fundamental é o processo social que sustenta o momento de luta. Os instrumentos tornam mais efetiva a reprodução ampliada desse conjunto de relações sociais.

E quais são as armas desses militantes clandestinos que deram forma à Resistência Peronista? O que os teria levado a cometer atos de sabotagem, arriscando a própria vida? São as garrafas com que faziam seus coquetéis molotov? São os “caños”? Não. O que os impele é a força moral. São as armas morais as que constroem a trama de relações sociais, que, por sua vez, sustentam as armas materiais. É a convicção política de que o que estão fazendo é justo e se inscreve em uma luta global: eles continuam se sentindo parte de uma aliança. A revolta de Valle, em 1956, ainda que derrotada, com a morte de todos os participantes, reforça essa noção de aliança, atestando a força moral: há outros, que, com outras armas e adotando diferentes formas de luta, batem-se, todavia, pelo mesmo objetivo.

⁸⁵MARÍN JUAN CARLOS *La Noción de polaridad en los procesos de formación de poder, Cuaderno 8,*

O GOVERNO DE FRONDIZI

Apesar de Perón ter sido contundente em sua carta a John William Cooke, datada de 22 de novembro de 1957, onde afirma que não participaria das eleições convocadas por Aramburu, acaba firmando um acordo com Frondizi, apoiando-o.

Na carta, Perón explica sua determinação de não participar do pleito por acreditar que “las elecciones de febrero las ganará el que la dictadura quiera porque se hara el fraude en la medida que las circunstancias requieran y volveremos como hasta ahora a poder decir que nos han hecho fraude, como si eso fuera una novedad, después del fraude escandaloso que representa el hecho de declarar fuera de la ley al partido mayoritario. Si reconocemos que haran ese fraude a que concurrir a unas elecciones que de antemano sabemos que van a ser fraudulentas?

(...) Aqui no hay otra solución que ponerse firmes y no dar un escape legal a la dictadura cerrándole el único camino que le queda que es el de la simulación, no dejándolos que puedan simular . Para ello existe una sola linea: la resistencia a fondo, la insurrección y la intransigencia más absoluta y definitiva.

El pueblo no tiene ante si sino dos caminos: la violencia y el engaño. Yo prefiero seguir en la más absoluta violencia que aconsejar el engaño. “⁸⁶

Em outra carta, escrita na mesma época, Perón opina: "La Tiranía, fracasada y sin ideales, se desintegra debatiéndose en la descomposición o la anarquía. Estos dos procesos avanzaran sin detenerse. Es menester esperar el momento oportuno para accionar. Entre tanto, *la resistencia por todos los medios, en todo momento y lugar, debe ser norma.*"⁸⁷ Mas realiza uma aliança com Frondizi.

As condições que Perón impõe são as seguintes: restabelecimento das conquistas nos níveis social, econômico e político, entre elas, a nacionalização dos depósitos bancários; elevação do padrão de vida das classes populares; normalização dos sindicatos e a CGT; reconhecimento do Partido Peronista; e anistia geral - tudo isso nos primeiros 90 dias de governo. Em um prazo máximo de dois anos, Frondizi deveria convocar uma Convenção Constituinte para ocupar-se da reforma geral da Constituição, que declararia a caducidade de todas as autoridades e convocaria eleições gerais sem proscricões.

Frondizi aceita as exigências e chega à Presidência da República.

⁸⁶JUAN PERÓN, Caracas 22 de noviembre de 1957, Carta a John William Cooke, en op. cit. pag. 47 a 50.

⁸⁷JUAN PERÓN *Carta a los companeros Peronistas*. Octubre de 1957. en BRASCHETTI ROBERTO , op. Cit. pag. 70.

Um ponto básico do pacto Perón-Frondizi foi a sanção da lei de associações profissionais, em agosto de 1958. Um sindicato único por área de produção permitia maior unidade dos trabalhadores, já que configurava uma concentração do poder sindical.

Frondizi não cumpriu o pacto e começou a fomentar um processo de industrialização baseado na expansão da produção de bens supérfluos, o que implicava uma distribuição do capital diferente da da impulsionada por Perón. A trégua que Perón e os líderes sindicais haviam aceitado lhe dar cessa: apesar da afinidade ideológica que pudessem ter, os ativistas de base começaram a pressionar, usando a arma de que dispunham: a greve.

Durante o peronismo, a substituição de importações assume uma forma "distribucionista", caracterizada pela preferência e proteção que se dá à produção de bens de consumo de massa, o que, entre outras coisas, implica manter um bom nível de salários. Mas durante o governo de Frondizi esta substituição assume posição "conservadora", protegendo capitais destinados à produção de bens de consumo supérfluos, o que, na prática, representa uma forma de distribuição do capital que acentua as desigualdades sociais.

A fração que lidera esse processo é o capital estrangeiro industrial, que propiciou uma grande reestruturação, tanto do empresariado pequeno e médio quanto dos assalariados urbanos.

As pequenas e médias empresas são expulsas do mercado ou forçadas a subordinarem-se a outras. Há concentração e centralização do capital, porém, com desenvolvimento industrial, graças à incorporação de uma tecnologia que, embora obsoleta para os países desenvolvidos, no caso da Argentina, trouxe um grande avanço em termos de produtividade.

Esse capital estrangeiro atenderá, prioritariamente, o mercado interno, dirigindo apenas uma parte da produção ao comércio com as filiais em outros países. (Essa forma se assemelha à adotada na vigência do Plano Pinedo, nos anos 40.)

Diante disso, a classe trabalhadora retoma a ofensiva. Em 1959, deflagram-se várias greves importantes, sendo a mais significativa a do **Frigorífico Lisandro de la Torre**, que começa, nos primeiros dias de janeiro, como um movimento local e acaba desdobrando-se numa “greve geral revolucionária”, que se estende a todo o país de 17 a 20 de janeiro. O motivo é a decisão de Frondizi, que, em meio a uma política de privatizações, quer desnacionalizar o frigorífico, colocando-o à venda em uma licitação internacional.

Quando se aprovou a lei das privatizações, uma assembléia de 9.000 trabalhadores resolveu ocupar a planta. Ao se difundir a notícia, as fábricas das proximidades começaram a suspender o trabalho espontaneamente, em solidariedade aos operários do grêmio da carne. Também os comerciantes de Villa Luro, Villa Lugano e Liniers cerraram a portas de suas lojas. Dois dias depois, as 62 organizações

decretam uma paralisação de 48 horas, ainda em apoio aos operários do frigorífico. Quando, no dia seguinte, aparecem na planta tanques comandados por 1.500 policiais, a resposta, imediata, vem de todo o país. Os demais sindicatos, agrupados em 32 agremiações democráticas, se somam. E as 62 organizações decretam uma greve por tempo indeterminado. James comenta: “Se hubiera dicho que la dirección Peronista procuraba recobrar el control de una movilización que evidentemente la habia sorprendido y sobrepasado.”⁸⁸ Tudo indica que a decisão foi tomada sem planejamento, já que não se cercou de medidas de segurança. Doze horas mais tarde, Frondizi mandou prender vários dirigentes sindicais (Vador, Mena, Acosta, Eleuterio Cardozo, Alonso) e ocupou, com o apoio da força policial, várias centrais sindicais.

Os dirigentes das 62 organizações que se mantiveram em liberdade suspenderam a greve, numa decisão que provocou grande debate interno, já que os dirigentes das agremiações se opunham à decisão. Os militantes de base não abriram mão de sua posição tão facilmente. Distritos industriais, como Ensenada, Dock Sur, Mataderos, Villa Lugano, Villa Luro, foram ocupados pelos operários durante cinco dias seguidos. Um participante do movimento conta: “Asi se cortó totalmente el alumbrado público de la zona, se voltearon árboles para obstruir las calles, y aprovechando el adoquinado de las mismas, se levantaron barricadas en las avenidas de acceso y en algunas laterales. De ésta manera al amparo de la oscuridad total los grupos

⁸⁸JAMES op. Cit. pag. 160.

combatientes pudieron moverse con relativa facilidad durante la noche, y neutralizar la acción enemiga.”⁸⁹

Além disso, a ocupação de bairros e a paralisação prosseguiu em várias fábricas depois que as 62 organizações decidiram ceder à pressão do governo. Rosario permaneceu em greve por três dias mais. **A greve do Frigorífico Lisandro de la Torre mostrou, novamente, a extraordinária combatividade da militância de base e a ampla gama de iniciativas que era capaz de tomar espontaneamente.**

Houve outras paralisações: dos correios, do YPF - Yacimientos Petrolíferos Fiscales -, metalúrgicos, ferroviários e bancários. Estes se mantêm parados durante 69 dias.

O peronismo vai sofisticando sua organização interna, dentro da qual se cria uma das frentes de luta da fração operária do movimento. Ao Comando Nacional Peronista está ligado o Conselho Coordenador e Supervisor do peronismo, entre cujos integrantes se encontram José Benigno Parla e Julio Troxler.

Por sua vez, o Conselho subordina-se ao CORP - Central de Operaciones de la Resistencia Peronista, que tem como chefe o general Iñiguez. Do CORP dependem o MOPI - Movimiento Ortodoxo Peronista Independiente, dirigido pelo coronel Federico Gentilhuomo, e a APRI - Agrupación Peronista de la Resistencia

⁸⁹Informe publicado por el Comando Nacional Peronista, grupo clandestino, en *El soberano* Segunda Epoca, 9 de marzo de 1959.

Insurrecional. Desta última dependiam vários comandos organizados na Capital Federal e Grande Buenos Aires, tais como o Comando Rebelión (José Normando Castro), Comando Montoneros de Perón (Argentino Cassatti), Comando Lealtad (Fernando Lazarte) e Comando Mataderos (Alfonso Cuomo). Outros comandos menores, que muitas vezes atuavam de forma independente eram o "Coronel Perón", o "26 de Julio", o "8 de Octubre", o "Capitán Costales" e o "Evita Inmortal".⁹⁰

Um dos atos de sabotagem de maior repercussão foi o incêndio da planta de armazenagem de "Gas del Estado", em Mar del Plata, que em 12 de março de 1960, destruiu 1.400 tubulações de gás. Em Córdoba, na região de Alta Gracia, em 16 de fevereiro de 1960, registra-se um atentado contra a Shell-Mex. Queimam-se 3.000.000 litros de gasolina e 400.000 litros de óleo diesel. Em Mendoza, edita-se o diário "El Guerrillero", que conclama à luta armada. Nessa mesma província centraliza-se a atividade da UGA - Unión de Guerrilleros Andinos, que foi, entretanto, descoberta antes de começar a funcionar.

Em 1959, surge um foco guerrilheiro em Utruncos. Maria Seoane resume o episódio: "En la primavera de 1959, luego del golpe militar de 1955 y mientras se reorganizaba el movimiento Peronista bajo la dirección de John William Cooke, delegado personal de Perón, un grupo de jóvenes se instaló en las cercanías del cerro Cochuna en Tucumán. Los dirigía Enrique Manuel Mena, llamado 'el comandante Uturunco'. Se inició así la primera experiencia de guerrilla rural en el país durante el siglo XX. Los guerrilleros exigían la renuncia de Arturo Frondizi a la presidencia de la

⁹⁰ BASCHETTI ROBERTO, op. Cit. pag.23.

República, la anulación de los contratos petroleros, la devolución de la CGT intervenida y el retorno de Perón.

La primera incursión militar del grupo con el nombre de Movimiento Peronista de Liberación fue el asalto a la comisaria de Frias. En Uturuncos confluyeron ex-militantes de la Alianza Libertadora Nacionalista (ALN) , una fracción del peronismo revolucionario dirigido por Cooke, y miembros del agonizante Partido Socialista de la Revolución Nacional (PSRN). El foco fue desbaratado en enero de 1960." ⁹¹

A partir de 1962, acentua-se a falta de unidade da burguesia, sobretudo ante à crescente capacidade da classe operária de concentrar suas forças e aproveitar todos os territórios e espaços possíveis de ação legal que a repressão deixava livres.

Nessa capacidade de concentração de forças, ante os enfrentamentos políticos, encontrava-se o eixo da defesa estratégica do proletariado que assumia a forma de uma unidade complexa, ponto de chegada de profundas lutas entre as distintas frações.

Essa unidade de ação política não era capaz de gerar uma contra-ofensiva estratégica e muito menos uma ofensiva. O regime conseguia neutralizar militarmente, com grande eficácia, os contragolpes táticos que permitiriam a acumulação de forças sustentadas e que reforçara a ascensão das massas.

Porém, depois de cada enfrentamento, após cada derrota, o movimento popular se rearticulava ao redor da classe operária em um maior nível de concretude e síntese. O movimento popular reforçava sua convicção quanto à necessidade de manter o eixo estratégico defensivo, bem como a capacidade de autonomia e cooptação de quadros da pequena burguesia (revolucionária e reformista) e suas expressões políticas.

A eficácia militar tem como contrapartida a ineficácia política da condução dos setores populares; isto é, a burguesia não conseguia quebrar o eixo estratégico de defesa operária, não tinha como quebrar essa defesa e transformá-la em retirada, não podia, enfim, passar da ofensiva à perseguição estratégica.

Nem o sindicato nem as mesas de negociação concentravam a luta na forma como esta se verificava nas fábricas e nas ruas - estes os locais de resistência e de luta da classe operária, cada vez mais distante da direção sindical e da tutela de Perón.

A burguesia tenta desarmar essa unidade convocando as eleições que acabam por levar Frondizi à presidência. No comando, ele trata de fortalecer o sindicalismo, que perdia “poder” ante o Estado e suas bases, na tentativa de instituir uma forma de controle do proletariado tão eficaz quanto a que existira durante o governo de Perón (conforme registramos, Frondizi teve o apoio de Perón, que conclamou os trabalhadores a votarem em seu candidato).

⁹¹ SEOANE, op. cit. pag 349.

A classe operária se dividiria, respondendo apenas parcialmente ao apelo. A unidade volta, entretanto, pouco depois, com a aliança eleitoral que sai vitoriosa nas eleições da província de Buenos Aires, em 1962, consagrando a candidatura do dirigente sindical Framini.

Torna-se clara **a falta de eficácia do sistema institucional parlamentar; o qual não conseguiu funcionar como um dique de contenção eficaz capaz de desarmar a capacidade de contra-ofensiva tática.** Esta expressa-se no grande poder de mobilização e na unidade dos setores expropriados e dos quadros e organizações de outras frações sociais, cooptadas por eles. As forças armadas obrigam Frondizi a anular as eleições provinciais, antes de derrubá-lo, por um golpe de estado.

A perda de unidade da burguesia atinge o ponto máximo e cada setor convoca seus quadros armados para decidir os enfrentamentos (guerra entre “azules” e “colorados” ⁹²). Nova guerra entre burgueses e repressão aos setores populares.

⁹² Os "azules" e os "colorados", são as duas frações do exército que se enfrentam neste momento. Os colorados estavam aliados com a Marinha, tinham o apoio dos partidos políticos anti-peronistas e propunham uma democracia para 30% da população (pela proscricção do peronismo e os partidos de esquerda). As frações mais tradicionais do liberalismo conservador também os apoiavam, assim como o núcleo dos terratenentes. Eram liderados por Onganía. Os azuis, liderados por Lanusse, se definiam como profissionalistas, e ainda que sentiam uma grande desconfiança dos políticos, estavam dispostos a permitir uma abertura moderada e uma saída eleitoral. Tinham o apoio do setor mais dinâmico e concentrado da burguesia agrária, ligada ao capital financeiro e às empresas multinacionais.

Durante quatro dias os tanques percorreram as ruas de Buenos Aires. Porém, o enfrentamento foi restrito: os “azules” triunfaram com as armas, enquanto as massas limitaram-se a observar o conflito “entre eles”.

O movimento estudantil que mostrou certa unidade frente ao governo desenvolvimentista começa a fragmentar-se a partir da legalização das universidades privadas, na administração Frondizi. E surgem duas correntes ideológicas fundamentais: “a clerical” e a “reformista”.⁹³

Apesar do governo derrubado haver sido caracterizado como responsável pelo aumento do grau de endividamento do país e da dependência, pelo favorecimento da concentração do capital, da queda dos salários e da repressão, o movimento estudantil não apoiou o golpe militar. A FUA havia aceitado a fórmula eleitoral proposta pela União Popular, confluindo na estratégia adotada pela maior parte da classe operária, bem como por seus quadros sindicais.

Com o golpe de estado, foram fechados vários Centros de Estudantes, já que a repressão se fez maior, combinada com a ação dos esquadrões paraestatais armados, orgânicos ao regime.

⁹³ Frondizi propõe uma lei que autoriza a fundação de Universidades privadas e equipara os títulos destas com as Universidades estatais; medida que favorece o ensino religioso, alcançando o poder de Estado para outorgar títulos.

O GOVERNO ILIA

A crise política da burguesia e sua "guerra" torna necessária uma política capaz de redefinir as relações de força; isto é, uma política de desarme da força social popular. Estas frações iniciam um processo de retirada estratégica, como eixo de sua defesa ante da já ameaçadora capacidade proletária de transformar seus contra-golpes em uma contra-ofensiva estratégica. "Si bien no se resuelve el dilema inmediatamente, lo cierto es que se crea una suerte de repliegue de las Fuerzas Armadas, y de los sectores más reaccionarios, del control político del aparato de Estado; de una manera u otra el resto de la sociedad política repliega también sus fuerzas, dando lugar a una tregua de los enfrentamientos de carácter frontal que habian caracterizado al período anterior, creándose una etapa de reestructuración de las fuerzas políticas y de su medición a través de enfrentamientos rápidos".⁹⁴

As forças armadas convocam eleições, proscrevendo várias organizações políticas, entre elas, a esquerda revolucionária e reformista, e a eleitoramente majoritária : o peronismo. No intervalo entre o governo Frondizi e o novo governo eleito, entrega-se o poder nominal a um civil - José Maria Guido, sendo que o poder real ficava na direção dos militares.

Frente à essas frações triunfa a que recentemente manifestou oposição ao peronismo. O Dr. Ilia chega à presidência com os seguintes resultados:

⁹⁴ MARÍN , *Los hechos*, pag.22

PARTIDO	NÚMERO DE VOTOS	%
UCRP	2.441.064	25,15 %
UCRI	1.593.002	16,40 %
UDELPA	726.861	7,49 %
Democrata Progressista	619.481	6,38 %
Democrata Cristão	438.824	4,48 %
Socialista Argentino	278.856	2,87 5
Democrata	185.861	1,91 %
União Conservadora	133.199	1,37 %
Três Bandeiras	113.941	1,17 %
Justiça Social	83.302	0,86 %
Blanco	70.860	0,73 %
Conservador	68.687	0,71 %
Liberal	59.696	0,61 %
Vários (35 partidos)	583.961	6,0 %
En Branco	1.884.435	19,72 %
Anulados	173.696	1,79 5

NOTA: Os eleitores somam 85,5% do número de pessoas habilitadas.

⁹⁵Cuadro extraído de INÉS IZAGUIRRE, op. cit.

O novo governo contava com um poder mínimo, já que a força social que o sustentava estava isolada. Ilía não tinha como "ordenar" a atomização da luta de classes ⁹⁶. Então, "cada cuerpo de las fracciones de la sociedad actuó como si el poder del régimen se hubiera disuelto; cada una de ellas puso en práctica una especie de ejercicio generalizado de maniobras de sus respectivas fuerzas; presionando a un gobierno sin capacidad para detentar el poder del Estado: los estudiantes pedían mayor presupuesto para la educación, los obreros más salarios; las izquierdas exigían una política internacional contra la guerra de Vietnam; la izquierda más radicalizada iniciaba un foco guerrillero en Salta; la burguesía pedía orden; y así, todos ponían en acción el más formidable ensayo general de instrumental para la movilización de sus bases de apoyo".⁹⁷

Cada força social exercitava sua magnitude de poder e o fazia sobre uma territorialidade considerada própria e assegurada e, que tentava ampliar, mediante uma imaginária guerra de movimentos: no deslocamento de forças a um espaço exterior "abandonado" pelos antigos donos.

⁹⁶ " No se trata de una fracción de la burguesía cohesionada por grandes intereses comunes y deslindada por condiciones peculiares de producción, sino de una gran pandilla de burgueses, escritores, abogados, oficiales y funcionarios de ideas republicanas..." Marx, sobre la fracción burguesa republicana del 18 Brumario. Haciendo un paralelo, el Gobierno de Ilía, tiene , sus únicas bases de poder la débil clase medía agraria, fracciones del estudiantado universitario y la máquina del aparato partidario (UCRP) y ahora también el aparato estatal. Respecto al movimiento obrero y sindical, tenía una breve inserción en algunos gremios estatales.

Porém, esses territórios pertenciam a uma ordem que lhes era alheia. A ausência de um disciplinador interior lhes havia criado a imagem virtual de uma territorialidade já conquistada: os estudantes, "suas" escolas e universidades; os operários e "suas" fábricas; os políticos "seus" parlamentos... e, assim, todos!⁹⁸

O movimento estudantil caracterizou o novo período democrático como fruto de um processo eleitoral fraudulento pela proscrição de vários partidos políticos, sendo esse novo governo, virtualmente ilegítimo, já que a grande quantidade de votos em branco lhe tirou qualquer espécie de representatividade. Não obstante, a tarefa política seria ampliar o espaço democrático já conquistado.

Entretanto, com o governo de Ilia, devido ao recuo do controle do aparato estatal pelo regime, criam-se condições adequadas à expansão das ações políticas. Para o movimento estudantil cria-se a imagem da universidade como territorialidade conquistada: liberam-se os estudantes presos e reabilitam-se os centros fechados pelo governo anterior. As universidades deixam de ser vistas como lugar de luta em si mesmas; engajam-se na luta contra o regime, ao lado dos trabalhadores: começa o deslocamento "para fora".

⁹⁷ Ao final de 1963, ainda durante o governo de Ilía, se instala en Salta un foco guerrillero conducido por Ricardo Massetti, periodista de Radio El Mundo, y fundador de la agencia cubana de noticias Prensa Latina (PL). Su seudónimo fue "Comandante Segundo", ya que el primero era el Che Guevara. Además de algunos militantes cubanos como los hermanos Hermes y Lázaro Peña, el EGP, estaba integrado por estudiantes universitarios disidentes del Partido Comunista Argentino -PCA-. Sin un programa político claro, el grupo fue cercado por la gendarmería, que logró capturar a la mayoría de sus integrantes. Massetti se internó en la selva del Yuto, donde desapareció para siempre. (datos extraídos de *Todo o Nada*, de Maria Seoane.)

Esse deslocamento do movimento estudantil para fora dos muros da universidade em apoio à luta popular, ocorre, em princípio, por iniciativa de uma pequena parcela da população estudantil, enquanto a maioria permanece encapsulada em seu próprio território, lutando por maiores verbas e outras demandas corporativas. Mas, finalmente, a maioria soma-se ao enfrentamento que envolve toda a sociedade: a luta do povo contra o regime. A luta de classes expressa-se na forma de enfrentamento entre forças sociais.

Duas motivações mobilizam centralmente a luta estudantil : o aumento de verbas, em defesa da educação pública, e a posição condenatória à invasão de Santo Domingo pelos Estados Unidos, bem como o repúdio à intenção do governo argentino, de enviar tropas para apoiar a operação militar norte-americana na região. Os estudantes, que também protestavam contra a elevação do custo de vida e o desemprego crescente, apoiavam a luta da CGT - mas não a cúpula sindical cooptada pelo golpe que afastou Illia do poder.

A mobilização de rua, a ocupação de faculdades e a elaboração de documentos foram as formas de enfrentamento mais adotadas no período.

⁹⁸ " Es interesante observar como las diferentes fracciones sociales, asumían los instrumentos tradicionales (escuelas, fábricas, instituciones políticas, estatales, etc.) no tanto como algo deseable sino como algo cuyos límites y formas precisas podían ser transformadas a partir de la búsqueda de metas liberadoras. Los estudiantes buscaron dar sus clases en las calles, plazas, paseos, porque "no tenían espacio en sus aulas", los obreros tomaban las fábricas."MARÍN, *Los Hechos..* pag. 58, 59 y 60.

A luta política e ideológica no âmbito universitário cresce, alterando-se a harmonia entre os distintos claustros. Rompem-se as relações hierárquicas e quebra-se o sistema normativo das universidades, instalando-se nas faculdades a “desordem” que reinava na sociedade, produto da crise que atingiu o institucional político - uma crise de dominação política e social da burguesia em seu conjunto.

Na realidade, aprofunda-se a crise que se iniciara em 1962 ⁹⁹: crescem as agrupações estudantis revolucionárias que se distanciam das agrupações reformistas e “apolíticas”, pondo em crise essas orientações, sobretudo o reformismo, corrente arraigada na tradicional política estudantil.

No final do governo Illia, a luta estudantil intensifica-se buscando maiores verbas e em solidariedade ao movimento operário; enquanto o regime, invadia

⁹⁹ Trazemos um documento de 1962, que mostra como se ía construindo esta "desorden", este "asalto" às hierarquias dentro da vida universitaria: " El movimiento de la reforma universitaria encuentra sus aliados, y sus más inmediatos traidores, dentro del campo de los "liberales".

Pero lo que importa en definitiva es que, de esta alianza, mediante un proceso de luchas "internas" en la Universidad se logra finalmente "liberalizarlas"; y como contrapartida y garantía de no dar un paso más, se establece una fuerte oligarquía académica formada fundamentalmente por estos dos sectores ideológicos: "clericales" y "liberales".

Hasta el proceso de masas del Peronismo, el saldo hegemónico tendería a ser favorable a los liberales...Clericales y liberales fueron los antagonistas principales de una lucha tradicional en el campo de la cultura argentina, y en particular, por la hegemonía académica en la Universidad. En su desarrollo, terminaron por generar una fuerte oligarquía académica. Esta oligarquía logró constuir una organización universitaria cuyo principal objetivo consistía en responder al mercado de trabajo de las "profesiones liberales", coherentes con las necesidades de mantenimiento del poder tradicional...las oligarquías académicas, crearon las condiciones para que surgiera una profunda incomprensión en nuestros universitarios del proceso de masas desarrollado durante el Peronismo; y en segundo término, eliminaron toda posibilidad de construcción de la investigación científica...del error de separar estos términos: pueblo y ciencia, presentándolos como opciones actuales en las que se pretende embarcar a las mayorías universitarias...."

Parágrafo extraído do documento chamado "Universidad: política de masas ." Publicado no jornal oficial do Partido Socialista Argentino de Vanguardia (PSV) de 7 de Noviembre de 1962. , Buenos Aires, citado por BEBA BALVE en *Rosario-Córdoba-Rosario*., Buenos Aires, Editorial Contrapunto, 1989, pag. 69 y 70.

armados as faculdades através de ações de esquadrões terroristas de orientação fascista.

Durante esse período de democracia restrita cresce a desordem e, proporcionalmente, o medo da burguesia, que iniciara sua defesa estratégica numa atitude que se traduziu no golpe militar de 28 de junho de 1966: nasce um "novo partido do ordem".

A fração mais reacionária da burguesia reunida ao redor do Exército, limitava-se a observar os acontecimentos, aguardando a ocasião ideal para impor a ordem; isto é, devolver cada um à sua clausura, fazendo com que os corpos assalariados, os corpos estudantis, etc., voltassem a expressar sua personificação como corpos construídos em forma capitalista.

O caráter da luta de massas ia incorporando formas armadas de enfrentamento.

Conforme destacamos, o que leva as massas portar "armas materiais" somente se chega a compreender quando se pensa no longo processo de construção da força moral e da força social, que tiveram como pilares a capacidade de união das forças populares frente ao inimigo, o sentir-se parte da uma aliança que continha cada identidade.

De uma "tensa espera" a burguesia passa à ação, em junho de 1966, quando inicia sua defesa estratégica, assumindo uma ofensiva dentro da defensiva: já que prolongar a defesa passiva significaria deixar grande espaço para que as massas pudessem consolidar seu processo de ascensão e passassem, elas próprias, à ofensiva estratégica.

A ausência de uma "ordem" permitira ao proletariado lançar numa série de "jogos de exercícios de guerra", um conjunto de manobras, que, segundo Marín, foi dotando o movimento de quadros combativos, recrutados nos meios operários e, ainda, em outras frações sociais - como, por exemplo, os universitários. Assim, foi possível acumular forças contra o regime burguês de dominação, como, também, criar condições para formar e treinar aqueles quadros.

O golpe de Onganía acontece em um momento de ascensão das massas, busca construir uma "ordem" estável como eixo da defesa estratégica, almejando derrotar os quadros combativos do movimento popular. Esse empreendimento logra uma trégua entre as frações burguesas para tentar consolidar conjuntamente a dominação do proletariado.

Essa trégua se traduz na unidade em torno da figura do general Onganía.

A tática burguesa se sobrepõe às contradições e consiste na construção de um "partido da ordem" e termina com a atomização burguesa que constrói, por sua

vez, a unidade da classe operária. Sua argúcia em termos táticos consiste na resposta tradicional: "o partido da ordem" contra o "partido da subversão".

Aqui apresentamos um exemplo desse processo, registrado na província de Tucumán: " El cierre de once ingenios azucareros, en Tucumán, suponía la destrucción de la economía regional y provincial. De ellos dependían el 80 % de los pobladores económicamente activos, y el 75 % del PBI de la provincia. La desesperación social, sumadas a las ya difíciles condiciones del atraso, se expresó en las manifestaciones de protesta a las que convocó la FOTIA. El 12 de enero de 1967, Santucho participó de la columna de obreros del Ingenio San José que marchaban, junto con otros, y debían concentrarse en el ingenio Santa Lucía, en el pueblo de Bella Vista. Poco antes de las 17, hora en que se iniciaba el mitín, la policía detuvo a varias personas, como gesto intimidatorio. Minutos después comenzó la violenta refriega. Intervino la guardia de Infantería y los activistas del sindicato de San José lanzaron bombas incendiarias contra ellos. La policía disparó entonces, contra la multitud integrada en su mayoría por mujeres y niños. En el desbande quedó el cuerpo de Hilda Herrero de Molina. La multitud enardecida, cargó nuevamente contra las fuerzas represivas, obligándolas a refugiarse en el local policial. Bella Vista quedó, por horas, en manos de la gente. La sangre derramada enardeció más a los cañeros y al día siguiente Santucho escuchó de los obreros reiterados pedidos de que consiguieran 'ametralladoras para ir a la lucha a muerte contra la dictadura'." ¹⁰⁰

¹⁰⁰ SEOANE, op. cit. pag.97.

Ante a iniciativa burguesa de retomar a industrialização centralizadora¹⁰¹ e de reordenar a valorização do capital - neste caso ligado à produção de açúcar - a defesa operária das condições de trabalho supera por sua própria dinâmica, um estágio meramente reivindicativo. **O grau de enfrentamento impõe a necessidade de incorporar armas materiais, porém se esses corpos não estivessem “armados” politicamente dificilmente saberiam a hora de disparar, como e contra o quê.**

En 1970, Santucho, refletindo sobre esse episódio, diz: " **El planteo de la lucha armada irrumpe en el PRT, no a través de estudiantes e intelectuales revolucionarios influidos por la experiencia de otros países. Surge de la experiencia directa de las masas obreras argentinas y es incorporado al partido por su vanguardia que ha recorrido previamente el camino de la lucha pacífica, que ha comenzado por huelgas corrientes, por la participación en elecciones, que ha pasado a la ocupación de fábricas con rehenes, a las manifestaciones callejeras violentas, hasta que cerradas todas las posibilidades legales con la asunción de Onganía, se orienta correctamente a la guerra revolucionaria.**"¹⁰²

As organizações revolucionárias desenvolvem uma política armada partindo desse estágio da luta de massas. Nesse sentido é que compõem a mesma força social e expressam a presença em uma mesma estratégia.

¹⁰¹ O tipo de desenvolvimento impulsionado por Frondizi é retomado, ainda que as multinacionais começam a mudar suas estratégias. Inicialmente produzem articuladamente com as outras filiais da mesma empresa. Por exemplo, a SCANIA começa a produzir na Argentina não só para seu mercado interno, mas também para outros países. A produção a nível mundial se articula de maneira ampliada.

Que esse estágio expressa a presença e o processo de construção de uma aliança, de uma força social, de uma estratégia em, por exemplo, atitudes como a de que a Junta Coordinadora Nacional del radicalismo - JCN se propunha a "renovar o radicalismo e dotá-lo de uma dinâmica revolucionária que possibilitasse a estruturação de um partido de massas". Além disso, solidarizava-se com a CGT dos argentinos, denunciava-a como fascista e o "imperialismo como agressor da América Latina e do Vietnã". Também combatia os "burócratas e eleitores", como Ricardo Balbin.¹⁰³

¹⁰² Introducción a las resoluciones del PRT, M.R. Santucho, Ed. "El Combatiente.", Buenos Aires, 1973.

¹⁰³ LEUCO ALFREDO/ DÍAZ JOSE ANTONIO, Buenos Aires, Ed. Sudamericana, 1987. Ricardo Balbín é o principal dirigente da ala mais conservadora do radicalismo

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INTEGRAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

A CONSTRUÇÃO DO PODER DO CAMPO POPULAR

OS ANOS 70 NA ARGENTINA

Volume 2

Texto a ser apresentado no exame de dissertação para obtenção do grau de

Mestre

ORIENTANDA: Maria Florencia Ferrer

ORIENTADOR: Prof. Dr. Emir Sader

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 2: UMA BREVE RESENHA HISTÓRICA	17
UMA CARACTERIZAÇÃO DA CLASSE DOMINANTE ARGENTINA	17
CAPÍTULO 3: UM NOVO ORDENAMENTO - O PERONISMO	32
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O PERONISMO	35
O CASO PETER	39
A MUDANÇA DE HEGEMONIA DENTRO DO MOVIMENTO OPERÁRIO	46
O SINDICALISMO PRÉ-PERONISTA	59
LUTA INTERBURGUESA E HETERONOMIA OPERÁRIA	68
O COMEÇO DO FIM DO GOVERNO PERONISTA	85
CAPÍTULO 4: 1955 - O PERONISMO EXPULSO DO PODER DO ESTADO.	92
A RESISTENCIA PERONISTA	93
O CARÁTER SOCIAL DAS ARMAS	108
O GOVERNO DE FRONDIZI	110
O GOVERNO ILIA	121
CAPÍTULO 5: 1969 - EXPRESSÃO DE UMA CONFRONTAÇÃO	136
EIXO RESISTENCIA-CORRIENTES	140
O TUCUMANAZO	142
O CORDOBAZO	144
O ROSARIAZO	159
AS AÇÕES	160
CONFLUÊNCIA DE CONFLITOS: A GREVE GERAL EM ROSARIO	165
A GREVE GERAL DE 23 DE MAIO	166
CAPÍTULO 6: A CONSTRUÇÃO DE PODER NO CAMPO POPULAR	168
O VIBORAZO	185

CAPÍTULO 7: “PERÓN VUELVE”	191
"CAMPORA AL GOBIERNO"	191
EZEIZA. A GUERRA EM “CAMPO ABERTO”	202
"PERÓN AL PODER"	213
A VOLTA DO POPULISMO	213
A VERDADEIRA FACE DE PERÓN	218
A TRIPLE A	227
CAPÍTULO 8: 1976 - CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA TERRITORIALIDADE	233
EXPULSÃO DE UM TERRITÓRIO E REORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO	237
O GENOCÍDIO	239
CAPÍTULO 9: CONCLUSÕES	254
REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS	260

Capítulo 5: 1969 - EXPRESSÃO DE UMA CONFRONTAÇÃO

O período que estamos tratando tem como características gerais: a mobilização social, luta nas ruas, a emergência de tipos de ação direta, as ações por fora das normas legalmente instituídas ou ainda por fora de aparatos burocráticos institucionais, as "puebladas", o surgimento de organizações armadas, a formação de correntes sindicais classistas e a impossibilidade do regime de manter a dominação de classe sob a forma de ditadura militar.

Crenzel observa: “Estas acciones, que involucran a diferentes personificaciones sociales, son reveladoras, en diferentes grados, de un proceso hasta ese momento socialmente inobservable: la crisis orgánica por la que atraviesa la dominación burguesa y el proceso de formación de una fuerza social de caracter revolucionario. La naturaleza historico-social de dicha fuerza en construcción -que puede rastrearse en enfrentamientos previos- expresaba una tendencia al establecimiento de relaciones sociales de cooperación, antagónicas con las formas burguesas-mercantiles dominantes y de dominación establecidas entre cuerpos, clases y fracciones de clases. El caracter de estas relaciones sociales que en el campo popular habia ido constituyendo a lo largo de una serie de luchas y enfrentamientos,

formaban parte de su armamento moral, de su pertrechamiento estratégico, de la convicción que la lucha que se llevaba a cabo era justa." ¹⁰⁴

Creemos que o ano 1969 constitui um ponto de chegada e de partida para nossas reflexões sobre a história política da Argentina. Aquele ano marca o começo da guerra, como um estágio da luta de classes, que envolve tanto as frações que assumem as diferentes estratégias burguesas, quanto para as estratégias revolucionária e proletária.

A luta pela condução estratégica do período e das massas cuja gênese se refere a 1969 representa, nesse momento, "un hito en el proceso histórico económico-social argentino y, lo es, porque refiere al espacio tiempo en que se han creado las condiciones de una situación revolucionaria." ¹⁰⁵

¹⁰⁴EMILIO CRENZEL, *El Tucumanazo (1969-1974)*, Buenos Aires, Centro Editor de America Latina, Biblioteca Política, Volúmenes 312 y 313, 1991, pag. 12 Tomo 1.

¹⁰⁵BALVÉ Beba, BALVÉ Beatriz, *El '69. Huelga Política de Masas. Rosaríazo-Córdobazo-Rosaríazo*. Buenos Aires, Ed. Contrapunto, 1989, pag. 15. "... resulta indudable que la revolución es imposible si no se da una situación revolucionaria conduce a la revolución. Cuáles son, en términos generales, los signos distintivos de una situación revolucionaria? Estamos seguros de no equivocarnos la señalar estos tres signos principales: 1) La imposibilidad para las clases somnantes de mantener su dominio en forma inmutable; tal o cual crisis en las "alturas", una crisis de la política de la clase dominante, abre una grieta por la que irrumpen el descontento y la indignación de las clases oprimidas. para que estalle la revolución, no basta que "los de abajo no quieran vivir "como antes, sino que hace falta también que los de "arriba no puedan vivir"como hasta entonces. 2) Una agravación, superior a la habitual, de la miseria y las penalidades de las clases oprimidas. 3) Una intensificación considerable, por las razones antes indicadas, de la actividad de las masas, que en tiempos "pacíficos"se dejan expoliar tranquilamente, pero que en épocas turbulentas son empujadas tanto por la situación de crisis en conjunto como por las "alturas" mismas, a una acción histórica independiente. Sin estos cambios objetivos, independientes no sólo de la voluntad de tales o cuales grupos y partidos, sino también de la voluntad de estas o aquellas clases, la revolución es, por regla general, imposible. El conjunto de estos cambios objetivos es precisamente lo que se llama situación revolucionaria....la revolución no surge de toda situación revolucionaria, sino sólo de una situación en la que a los cambios objetivos antes enumerados viene a sumarse un cambio subjetivo". V.I.LENIN, *La Bancarrota de la II Internacional*.Obras Completas, Tomo XXI, Ed. Cartago, Buenos Aires, 1960 pag.. 211-212.

Desde a perspectiva da luta de classes do proletariado, 1969 configura um momento de realização da luta de massas, tomando forma por meio da greve política de massas, na qual a classe operária estabelece sob sua iniciativa a luta pelo poder efetivo das massas. Esse processo envolve diferentes frações de classe em um mesmo enfrentamento.

Diferentes fatos ocasionam a faísca para que os "azos"¹⁰⁶ aconteçam. Bonasso relata: "El *Córdobazo* empieza fuera de Córdoba. Precisamente en la Universidad del Nordeste. El motivo ? Futil en apariencia: el boleto para el comedor universitario aumento de 10 a 12 pesos. El 15 de mayo los universitarios, los empleados de la provincia, la JP, (...) y miles de personas enfurecidas, recorren las calles de Resistencia. Hay gases. También tiros. En Corrientes muere un muchachito: Cabral. En Rosario otro: Blanco. Entonces, por la irrefutable teoría de los vasos comunicantes, estalla Córdoba." ¹⁰⁷

A "luta contra a repressão" unifica e desencadeia em Rosario - primeira cidade da província de Santa Fé - dois dias de lutas de rua contra a polícia e o Exército; uma greve geral desencadeia o "Córdobazo" (como o nome indica, acontece

¹⁰⁶"... pueblada esta mas vinculada a protesta y conflictos de intereses y "azo" a movimientos sociales de oposición política. Refieren a dos tipos de organización social diferentes, tanto por su forma, como por su contenido social, y representan intereses de clase diferentes. En la pueblada la ciudadanía cierra filas al interior de la ciudad como corporación y el enemigo es algo "externo" a esa corporación, que afecta sus intereses economico-corporativos.

En los "azos" es la sociedad la que se divide organizandose en dos grandes fuerzas sociales contrarias, enfrentadas, y este tipo de organización erfiere a una sociedad desarrollada en donde comienza a expresarse el antagonismo alcanzado entre las dos grandes clases sociales en el capitalismo. en LIDIA AUFRANG *Las puebladas: dos casos de protesta social. Cipoletti y Casilda* Centro Editor de America Latina, Biblioteca Política, Volumen 252, Buenos Aires, 1989, pag. 12 (Introducción de Beba Balve)

¹⁰⁷BONASSO op. cit. pag. 262.

na cidade de Córdoba), contando também com a adesão dos estudantes, da população em geral e dos profissionais liberais.

Os combates de massas realizados em maio de 1969 conduzem à ocupação militar desses territórios e implantação de Conselhos de Guerra por parte das Forças Armadas. Esse processo acontece por todo o país, confluindo em uma greve geral no dia 30 de Maio, convocada pela CGT. No entanto tudo, tudo já fora disparado antes da decisão da CGT.

EIXO RESISTENCIA-CORRIENTES

No eixo Resistencia-Corrientes - a primeira é a capital da província de Chaco e a segunda da província homônima -, bem se expressa esse processo de protesto social, ali desencadeado pelo aumento dos preços da comida, consequência da privatização dos refeitórios estudantis.

Em Resistencia, a busca de alianças envolve até a Igreja e, em Corrientes, um setor do movimento operário organizado, vinculado, em escala nacional, à CGT "Paseo Colón" ou de "los Argentinos". Estas duas instituições cedem suas instalações a luta estudantil. Na primeira passa a funcionar um restaurante; na segunda, um espaço destinado a assembléias e reuniões. Por sua vez, *"los estudiantes intentan incorporar al movimiento a otros sectores de la población, utilizando como medio la ayuda en alimentos para mantener el comedor estudiantil. Así obtienen una respuesta favorable de vecinos y comerciantes."*¹⁰⁸

Em 15 de maio, organiza-se uma marcha de protesto simultânea em Resistencia e Corrientes, autorizada pela força policial. O objetivo era entregar uma lista de reivindicações ao reitor normalizador da universidade. Em Corrientes, a marcha pacífica, apesar de autorizada pela força policial, é atacada. Morre o estudante Cabral.

Uma manifestação pacífica, primeiro permitida depois reprimida inspira a coesão necessária e acaba funcionando como a argamassa de toda

uma série de enfrentamentos, que se desdobra entre Rosario e Córdoba. *Este elemento funcionou como estopim, conseguindo construir a força moral necessária para que o movimento social liberasse sua força e realizasse seus enfrentamentos em condições favoráveis.* O meio onde os operários se lançavam na luta, não apenas contra os baixos salários e por melhores condições de trabalho, o que os aproximava dos estudantes, mas também contra o fantasma do desemprego, estava baseado no fechamento de empresas em um contexto de reconversão industrial e econômica.

¹⁰⁸BALVÉ Beba, BALVÉ Beatriz, op. cit.pag. 34.

Em 23 de maio realiza-se uma marcha de silêncio em repúdio à agressão policial que resultou na morte de estudantes em Corrientes e Rosario. No dia 26, 200 advogados, em frente à porta dos tribunais, realizam ato contra a repressão e a ditadura. O governo tenta deslocar tropas para reprimir a manifestação. Mas parte delas se recusa a sair à rua contra o povo, reclamando melhorias salariais e dizendo divergir do comando. A intervenção fica por conta da Polícia Federal.

No dia 27, os padres do terceiro mundo celebram missa popular, reprimida. Alguns agentes da polícia provincial são detidos por se negarem a participar da ação. Cerca de 3.500 manifestantes dirigem-se para a sede da universidade e, no trajeto são atacados. Então, começam a apedrejar a Casa do Governo, derrubando postes de iluminação. Às 22:15, ocupam a sede da Universidade Nacional de Tucuman. A noite termina com outra missa, na qual o padre Juan Ferrante, em seu sermão, prega: “Hoy, los cristianos tenemos que dar testimonio de las enseñanzas de Cristo, para que el combate que libran los estudiantes no sea en vano, pues si queremos hacer la revolución, tenemos que hacerla hasta el final.” Em seguida, o grupo se dispersa.

Ainda naquela madrugada, os estudantes ocupam oito quadras nas proximidades da UNT. Durante todo o dia a mobilização continua. **Os comerciantes**

¹⁰⁹Todos os atos descritos nos acontecimentos de Tucuman, foram extraídos de *El Tucumanazo (1969-*

aderem, apagando os letreiros luminosos e luzes no interior de suas lojas, em homenagem aos que tombavam na luta. Já à noite, realiza-se um ato “operário-estudantil”, em frente à FOTIA , com fogo e barricadas, para responder aos gases lacrimogêneos lançados pela força policial.

O enfrentamento se intensifica quando um operário, Angel Rearte, é morto pela repressão. A polícia se aquartela, enquanto o fogo e as barricadas se espalham.

No dia seguinte, Tucuman adere maciçamente à greve nacional convocada pela CGT. Alguns trabalhadores suspendem a paralisação, tentando chegar a Tafi Viejo de trem. Os manifestantes detêm o trem, sendo dispersados, entretanto, com rajadas de metralhadoras, disparadas pelo Exército. Começam o levantamento de barricadas e as prisões a seus participantes. Mas logo se lançam bombas, inclusive contra a FOTIA, em repúdio “às manifestações ‘frouxas’ de sua direção ante a gravidade do momento nacional”.

À tarde, começam a funcionar os *conselhos especiais de guerra*, que julgam os detidos. Apesar disso, a CGT marca outra greve, para o dia 31, e os estudantes se declaram em “assembléia permanente” .

o CORDOBAZO

O Córdoba colocou a necessidade de criar uma força político-militar, para lutar pelo poder, sem deter-se na reforma do capitalismo.

Tosco descreve da seguinte maneira os acontecimentos: "El día 29 de mayo amanece tenso. Algunos sindicatos comienzan a abandonar las fábricas antes de las 11 hs. A esa hora el gobierno dispone que el transporte abandone el casco céntrico. Los trabajadores de Luz y Fuerza de la Administración central, pretenden organizar un acto a la altura de Rioja y General Paz y son atacados con bombas de gases. Es una vez más la represión en marcha. La represión indiscriminada. La prohibición violenta del derecho de reunión, de expresión de protesta. Mientras tanto, las columnas de los trabajadores de las fábricas de la industria automotriz van llegando a la ciudad. Son todas atacadas y se intenta dispersarlas.

El comercio cierra sus puertas y las calles se van llenando de gente. Corre la noticia de la muerte de un compañero, era Máximo Mena del Sindicato de Mecánicos. **Se produce el estallido popular, la rebeldía contra tantas injusticias, contra los asesinatos, contra los atropellos. la policía retrocede. Nadie controla la situación. Es el pueblo. Son las bases sindicales y estudiantiles, que luchan enardecidas. Todos ayudan. El apoyo total de toda la población se da tanto en el centro como en los barrios.**

Es la toma de conciencia de todos evidenciándose en las calles contra tantas prohibiciones que se plantearon.... El saldo de la batalla de Córdoba - El Córdoba- es trágico. Decenas de muertos, cientos de heridos. Pero la dignidad y el coraje de un pueblo florecen y marcan una página en la historia argentina y latinoamericana que no se borrará jamás. En las fogatas callejeras arde el entreguismo,"¹¹⁰ "El Córdoba es la expresión militante, del más alto nivel cuantitativo y cualitativo de la toma de conciencia de un pueblo, en relación a que se encuentra oprimido y a que quiere liberarse para construir una vida mejor..."¹¹¹

O Córdoba deixou evidente o grau de desenvolvimento que tinha essa força social de carácter popular. Para o Exército, esse é o começo de um processo de tomada de consciência, de uma guerra para a qual se reconhecia despreparado.

Lanusse começa seu livro "Mi testimonio" descrevendo o Córdoba: "Con el Córdoba, saltaron a la mesa desde la presencia de Dios y de su Iglesia en los problemas temporales, hasta la crisis del autoritarismo, la resistencia a Buenos Aires, la protesta de los radicales, la explosión de los barrios Peronistas, la repugnancia al corporativismo, la vocación protagonista de los argentinos y, por supuesto la actividad de núcleos subversivos que encontraron allí óptimas condiciones para salir a escena.

¹¹⁰TOSCO Agustín, op. cit. pag.. 54 y 55. Llamam "entreguismo" a la parte del sindicalismo que se rige por los tiempos políticos de la burguesía.

¹¹¹TOSCO AGUSTIN, *Escritos y discursos*. En *Selección de trabajos por Jorge Lannot, Adriana Amantea y Eduardo Sguiglia*. , Buenos Aires, Editorial Contrapunto, 1988,. pag.. 39.

Los piquetes subversivos mostraron gran eficacia, pero también se apreciaba la movilización de grupos totalmente ajenos a la subversión y, en especial, de los aparatos del radicalismo y de la estructura sindical. Como un organismo que enferma de remedios, Córdoba estaba enferma de orden. De un orden que se le presento como torpemente anacronico cuando creyo avizorar que preparaba una repigmentación corporativa. El mayo frances (...) estaba entonces muy presente en la memoria colectiva pero, a diferencia de los episodios galos (donde hubo una sola victima y por accidente) los tiros comenzaron pronto en Córdoba, disparados desde una y otra parte."¹¹²

Lanusse destaca a existência de uma força social que continha alianças de diferentes frações. Apesar de se expandir o castigo sobre o corpo social, o regime se mostrava incapaz de impor a disciplina.

"En el país había nacido lo que entonces se llamó una nueva oposición. La ideología hegemónica de esa nueva oposición no era ya tanto la radical, la socialista, la liberal, ni aun , la comunista, en la acepción tradicional del termino. Era, y en eso si había acertado Caballero, una oposición juvenil que trataba de sumar a todos los sectores que se oponian al sistema liberal y, sobre todo al sistema economico liberal. Esa oposición juvenil no entendía como antagónicos al catolicismo y al marxismo, ni al nacionalismo y al marxismo. Por cierto, radicales, socialistas,

¹¹²LANUSSE Alejandro, *Mi testimonio*, Buenos Aires, 1977, Laserre Editores, pag. 3, 9, 18, 19, 21.

Peronistas ortodoxos, liberais y comunistas de la linea oficial también participaban de las manifestaciones que se venian realizando."¹¹³

O mesmo Exército, na opinião de Lanusse, observa que as alianças começavam a concretizar-se em políticas unificadas, que conformavam uma ideologia hegemônica nova, que as englobava e unia em torno de uma ação comum.

Numa outra visão política, Agustín Tosco, dirigente do Sindicato de "Luz y Fuerza " de Córdoba, parte integrante do sindicalismo combativo, define essa "Nueva Oposición" da seguinte maneira: "La conducción (del sindicato de Luz y Fuerza) está integrada por compañeros Peronistas, radicales, marxistas, comunistas, demócratas cristianos... En nuestro gremio practicamos lo que enarbolamos como unidad de acción y de lucha con pleno respeto al pensamiento de cada uno. Yo jamás levantaré un dedo contra el pensamiento político de un compañero o contra la religión, es una aberración que debemos superar, una lacra de la civilización...Que se combata una idea puede ser, pero anularla, clausurarla, condenarla, reprimirla, eso no lo aceptamos."¹¹⁴

Essa aliança se mobilizava, em conjunto, contra um inimigo que inspirava a coesão. A forma pela qual o governo vinha exercendo o poder já não garantia a sua continuidade: eram necessárias mudanças na maneira de implementar o exercício do poder, construindo-se uma estratégia capaz de lhe permitir enfrentar essa força social, em processo de construção e ascensão. O problema do poder

¹¹³LANUSSE. "Mi test....", pag.. 21.

¹¹⁴TOSCO, AGUSTÍN. Op. Cit. pag.. 18.

constituía um tema fundamental para as forças do regime, e a luta das massas o impunha.

Marín assinala: "Un movimiento de protesta social comenzo lentamente a tomar forma en todo el país, las sumas de los ciudadanos recobraron las ecuaciones de las clases sociales y sus fracciones comenzaron a constituir las alianzas suficientes como para dar base a la génesis de fuerzas sociales en acción de enfrentamiento a la gran corporación: en mayo de 1969 las luchas de calles superan a las fuerzas represivas convencionales e imponen la necesidad de que las fuerzas armadas se constituyan en fuerzas armadas de ocupación."¹¹⁵

Uma parte integrante da força do povo assumia o enfrentamento armado, o que representava um grau de complexidade maior na forma de combater, na avaliação do regime. O enfrentamento entre “exércitos” não era real. Lanusse encara a guerrilha como parte integrante do conjunto da oposição:

"Lo cierto es que la subversión podía operar en forma relativamente comoda porque no estaba aislada. La estructura del sindicalismo moderado, cuyo apoyo buscaba abiertamente el gobierno de General Onganía, se negaba a seguir respaldando el proceso."¹¹⁶

¹¹⁵MARÍN JUAN CARLOS, "Los hechos..."pag.. 63.

¹¹⁶LANUSSE ALEJANDRO, op. cit. pag. 50 y 51.

Por outro lado, as que permaneciam isoladas eram as forças armadas: "Cómo es posible, entonces, imaginar una unidad y verticalidad de las FFAA que se sustentaran en el vacío? Cómo es posible suponer sobre todo en un país como la Argentina, que se podía gobernar simultaneamente, sin legitimidad, sin consenso?" ¹¹⁷

O Córdoba mostrou que o momento pelo qual passava a luta de classes era perigoso para a burguesia e para a manutenção de sua ordem: o "inimigo" espalhava-se por toda a sociedade, encontrando-se inclusive nas frações "burguesas": "Los barrios burgueses colaboraron en forma espontanea y entusiasta en la acción, dando material combustible a los revoltosos".¹¹⁸ Como veremos na descrição do "Rosario", industriais e comerciantes chegaram a parar suas atividades em solidariedade ao sepultamento um operário-estudante morto pela polícia.

Lanusse vê com clareza que a estratégia a construir devia ter como fim o aniquilamento dessa força social que lutava. Porém, essa ação devia ser cuidadosamente elaborada: antes era preciso destruir as alianças, isolando frações, rompendo a unidade.

Nesse tipo de reflexão vemos o conhecimento e o uso da teoria da guerra, a partir da qual se constrói um conhecimento específico sobre sua prática política. Nesse sentido é que o Exército não emprega todas as suas forças ao mesmo

¹¹⁷LANUSSE ALEJANDRO, op. cit. pag.. 43.

¹¹⁸LANUSSE ALEJANDRO , op. cit. pag.. 18.

tempo, mas, sim adota movimentos táticos diferenciados na relação de força que põe em jogo o inimigo.

Por isso, Lanusse registra: "La doctrina militar establecia una gradación en lo que se refiere al empleo de medios: primero debian utilizarse los efectivos policiales, si estos resultaban insuficientes, los efectivos de seguridad y, en el caso de que unos y otros no alcanzaran a controlar la situación, debian ser empeñadas las fuerzas armadas. (...) La síntesis era que, como ocurría en el plano general, el Ejército debia mantenerse como ultima reserva para enfrentar aquello que no podía ser controlado por otros medios(...) De todos modos, hubiera sido mejor salir antes con las tropas? La primera vez que Sanchez Lahoz me llamó por teléfono, yo le formule una pregunta: con quien esta la gente? Sobre esto, como he dicho, no existen aun hoy, dos opiniones distintas. **La población, sobre todo en la mañana de aquel día, simpatizaba con los manifestantes.** Todavía no se habian cometido los excesos y la gente desde las ventanas o en la calle, estaba acompañando a veces activamente esa especie de rebelion que se producía en Córdoba. Si hubieramos salido antes, el Ejército habria provocado, una 'masacre', señala hoy el coronel Marguery, el mismo que tomo las medidas preventivas. Aunque hubiera sido militarmente posible estar en la calle al mediodía, habria sido en la práctica un desastre de consecuencias imposibles de imaginar. La gente rodeaba a los revoltosos y los acompañaba. Pero luego, ante las depredaciones, comenzo a retirarse, y termino dejándolos. Hubo un

momento en que solo los subversivos siguieron provocando incidentes, y ese era el momento de operar."¹¹⁹

A burguesia adota uma política continuamente armada; o exercício do poder tem essa característica. Uma política armada de outro signo é, assim, a expressão máxima da desobediência. O problema que o Exército enfrentava não eram os “subversivos”, como Lanusse mesmo assinala, era a força social à qual eles pertenciam. A guerra de que o campo popular tomava parte questionava o regime vigente. As armas que cada um usava nesse enfrentamento não eram fator decisivo: o povo colaborava com os “revoltosos”. Sem ele não haveria Cordobazo.

Funções de ordem e funções de guerra, em determinados momentos da luta de classes fazem parte de um mesmo processo. Foucault afirma: "El hecho de que la falta y el castigo se comuniquen entre si y se unan en la forma de atrocidad no era la consecuencia de una ley del talión oscuramente admitida. Era el efecto de los ritos punitivos de determinada mecanica del poder: de un poder que no solo no disimula que se ejerce directamente sobre los cuerpos, sino que se exalta y se resfuera con sus manifestaciones fisicas, de un poder que se afirma como poder armado, y cuyas funciones de orden, en todo caso, no estan enteramente separadas de las funciones de guerra; de un poder que se vale de las reglas y las obligaciones como vinculos personales cuya ruptura constituye una ofensa y pide una venganza; de un poder para

¹¹⁹LANUSSE ALEJANDRO, op. cit. pag. 12 y 13.

el cual la desobediencia es un acto de hostilidad, un comienzo de sublevación, que no es en su principio muy diferente a la guerra civil."¹²⁰

"Otra consecuencia del desarrollo del bio poder es la creciente importancia adquirida por el juego de la norma a expensas del sistema jurídico de la ley. La ley no puede no estar armada, y su arma por excelencia es la muerte; a quienes la transgreden responden, al menos a título de último recurso, con esa amenaza absoluta. La ley se refiere siempre a la espada. Pero un poder que tiene como tarea tomar la vida a su cargo necesita mecanismos continuos, reguladores y correctivos. Ya no se trata de hacer jugar la muerte en el campo de la soberanía, sino de distribuir lo viviente en un dominio de valor y de utilidad."¹²¹

Os enfrentamentos, em determinados estágios da luta de classes assume, então, a forma de guerra. O que vemos confrontar-se são estratégias, que não aglutinam, necessariamente, frações de classe homogêneas. Essa luta por objetivos similares vai construindo "forças sociais". Logo, primeiro, ocorrem os enfrentamentos. E a sucessão dos mesmos é que vai configurando as estratégias.

¹²⁰FOUCAULT MICHEL , *Vigilar y castigar*, México, Siglo XXI, 1985., pag.. 62.

¹²¹FOUCAULT MICHEL , op. cit. "Historia..."pag..174.Luego continua: "El "derecho" a la vida, al cuerpo, a la salud, a la felicidad, a la satisfacción de necesidades; el "derecho", mas alla de todas las opresiones o "alienaciones", a encontrar lo que uno es y todo lo que puede ser, fue la replica politica a todos los nuevos procedimientos de poder que, por su parte, tampoco dependen del derecho tradicional de la soberania." op. cit. pag.176. En este libro Foucault comienza a abordar, el tema del "bio-poder". Foucault considera, y aqui esta lo verdaderamente sugestivo ,que esta manera dominante en que el poder se expresa en la sociedad actual, aparece a partir de la decada del 60, es mas, a partir del 68 -hace este comentario en la Introduccion del *Orden del discurso*, Espana, Trutsquets Editores,1987.La característica central es la de intervenir en el nivel de la vida, de la construcción y control de la misma, una vez que la

A uma estratégia dominante se opõe outra ou outras, aglutinando as frações sociais atrás de si. As estratégias coordenam táticas, nas quais se compromete uma parte da força posta em jogo. As primeiras fazem referência ao conjunto das frações. Os pontos de resistência, os momentos cotidianos de luta estão presentes em todas as partes da rede do poder. Não existe o **lugar** da resistência. Esta se distribui de maneira irregular, disseminando-se espacial e temporalmente.

Foucault se pergunta: "Grandes rupturas radicales, particiones binarias y masivas? A veces. Pero mas frecuentemente nos enfrentamos a puntos de resistencia móviles y transitorios, que introducen en la sociedad lineas divisorias que se desplazan rompiendo unidades y suscitando reagrupamientos..."¹²²

As resistências também se configuram, em determinados momentos históricos, em estratégias que disputam as frações dominantes. Os "azos" são um bom exemplo desses conceitos apontados por Foucault: neles encontramos a articulação de frações que têm um mesmo objetivo, que as leva à rua e que constrói a força moral que lhes permite alcançar alta capacidade de combate.

As classes se distribuem ao longo das forças sociais. Nem toda a burguesia está na força social do regime, assim como nem todo o proletariado está na força social anticapitalista. 1969 força o alinhamento: quem não o havia feito até então toma necessariamente partido. O que, quem e como se disputa nessa guerra?

construccion y el control del cuerpo se han conseguido en el estadio anterior. Por esto el genocidio aparece como practica generalizada de control politico.

Consideramos que, o que se disputa é uma territorialidade social, entendida não como um território material, mas sim como um espaço social constituído pela argamassa de certas condições materiais com o conjunto de relações sociais mediadas pelas primeiras. Se o espaço, se a territorialidade é social e se refere a essa argamassa, a esse conjunto de relações sociais que constituem a força social, a imagem espacial, o mapa vai deixar de ser geográfico, abstrato, jurídico, institucional, etc. O mapa vai converter-se na distribuição espacial das classes sociais, das relações de enfrentamento dessas classes. Um mapa que no espaço distribui as classes em combate. A existência das classes - não como elemento estatístico, não as classes cristalizadas em sistemas classificatórios abstratos - será vista como a distribuição espacial das classes em seus enfrentamentos.

O ataque e a defesa devem entender-se nesse contexto. O fundamental, no ataque, é a imagem de apropriação, que tem a ver com a ruptura de uma relação social. A defesa se associa à recuperação. Por isso, dizemos que a desobediência pode visualizar-se como um ataque já que violenta as relações de disciplinamento. Imaginemos então, o que os “azos” significaram para o regime: a ofensa mais brutal para as relações de dominação, já que **a desobediência social ultrapassou todos os limites conhecidos, na tentativa de reapropriação que o campo popular realiza, de um espaço material e social que considerava próprio.**

Nesse sentido, o Córdoba possibilitou a elaboração de um conhecimento direto das condições em que se desenvolvia o enfrentamento, assim como a utilização, na prática, de experiências acumuladas. Ao mesmo tempo, favoreceu formas de conhecimento indireto, que as forças sociais adquirem por meio de mecanismos complexos e da incorporação de quadros de distintas frações sociais.

"El 'Córdoba', que asombró a todos, había sido provocado pero no esperado. Que distinta lectura se hizo de este proceso al cual todos llegaron tarde salvo las masas, y quizás por eso pudo producirse. No se trataba de 'pequeños grupos armados' ni de 'situaciones detonantes', sino de un proceso en el cual en forma abierta y directa se decidía rebasar los aparatos armados represivos en defensa de la continuidad de un movimiento de protesta social acaudillado por sectores obreros y apoyado por el resto de la población. Se transformó en un proceso con capacidad de convocatoria al resto del país; asumió la protesta social una legitimidad fundada en la gran mayoría de la población. Se extendió hasta 1971, y en su desarrollo fue mostrando un contenido y una forma social cambiante y contradictoria según fuera el cauce de la estructura social en el cual ese torrente se desarrolló.

Los cuadros combativos y revolucionarios del movimiento popular habían asumido el 'Córdoba' como una lección en que las masas populares le habían advertido acerca de cual era su 'estado de ánimo': estaban dispuestas al combate armado si fuera necesario, para la consecución de sus movilizaciones. Consecuentes con esa reflexión se pusieron en la tarea de visualizar y ejercitar prácticamente la "lucha armada.

Mediante una permanente y lenta aproximación lograron experiencias sustantivas pero por muy distintos y contradictorios caminos, según fueran sus anclajes sociales e ideológicos. Para los servicios de inteligencia de las fuerzas armadas, y para las fracciones más retardatarias de la pequeña burguesía, el 'Córdobazo' fue la convocatoria al inicio de una guerra de carácter irregular largamente deseada, cuyo objetivo fundamental estaba centrado en el aniquilamiento de los cuadros más combativos del movimiento popular, manejándose cifras que señalaban las cantidades óptimas del aniquilamiento. (...) Para una fracción 'ilustrada' de la burguesía la convicción de la gravedad de la situación la llevo a la conclusión de que era necesario asumir una defensa estratégica de su dominación; para ello le era imprescindible valorizar nuevamente el sistema institucional que tanto había despreciado, como forma de encontrarle al descontento popular una disciplina posible." ¹²³

Lanusse observa: "El riesgo de adoptar la decisión prometía éxitos de importancia decisiva, no hacerlo y proseguir moviéndose en el esquema táctico era el riesgo absolutamente cierto de ser aniquilado. La historia de complots y de conspiraciones de este tiempo demuestra hasta que punto las FFAA se hubieran ido fraccionando a si mismas (...) y como, inclusive, se hubiera corrido el albur de que la subversión intensificara los efectos e penetración (...) La observación de un periodista, en el sentido de que el ejército era un león herido, tenía algo de validez. Solo que las heridas no terminaron al león, cuya vida puede apreciarse a simple vista. Cómo pueden existir quienes no comprenden, aún después de los resultados, esta lógica?"

Era sensato, era militarmente aconsejable, quedar aferrados con nuestras reservas en el terreno mas desfavorable? (...) La legitimidad de la autoridad (que no es necesariamente una legitimidad formal , constituye, en ultima instancia, la única garantía de la unidad de las Fuerzas Armadas. La unidad es imposible sin un enlace por la doctrina que unifique porque; como dice Jaques Maritain, "las reservas morales y espirituales no son un instrumento en manos de los poseedores de la autoridad: son el poder mismo. 'Para ganar una guerra, en fin y, mas, para hacer perdurable un triunfo no solamente es importante tener más y mejores tanques o cañones, sino que también es importante tener razón'."¹²⁴

Porém, o Córdobazo somente dá início à guerra. Em 1971, no final de fevereiro, Córdoba ardia novamente com mobilizações operárias contra as demissões nas plantas automotivas, seguidas das ocupações de fábricas e tomada de reféns. O governador militar Bernardo Bas nega-se a reprimir as mobilizações, com medo de que se repetissem os acontecimentos de 29 de maio de 1969.

Levisgton o destituiu, nomeando para o lugar o ex-deputado conservador Camilo Uriburu, que qualificou as mobilizações operárias como "uma víbora cuja cabeça vamos cortar". Vinte e quatro horas depois de sua ascensão, a CGT convocou uma greve geral e a mobilização nas ruas, encabeçada por Sitrac-Sitram, a quem o povo chamou de "Viborazo". A repressão deixou um morto, 19 feridos e 258 presos. Pela primeira vez na história do país as mobilizações operárias levavam bandeiras

¹²³MARÍN JUAN CARLOS "Los hechos...."pag.. 63 a 68.

¹²⁴LANUSSE ALEJANDRO, op. cit. pag.. 45.

guerrilheiras dos Montoneros, FAR, FAP e ERP, que simbolizavam não somente a luta pelo retorno de Perón, mas, também, pela instituição do socialismo. Lanusse, comandante em chefe do Exército, solicitou a renúncia de Levington. A junta militar nomeou-o presidente.¹²⁵

As organizações armadas se engajam nas formas de luta do movimento operário. Andrés Pascal Allende, conta que, em uma visita à Argentina, "el negro Mauro" o leva para conhecer o sindicato de Luz y Fuerza. E, comentando o episódio, diz: "El nos llevó a distintas reuniones, a un asado, a una actividad interna del PRT, y nos invitaron a comer al sindicato de Luz y Fuerza, donde conocimos a Agustin Tosco. Nos impresionó llegar al sindicato y ver a mucha gente armada con metralleta, como un ejemplo de la extrema militarización política en Argentina. Si por fuera no se notaba, cuando uno se iba metiendo en las organizaciones políticas, se daba cuenta del antagonismo y el encono que se incubaba, una violencia más extendida que en Chile".

126

¹²⁵SEOANE, op. cit. pag.. 142.

¹²⁶SEOANE, op. cit. pag..219.

O ROSARIAZO

Também em 1969 emerge um conflito que se estende a todo o país, mas que tem influência decisiva no Rosariazo. Ele se desenvolve dentro da Igreja Católica. A discussão sobre a forma como se deve implementar a política da Igreja na Argentina leva a uma série de enfrentamentos que concluem na renúncia de 30 sacerdotes católicos, pertencentes à cidade de Cañada de Gomez e outras localidades ao Sul da província de Santa Fe. As renúncias foram apresentadas ao bispo da cidade de Rosário, Monsenhor Bolatti, que as aceita.

Esses trinta sacerdotes criticam a falta de sensibilidade social de Monseñor Bolatti e resolvem romper com o II Concilio Vaticano e a Encíclica *Populorum Progressio*.

A partir de então, *"se desencadena una serie de acciones de apoyo y solidaridad con los sacerdotes renunciantes. Clérigos, laicos y dirigentes en general organizan movilizaciones las que alcanzan a reunir cerca de 3.000 personas. Finalmente, envían un documento al obispo solicitándole una entrevista. El día fijado para la entrevista en el obispado, en lugar de encontrar al obispo se encuentran con el comando Radioeléctrico de la Provincia de Rosario."*¹²⁷

¹²⁷BALVÉ BEBA/ BALVÉ BEATRIZ, op. cit. pag. 22.

Paralelamente a esse conflito, não só se ocupam vicariatos no interior da província de Santa Fe como prosseguem as mobilizações em Rosario, produzindo-se enfrentamentos em lutas de rua, com barricadas, em diferentes ocasiões. Há feridos a bala em ambos os lados. **Em 22 de julho, na cidade de Cañada de Gomez, em adesão aos sacerdotes renunciantes e em repúdio à política de Monsenhor Bolatti, eclode uma greve geral na região, organizada pelo movimento operário, com a solidariedade do comércio local.**

Simultaneamente, desenvolve-se um conflito, que começa em Rosario, envolvendo os trabalhadores do Ferrocarril, mas que acaba por estender-se ao resto do país. A greve se superpõe à paralisação geral de 27 de agosto desse ano, nos 72 grêmios que constituem a "Comisión de los 20", exigindo do governo: liberdade para os presos políticos e sindicais, revogação do estado-de-sítio, restituição das organizações sindicais sob intervenção, aumento de salários e congelamento de preços, reincorporação dos afastados por estarem engajados em causas sindicais e suspensão da intervenção da CGT.

AS AÇÕES

A **concentração** está programada para as 18 horas, na praça "25 de Maio". O objetivo é realizar uma marcha silenciosa, em sinal de luta pela morte do estudante Bello. A marcha passará pela Galeria Melipal, na qual o jovem foi morto, seguindo depois para a sede da CGT.

Balvé nos conta: "En este enfrentamiento no medía ningún paro de actividades. Nos encontramos con un desplazamiento de población hacia el lugar de concentración que parte de diferentes y múltiples puntos geográficos en donde no se encuentran organizados en columnas sino en grupos, conjunto de personas, gente. No llevan carteles que los identifiquen ni parten de lugares de trabajo. Es población que se desplaza, congrega, arma, lucha, desarma, reagrupa, junto a los que se solidarizan, acompañan, colaboran, simpatizan."¹²⁸

A tática das forças policiais é impedir que a marcha chegue e se concentre na praça 25 de Maio. Para isso, a cidade está fortemente policiada por contingentes do Esquadrão de Cavalaria, soldados da Infantaria, Unidades do Comando Radioelétrico, carros de assalto, caminhões hidrantes e centenas de agentes, civis e uniformizados.

Uma vez iniciada a concentração, as forças policiais ordenam insistentemente que se desfaça. Ante a desobediência, começa a repressão, que desmembra o grupo em vários. Os manifestantes mudam de tática e se dividem em seções. Iniciam-se as ações de constante ataque às forças policiais e de revide, o que dura cerca de cinco horas, naquele 21 de maio.

Nesse espaço de tempo, os enfrentamentos ocorrem dentro da cidade, tendo como objetivo desocupar o caminho até a sede da CGT. Os encontros se organizam em focos de luta, ..."*están compuestos por grupos de personas que se*

¹²⁸BALVÉ BEBA/ BALVÉ BEATRIZ, op. cit. pag. 98 y 99.

*arman, desarman y vuelven a armar constantemente, sin abandonar el terreno de la lucha, lo que hace que aparezca en grandes titulares de los diarios la imagen de "guerrilla en Rosario", "primer antecedente de guerrilla urbana en Rosario".*¹²⁹

A policía consigue interromper esas ações, que, entretanto logo se retomam, com o reagrupamento dos manifestantes. Começa **a queima de papéis**. "Los vecinos desde los balcones gritan a la policía 'asesinos, asesinos' arrojando papeles y toda clase de elementos para alimentar el fuego. Los abogados colaboran arrojando libros de textos jurídicos desde los balcones de sus estudios. De aquí en más este método se generaliza."¹³⁰

Um terceiro momento é o de **construção de barricadas**.¹³¹ Balvé nos relata: "Se pueden ver cientos de 'rebeldes', muchos de ellos identificados con brazaletes de distintos colores, ir y venir, cargando materiales, llevando y trayendo piedras, maderas, palos y cartones. Para transportar todos estos elementos se valen de las carretillas extraídas de las obras en construcción de la zona. Se toman colectivos y se los ubica en las bocacalles para obstruir el desplazamiento de la policía.

"¹³²

¹²⁹BALVÉ BEBA/ BALVÉ BEATRIZ, op. cit. pag. 103.

¹³⁰ ibid. pag 106.

¹³¹ "Por tanto, hasta en la época clásica de las luchas callejeras, la barricada tiene más eficacia moral que material. Era un medio para quebrantar la firmeza de las tropas." Temas militares, FEDERICO ENGELS, Introducción a "La lucha de calles en Francia de 1848 a 1850.", CARLOS MARX, Ed. Cartago, Buenos Aires, 1974, pag.. 26.

¹³² BALVÉ BEBA/ BALVÉ BEATRIZ, op. cit. pag. 106.

Começa, então o combate de rua. As massas se afirmam em sua posição, atirando contra a polícia tudo que encontra à mão, obrigando-a a recuar cada vez mais. A grande quantidade de gases lacrimogêneos força a retirada. A cavalaria também capitula, depois que vários soldados são golpeados e desmontados. Simultaneamente, prossegue a construção de barricadas. Às 21 horas, as forças policiais recuam.

Nesse momento, sem a polícia nas ruas, a mobilização se reagrupa e marcha em direção à sede da CGT. Nas casas, as famílias fazem coro, gritando as palavras de ordem do movimento.

Algumas quadras antes da CGT encontra-se a emissora de rádio LT8. Alguns manifestantes atiram pedras e paus contra o edifício. Outros entram e ocupam a rádio. Lá dentro, e ante a impossibilidade de tomar a cabine de transmissão, destroem cadeiras, mesas, máquinas, etc.

Os que permanecem na rua se dividem; uns tomam a direção da CGT e outros o caminho da Chefatura de Polícia.

A ocupação de um espaço que pertence ao Estado é considerado como uma apropriação de território próprio, pela polícia e demais forças de segurança. Estas conseguem retomar o edifício da rádio e impedir o avanço sobre a Chefatura de Polícia. Nesse enfrentamento, morre o operário-estudante Blanco.

Em 24 horas começa a greve geral convocada pela CGT Unificada.

Nesse quadro, Rosario é declarada "zona de emergência", sendo ocupada militarmente por efetivos do II Corpo do Exército. São apresentados 15 declarações militares, constituem-se os Conselhos de Guerra e se implanta a pena de morte. No dia seguinte, começam as prisões.

CONFLUÊNCIA DE CONFLITOS: A GREVE GERAL EM ROSARIO

No dia 19 de maio, os sindicatos de Rosario, em sua maioria ligados à CGT "A", divulgam um comunicado conjunto pelo qual se resolve:

1. decretar uma greve por 24 horas, a partir da zero hora do dia 23, em repúdio ao fatos que são de domínio público;
2. constituir uma coordenadoria intersindical, para que convoque um plenário de organizações gremiais para o dia 21 às 20 horas, no Sindicato del Vidrio (azopardistas), com a missão de convocar todas as organizações sindicais, sem exceção, para que ratifiquem a medida tomada e para planejar a ação a se desenvolver;
3. independentemente, as duas CGTs devem realizar os plenários previstos para aconselhar o comparecimento ao plenário do dia 21;
4. as CGTs se comprometem a elaborar um documento público conjunto.

Na reunião do dia 20, a comissão diretiva da CGT "A" propõe aos participantes da assembléia solicitar a adesão do comércio local à "Marcha de Silêncio", bem como a um documento que contém os seguintes pontos:

1. realização de uma greve geral em 23 de maio, de protesto contra a morte do estudante Bello;
2. protesto contra as medidas impostas pela intervenção na universidade;
3. luta em defesa da indústria nacional;
4. repúdio à política social e econômica do governo.

O plenário geral a se realizar no dia seguinte com as centrais operárias acaba por convocar a maior assistência possível.

A GREVE GERAL DE 23 DE MAIO

A paralisação total deflagrada em 23 de maio se faz efetiva em uma cidade ocupada militarmente, na que funcionam tribunais militares, apesar de contra estes se insurgirem advogados e juízes. A pena de morte estava em vigor.

Naquele dia paralisaram-se todas as atividades, nos setores industrial, comercial e de serviços. Nas universidades e escolas secundárias as aulas foram suspensas com antecedência, já que as unidades acadêmicas estavam encerradas desde o dia 21.

No dia 23 combina-se a parada geral decretada pela CGT com o sepultamento de Blanco. Às 8 da manhã, uma multidão se concentra no bairro Sarmiento, para acompanhar o enterro do operário-estudante. Da casa de onde saíra o caixão até o cemitério eram 90 quadras. O féretro se faz acompanhar por operários, estudantes e pessoas moradoras ao longo do caminho percorrido. Para não interromper a marcha, os operários ferroviários levantam barreiras, suspendendo temporariamente a circulação dos trens.

A Unión Obrera Metalúrgica assumiu os custos do funeral, já que Blanco era operário metalurgico, enquanto a Frente Estudiantil Nacional organizava uma coleta entre os estudantes.

Os operários e as comissões internas das fábricas Marathon, Metcon e Acindar, de Villa Constitución, pertencentes à UOM, rendem sua homenagem, enviando uma coroa de flores.

O Centro Comercial e Industrial convida seus associados a cerrar as portas a partir das 18 horas, em adesão à luta e o secretário geral da delegação da CGT declara que “a política do governo é contrária aos interesses dos trabalhadores e dos estudante”

Capítulo 6: A CONSTRUÇÃO DE PODER NO CAMPO POPULAR

O processo de formação de poder nos remete ao processo de formação de uma força. Neste ponto é interessante incorporar a contribuição de Clausewitz, porque, na medida em que o autor mostra que uma força militar é, fundamentalmente, uma força social, de caráter moral e material, adverte-nos de que o caráter de uma força militar não pode estar reduzido aos implementos materiais dessa força social. Uma força militar não se reduz a sua força material, e menos ainda a sua força, estritamente falando, militar, de armas. O autor nos chama a atenção para o fato de que o poder e/ou a força dessa força militar reside, em especial, na articulação entre o que ele considera força moral e força material.¹³³

O poder **não é uma propriedade** localizada em um âmbito específico, mas, sim, **uma relação**. Consideramos que as relações de poder se **constroem**, sendo seu território de construção os enfrentamentos. O poder se produz, tendo, portanto, um caráter “positivo” mais que “repressivo”. Isso nos leva, também a uma caracterização diferente do poder, distante da redução ao poder-lei, poder-soberania, poder-força.

Foucault destaca: "Por poder no quiero decir "el Poder", como conjunto de instituciones y aparatos que garantizan la sujeción de los ciudadanos en un Estado

¹³³MARÍN JUAN CARLOS, *Nociones.....* pag..81.

determinado. Tampoco indico un modo de sujeción que por oposición a la violencia, tendría la forma de la regla. Finalmente ,no entiendo por poder un sistema general de dominación ejercida por un elemento o grupo sobre otro, y cuyos efectos , merced a sucesivas derivaciones,atravesaría el cuerpo social entero. El análisis en términos de poder no debe postular, como datos iniciales, la soberanía del Estado, la forma de la ley o la unidad global de una dominación,éstas son mas bien formas terminales. Me parece que por poder hay que comprender, primero, la multiplicidad de las relaciones de fuerza inmanentes y propias del dominio en que se ejercen, y que son constitutivas de su organización, el juego que por medio de luchas y enfrentamientos incesantes las transforma, las invierte,los apoyos que dichas relaciones de fuerza encuentran las unas en las otras, de modo que formen cadena o sistema, o, al contrario,los corrimientos, las contradicciones que aíslan a unas de otras; las estrategias, por último que las tornan efectivas, y cuyo dibujo general o cristalización institucional toma forma en los aparatos estatales, en la formulación de la ley, y las hegemonías sociales...

Omnipresencia del poder: no porque tenga el privilegio de agruparlo todo bajo su invencible unidad, sino porque se está produciendo en cada instante, en todos los puntos, ***o más bien en toda relación de un punto con otro***. El poder está en todas partes; no es que lo englobe todo sino que viene de todas partes. Y <el> poder, en lo que tiene de permanente de repetitivo, de inerte, de autoreproductor,no es más que el efecto de conjunto que se dibuja a partir de todas estas moviidades, el encadenamiento que se apoya e cada una de ellas y trata de fijarlas. Hay que ser nominalista sin duda : el poder no es una institución, y no es una estructura,no es

cierta potencia de la que algunos estarían dotados: es el nombre que se presta a una situación estratégica compleja de una sociedad dada." ¹³⁴

O enfrentamento não é posterior à existência de estratégias, como a luta não é posterior à existência das classes. É a sucessão de enfrentamentos o que configura as estratégias, e é a luta que configura as classes. ¹³⁵

O campo popular constrói poder de uma maneira diferente da que faz o regime. O tipo de enfrentamento que deve construir e exacerbar é diferente quando se compara à forma pela qual o capitalismo reproduz e amplia as relações sociais que o definem.

É interessante trazer algumas reflexões de Santucho, nas quais expressa um dos principais objetivos dos enfrentamentos armados nos quais o ERP se envolvia: "Santucho había reiterado en una carta a Urteaga, fechada el 3 de marzo

¹³⁴ FOUCAULT MICHEL, *Historia de la Sexualidad*, Tomo 1: *La voluntad del saber*, Mexico 1987, Siglo XXI, pag 1123, 113, 114 y 115

¹³⁵ Consideramos que os termos "lucha" e "clases" não podem separar. Algumas posturas marxistas, primeiro realizam uma classificação dos indivíduos para os situar em uma classe, e logo analisam sua luta. Contraponde-se a esta visão, Juan Carlos Marín assinala " No se trata de encontrar que es lo primario: si las clases o su lucha, sino de entender que el proceso mismo de formación de una estructura de clases o, el proceso mismo de su desarrollo (de existencia de una formación social) presupone no sólo la génesis y la formación de clases sociales sino que, la génesis y el desarrollo mismo de las clases sociales, es la forma en que se enfrenta el enfrentamiento entre ellas." (en *Nociones de Polaridad en los procesos de formación del poder. Cuaderno 8*, Buenos Aires, CICSO, pag.18.) O processo de formação de uma classe leva a observar que o processo de enfrentamento em uma sociedade dá, por um lado, como consequência a existência mesma das classes, e por outro, uma determinada forma na concepção da luta de classes. **As classes sociais são produto de um enfrentamento.**

(de 1972), la necesidad "de evitar por todos los medios que los compañeros disparen a matar si no es en defensa propia. " ¹³⁶

Cazes Camarero, entrevistado por Maria Seoane, sobre a vida de Santucho, diz: "La violencia no era para él una forma de catarsis. En realidad decia que era un recurso no deseado, incluso trataba de que el nivel de violencia aplicado por la organización fuera el más bajo posible. En ese sentido, el PRT-ERP no utilizó la violencia como una forma de frenesi caótico, lo que pasa es que Santucho entendía la violencia como una especie de fatalidad que venia impuesta desde afuera y que no habia forma de pararla sino contraponiéndole la violencia popular." ¹³⁷

O discurso da burguesía homologa as ações armadas como ações violentas, pressupondo igualdade de motivos e efeitos. Como já vimos assinalando, para o campo popular, a radicalização dos enfrentamentos com a conseqüente incorporação de armas materiais, supõe e assume um significado diferente do que tem para a classe dominante.

O objetivo das ações armadas para o campo popular é a construção de poder, de situações de poder. Incorpora-se a uma greve, incorpora-se a uma passeata, incorpora-se à ocupação de um estabelecimento para potencializar a capacidade de enfrentamento. Para a burguesia, o objetivo central é o aniquilamento de seu inimigo:

¹³⁶BRAUN OSCAR *El capitalismo argentino en crisis*, , Buenos Aires, Siglo XXI Argentina Editores, 1973.

¹³⁷SEOANE, op. cit. pag.. 170.

sabe que está em uma guerra; o campo popular, não tem essa consciência como conjunto.

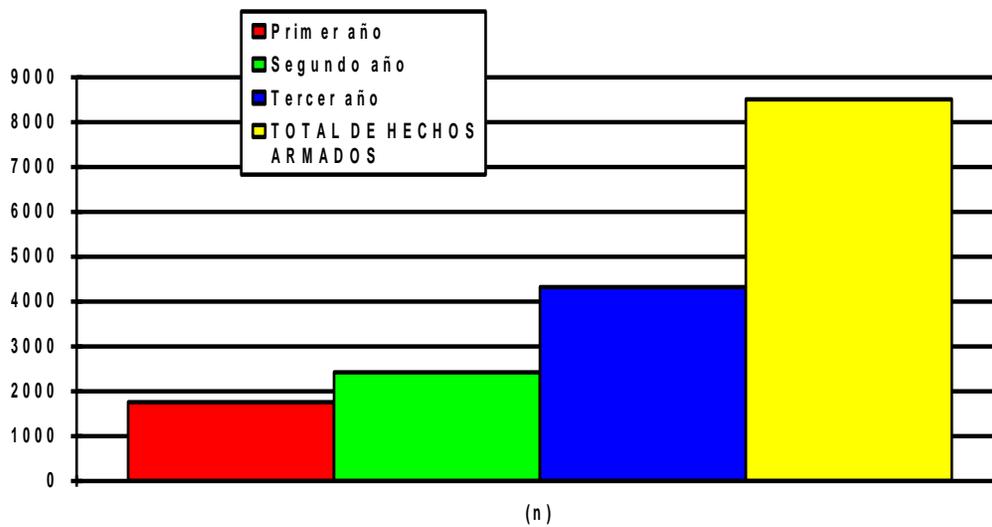
Juan Carlos Marín faz uma pesquisa sobre a prática das ações armadas na Argentina, que intervém na luta teórica que se desenvolve na hora de entender e de explicar o processo.

A tendência às ações armadas tendem a crescer entre 1973 a 1976.¹³⁸

¹³⁸MARÍN, *Los hechos...* Quadros de pag. 120 en adelante.

AÇÕES ARMADAS DE 5/73 a 3/76
 (frequências e % em cada ano)

	(n)	%
Primero ano	1.760	20,7
Segundo ano	2.425	28,5
Terceiro ano	4.324	50,8
TOTAL DE AÇÕES ARMADAS	8.509	100,0



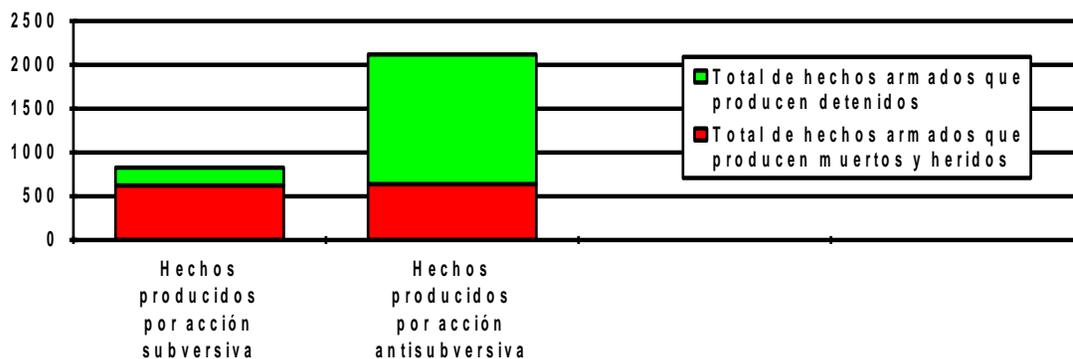
A leitura oficial, que avançava desarmando o campo popular, concluía que "reprimidos" e "repressores" eram dois extremos de um mesmo processo, já que nos dois a violência era a mesma. Uns eram delinqüentes e outros "se excediam". Esta visão prejudicou a interpretação dos fatos. ***"Esta imagen, del delito y el castigo, enturbian quien muere y cómo lo hace; presupone una contabilidad sin sujeto, necesaria y adversa por definición."***¹³⁹

A imprensa mostrava os números resultantes desses enfrentamentos:

¹³⁹MARÍN , *Los hechos...*pag.. 124/125

AÇÕES ARMADAS COM BAIXAS (MORTOS, FERIDOS E DETIDOS) SEGUNDO SEJAM PRODUZIDOS POR AÇÕES “SUBVERSIVAS” OU POR AÇÕES “ANTISUBVERSIVAS” - 5/73-3/76

	Total de ações com baixas produzidas pela ação subversiva		Total de ações com baixas produzidas pela ação antissubversiva	
	(n)	%	(n)	%
Total de ações armadas em que se produzem mortos e feridos	624	75,5	639	30,2
Total de ações armadas em que se produzem detidos	203	24,5	1.479	69,8
Total de ações armadas em que se produzem baixas	827	100,0	2.118	100,0

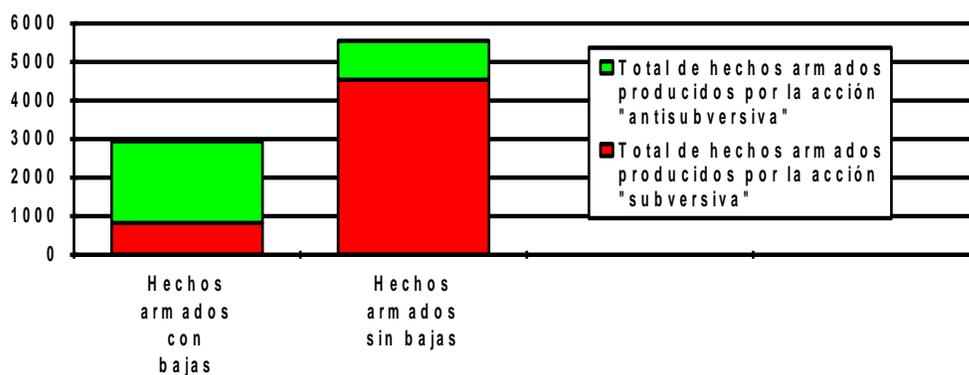


A interpretação burguesa feita dos números conclui que os "subversivos" matavam suas "vítimas", enquanto as forças armadas detinham seus adversários. Em parte, o campo popular assumiu essa visão.

Juan Carlos Marín, pergunta se não é possível realizar outra leitura, é a constrói saindo do recorte analítico do regime, que somente enfoca os enfrentamentos que produzem baixas. Porém, o universo dos mesmos contém os enfrentamentos nos quais não se verificam baixas. ,Então, o autor retoma esse conjunto e chega a organizar os seguintes dados:

AÇÕES ARMADAS NO PERÍODO 5/73 a 3/76, COM OU SEM BAIXAS ¹⁴⁰

	Ações armadas que produzem baixas		Ações armadas que não produzem baixas	
	(n)	%	(n)	%
Total de ações armadas produzidas pela ação "subversiva"	(827)	28,1	(4.538)	81,8
Total de ações armadas produzidas pela ação "antissubversiva"	(2.118)	71,9	(1.009)	18,2
Total de ações	(2.945)	100,0	(5.547)*	100,0



¹⁴⁰Faltan 17 casos en los que no se posee información concreta.

Aparentemente, as ações, a verdade "se dió vuelta". Juan Carlos Marín explica: "El contexto que toma el enemigo para sus argumentaciones lleva implícito un recorte del conjunto total de los hechos, construye sus proposiciones sólo haciendo referencia al conjunto de los hechos armados que producen bajas; al resto del total de los hechos (65,4) no los considera. Es decir, las condiciones de su 'verdad', se restringen dolo al 34,6% de los hechos.

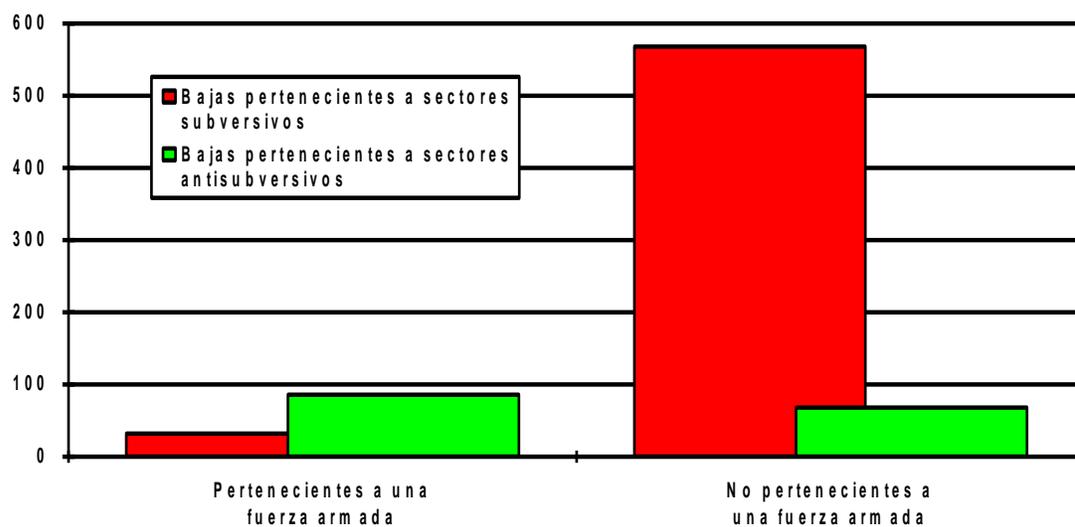
Pero es justamente el oscurecimiento de esta porción de la realidad lo que constituye una tactica tradicional en sus argumetaciones; su interés en el manejo de la realidad y sus cifras no está centrado en la vocación de saber, sino de poder. Un poder que permanentemente debe apelar a un violentamiento de la realidad para formarse y realizarse." ¹⁴¹

Vejamos como se distribuem as baixas no interior de cada força:

¹⁴¹MARÍN , *Los hechos...*pag.. 124/125.

MORTOS E FERIDOS NO PRIMEIRO ANO (5/73-4/74), PERTENCENTES OU NÃO A UMA FORÇA ARMADA

	Baixas pertencentes a uma força armada		Baixas não pertencentes a uma força armada	
	(n)	%	(n)	%
Baixas nos sectores “subversivos”	(32)	27	(568)	89
Baixas nos setores “antissubversivos”	(86)	73	(68)	11
Total de mortos e feridos no primeiro ano	(118)	100,0	(636)	100,0



O grosso das baixas não pertence a uma força armada, mas, sim, ao campo popular. As “massas mobilizadas” e os “militantes políticos de base” sofrem um grande impacto: nesse período, 66% do total das baixas incluem mortos, detidos e feridos. Mas 80% de mortos se contam no primeiro ano. As massas desarmadas são o objetivo fundamental do regime.

Como temos registrado, a partir das declarações de Lanusse, el Ejército tinha clara sua análise sobre seu inimigo. Sabia que esse inimigo real era **la fuerza social** que se vinha constituindo com uma política anticapitalista e não somente as organizações armadas. Por isso, começa aniquilando militantes de base, dirigentes sindicais: realiza um processo de isolamento no interior dessa força social, destruindo os corpos que articulam as diferentes partes da aliança.

Guillermo O’Donnell comenta que, na Grande Buenos Aires, 45,5% da população justificavam a guerrilha, enquanto, no interior do país 49,5% o faziam. Esse índice de simpatia crescia em cidades como Córdoba e Rosario.¹⁴²

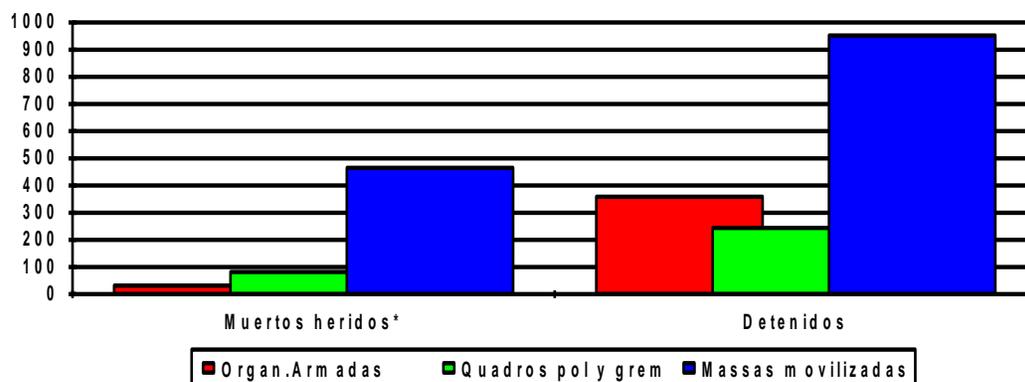
Como temos dito, as formas armadas da luta de classes são determinadas pelo estágio real em que se encontra a consciência de massas. **Apesar disso, as organizações armadas não conseguiram divisar o trabalho de aniquilamento no qual seu inimigo estava empenhado. Só o percebeu quando a derrota já era inevitável, quando a retaguarda de sua força já tinha sido varrida.**

¹⁴²O’DONELL GUILLERMO , *El Estado Burocrático Autoritario*, Buenos Aires,Ed. Belgrano, 1982.

Vejamos a distribuição das baixas no interior do movimento popular:

BAIXAS (MORTOS, FERIDOS E DETIDOS) NO CAMPO POPULAR DURANTE 5/73-4/74, SEGUNDO A POSIÇÃO SOCIAL

	Organ. armadas		Quadros políticos e sindicais		Massas mobilizadas militantes políticos de base	
	(n)	%	(n)	%	(n)	%
Mortos -heridos*	(32)	8,2	(82)	25,2	(465)	32,8
Detidos	(359)	91,8	(244)	74,8	(952)	67,2
Total de baixas	(391)	100,0	(326)	100,0	(1417)	100,0



Marín registra: "Para esa retaguardia no hubo una política militar al alcance de sus fuerzas; tampoco las organizaciones armadas visualizaron la necesidad de

elaborar formas de autodefensa armada al alcance de las fracciones sociales que políticamente se sentían convocadas a las acciones, al activismo, y que se enfrentaban desarmadas e impotentes ante las acciones terroristas de la política clandestina que buscaba su aniquilamiento." ¹⁴³

As organizações guerrilheiras adotavam as ações armadas para construir e consolidar sua força social, articulando suas armas com as "armas" dos outros e potencializando a capacidade de enfrentamento em cada nível em que se expressava. Porém, não tinham como objetivo o aniquilamento do inimigo.

Queremos citar dois exemplos ilustrativos de lo que estamos expondo. Nas resoluções do V Congresso do PRT, cita-se o primeiuro "plano militar" do ERP, onde se resumem as ações a realizar: expropiação de dinheiro, recuperação de armamentos, tomada de cidades, libertação de presos e seqüestros, a se promoverem em diferentes pontos do país. ¹⁴⁴

"El 23 de mayo de 1971, el ERP secuestró al consul honorario británico y gerente del frigorífico SWIFT en Rosario, Stanley Silvester, liberado días después. La prensa se encargó de medir la legalidad política de esta audacia. El diario La Opinión del 2 de julio tituló: 'La guerrilla quiere afianzarse como protagonista del proceso político.' y comentó que 'las negociaciones entre los guerrilleros y la empresa dieron como resultado un cambio en las condiciones de trabajo de los obreros, el reparto de

¹⁴³MARÍN , *Los hechos...*pag. 149.

¹⁴⁴SEOANE op. cit. pag.140.

bienes de primera necesidad en las barriadas pobres de Rosario, dos logros que ningún grupo político puede acreditar en su haber en los últimos cinco años.' El prestigio de los guerrilleros - cuya cantidad el periódico New York Times exageraba en más de seis mil, entre Peronistas y marxistas, crecía de manera inversamente proporcional al deterioro del gobierno." ¹⁴⁵¹⁴⁶

Enquanto o Exército declarava uma guerra frontal, avaliava a própria força e se preparava para aniquilar o adversario, o conjunto total da força social do povo não tomava consciência dele. Permanecia desprotegido ante a ofensiva, não porque não dispusesse de "armas" para enfrentá-lo, mas, sim, porque não conseguiu tomar consciência a tempo da envergadura do combate em que já estava envolvido.

¹⁴⁵SEOANE, op. cit. pag.146-147.

¹⁴⁶Miguel Bonasso, também comenta, referindo-se a um advogado trabalhista de Santa Fe, que havia alcançado certa notoriedade na juventude democrata cristã. "Se contava uma anedota: el dueño de un obraje se negaba a pagar los jornales caídos después de una huelga. El otro Pelado (el abogado) había sacado una 45 de la cintura y lo había persuadido." op. cit. pag.259.

O ataque que haviam iniciado contra o conjunto das relações sociais capitalistas não era conceitualizado em toda a sua magnitude. Guerra não era somente o resultado das ações promovidas pelas organizações armadas, mas sim, também, e *fundamentalmente*, era o produto das ações do campo popular em seu conjunto: uma barricada como forma de enfrentar as forças de segurança do Estado, a ocupação de estabelecimentos privados e estatais. O regime foi mais eficaz na tarefa de construir uma política para o conjunto de sua força social.

Em 5 de março de 1971, a CGT Regional Córdoba, constituiu um comando de luta ao qual caberia por em prática um Plano de Ação. Decreto-se, para o dia 12, uma greve, **com ocupação**, dos locais de trabalho. No documento em que comunica essa decisão “aos trabalhadores e ao povo” a CGT diz:

“(…)

2.-Esta inexorable ley del sistema capitalista tipifica las dos grandes fuerzas que luchan en el país: por una parte, quienes de una u otra forma estan vinculados a las potencias imperialistas, y por otra, todos aquellos que soportamos la explotación y que constituimos la enorme mayoría del pueblo argentino. Esta gran fuerza nacional antimperialista tiene un único centro de poder: la clase trabajadora argentina organizada, que constituye la vanguardia junto a la cual deben luchar los demás sectores nacionales que sufren los efectos del coloniaje. De allí que la lucha de los trabajadores reconoce un profundo contenido nacional-revolucionario que debemos asumir con plena responsabilidad. Nuestra lucha contra el sistema es entonces, de

¹⁴⁷O novo governador de Córdoba, Uriburu, anuncia: “Nadie ignora que la siniestra organización antiargentina que dirige a los que quieren dirigir la contrarevolución, ha elegido a Córdoba como epicentro nacional para su cobarde maniobra. Por ello, en estas circunstancias, no puedo limitarme a una académica o lírica enunciación de principios o de números; declaro si que confundida entre la múltiple masa de valores morales que es Córdoba por definición, se anida una venenosa serpiente cuya cabeza, pido a Dios, me depare el honor histórico de cortar de un solo tajo.” Discurso pronunciado en ocasión de la Fiesta Nacional del Trigo, en presencia del Presidente de la Nación, Gral. Levingston, pronunciado el 7 de marzo de 1971, citado por BEBA BALVE, BEATRIZ BALVE, *Lucha de calles Lucha de clases*, pag. 24. Estas declaraciones, y más en boca de un Uriburu, fueron tomadas como una provocación por varios sectores del capo popular. Por esto, este nuevo “azo” fue llamado de “Viborazo”.

todos los argentinos, que siendo o no asalariados sufren los efectos de la dependencia.(...)

4.- Argentina, en la actualidad, soporta una de las crisis mas intensas del sistema: Ante el avance revolucionario de la clase trabajadora, nuestras fuerzas armadas, que en otras horas se constituyeron en respaldo de políticas de independencia y desarrollo, se han apropiado del gobierno, expresando una política economico financiera dictada por el imperialismo(...)

5.- Los argentinos y en especial el pueblo de Córdoba han luchado estos ultimos años con tanta energia y decisión, que han tornado insostenible la situación de los actuales orgaños de poder, quienes cada vez mas -ante el fracaso de las soluciones ofrecidas- contemplan la posibilidad de retirarse preparando previamente salidas electorales tramposas.

Sin embargo la crisis general del capitalismo ha llegado tambien a las fuerzas armadas, y cada vez mas y en todos los niveles se va comprendiendo que no hay para la Argentina otra salida que una autentica revolución que sirva para crear y distribuir la riqueza argentina en marcos de estricta justicia e inalienable soberanía.

6.-(...) Nosotros los trabajadores debemos apurar el proceso de muerte de este sistema y con nuestra ACCIÓN acentuar sus contradicciones; debemos, en definitiva, apretar a fondo el acelerador de la historia, para que Argentina recupere el tiempo que la oligarquia y el imperialismo le han hecho perder.

7.- En nuestra marcha debemos comprender que todos nuestros problemas reivindicativos -pequeños o grandes- son importantes; debemos compender que la guerra solo se gana a traves de multiples batallas, hoy en esta Córdoba de 1971, mas experimentada y aguerrida aun que la de mayo de 1969, hemos comenzado una nueva

batalla en esta gran contienda historica que reconoce a la clase trabajadora como contendiente principal.

11.- Hoy en Córdoba, quienes forjamos la grandeza nacional, desde talleres ,fábricas,canteras,oficinas, etc., hemos dispuesto ratificar nuestra vocación social sobre el peincipio individual del sistema capitalista; hemos asi tomado posesion de los medios de producción y los sevicios publicos. Reconoce por ello, esta jornada un profundo contenido combativo y constituye el primer paso en la programatica que lanza Córdoba atodo el país; no se trata tan solo de un nuevo medio de protesta, sino que reconoce el simbolismo propio de la nueva sociedad por la que estamos dispuestos a luchar.

12.- Ante el caos y la improvisación del enemigo, opongamos en Córdoba, nuestro frente de lucha unido; con decisión e iteligencia tactica fortalezcamos nuestra vocación nacional revolucionaria; asi encontraremos la victoria en el camino de la acción.”

COMANDO DE LUCHA

CGT REGIONAL CÓRDOBA¹⁴⁸

A greve começa às 10 horas. A ordem da Chefatura de Polícia é não intervir frontalmente, embora algumas frações repressivas contestassem a ordem.

Uma das primeiras ações ocorre em Villa Revol, onde se ocupam 180 quadras, até a Rodovia 9 . O planejamento das ações está a cargo do Comando de Luta da CGT e, fundamentalmente, do Sindicato de Luz y Fuerza, na pessoa de Agustin Tosco. Dentro da Villa Revol, toma-se a central de EPEC (Empresa de

Energia Electrica de Córdoba), cercada por grandes barricadas. Em seguida, o bairro também é isolado. Interrompe-se o tráfego na Rodovia 9, interceptando-se caminhões-tanque. Logo o bairro também é rodeado de barricadas de barricadas. Um barril de óleo diesel, saqueado de um posto de gasolina, esparrama-se pelo asfalto. Também se toma a Villa El Libertador, cercado por barricadas, todo o bairro habitado por operários da Kaiser e da Ika-Renault.

A concentração começa también às 10 horas. A ela se somam empregados públicos, judiciais, bancários e comerciários. Lá também estão os advogados, que realizam, primeiro, uma assembléia nas escadarias do Palácio da Justiça. Os Centros de Medicina, Odontologia e Direito, da Universidade Nacional haviam convocado seus afiliados para uma concentração na Praça Colon, de onde seguiriam para a Praça Velez Sardfield. Dos grandes estabelecimentos fabris saem ônibus com destino ao centro.

Mas surgem discordâncias quanto à condução do ato. A SMATA propõe que a mobilização passe a tomar a cidade, apoiando que se amplie a ocupação de Villa Revol. Sitrac-Sitram, que é quem praticamente conduz o movimento, não quer acabar com o ato. O MUCS (organização ligada ao Partido Comunista) intervém. Seu representante, Canelles, defende que o ato deve transformar-se em uma assembléia que decidirá pela ocupação ou não da cidade. “Sitrac-Sitram, aunque indeciso, parece apoyar lo dicho por Canelles. Pero ya es tarde; a los girtos de :” A tomar Villa Revol...a tomar Barrio Guemes....a tomar el centro.....Córdoba se mueve por otro veintinueve”...

¹⁴⁸BALVE op. cit. pag. 27,28 y 29.

el acto comienza a disgregarse. Junto al monumento quedan unas trescientas personas que discuten que debía haberse hecho.”¹⁴⁹

A partir daquele momento começa a desconcentração. A massa se divide e se agrupa em quatro colunas, que vão avançando e tomando diferentes pontos da cidade. À medida que avançam vão construindo barricadas para proteger a retaguarda.¹⁵⁰ Porém o “Viborazo” não se converteu em um “Córdobazo”, em parte pela habilidade política de Lanusse. Ele sabia que Córdoba explodiria novamente, mas estava satisfeito com o fato de que não o fizera juntamente com uma greve nacional. Um outro acontecimento como os que se verificaram em 1969 não só poria em jogo a estabilidade do governo, mas, também, a relação de forças entre as classes. Se o governo concentrasse, separadamente, suas forças nos pontos críticos, conseguia manter o controle da situação. Por isso, era necessário que explodisse primeiro Córdoba. Segundo Balve, isso explicaria a “estupidez do governo, de nomear um reacionário ultramontano, como Uriburu”, sabendo que a medida funcionaria como uma provocação.

Por otro lado, o Viborazo, é a primeira grande mobilização de massas na qual se agitam bandeiras de organizações armadas: Montoneros, FAP (Fuerzas Armadas Peronistas), FAR (Fuerzas Armadas Revolucionarias) e ERP (Ejército

¹⁴⁹BALVE op. cit. pag. 70.

¹⁵⁰Ilustrando composição destas colunas, citamos novamente o trabalho que coordenou Beba Balve, sendo o único estudo de campo realizado no momento deste novo “azo”. “Frente a una gomeria, dos mujeres de extracción popular, una madre de 50 años y su hija, de 25, regatean con el dueño: <Deale, denos una goma>. El hombre se resiste: <Pa que quieren si ya hay bastante>. Algunos muchachos amenazan intervenir con otros metodos mas contundentes, pero als negociaciones continuan; final: las

Revolucionario del Pueblo). A aparição dos Montoneros ocorre em 29 de maio de 1970, data em que executam Aramburu, depois de submetê-lo a julgamento por um tribunal revolucionário. No final de julho do mesmo ano, realiza-se o congresso do PRT (Partido Revolucionario de los Trabajadores), que, finalmente, decide criar o ERP, assumindo o começo da nova fase na luta armada.

Conforme temos sustentado, cremos que as organizações armadas surgem a partir de um necessidade criada pela luta de massas, expressa em jornadas como Córdoba, Tucumanazo, Mendozazo e Rosariazo. Por isso, não concordamos com Maria Seoane, quando se refere ao Congresso do PRT: “El 29 de Julio se discutió el tema central: como encarar la guerra revolucionaria. La tarea era gigantesca (...) Debían, primero, armarse; después, *convencer a miles de que los siguieran* (...)”¹⁵¹ Cremos que são as organizações armadas que seguem os tempos políticos das massas, e não o contrário. **O momento armado da luta de classes já havia começado, ante a disposição das massas, claramente manifestada em 1969.**

dos mujeres consiguen sus gomas, que inmediatamente son quemadas en el centro de la calle”. op. cit. pag. 74.

¹⁵¹SEOANE op. cit. pag. 136.

Capítulo 7: “PERÓN VUELVE”

"CAMPORA AL GOBIERNO"

O questão, para as frações mais lúcidas da burguesia, era como resolver a crise pela qual passava sem dar ao inimigo qualquer chance de acumulação. Era preciso estabelecer uma trégua, de modo a que se pudesse recompor as forças e retomar a iniciativa. **O processo eleitoral cumpriu esse papel, já que, a partir de uma conceitualização equivocada do período, o campo popular começa a ser desarmado.**

Lanusse observa: "Las fuerzas armadas pudieron mantener su cohesión, pese a la crisis y pese a los errores. Y el 25 de mayo de 1973 le dieron la posibilidad, al peronismo como gobierno y al pueblo como protagonista, para que resolviera los dos problemas políticos fundamentales del país:

- uno, era el problema del orden y de la paz interior, ya que el Justicialismo debía demostrar que sabía y podía convivir con los otros sectores civiles, sin crear falsos antagonismos sectarios;

- otro, era el problema de la guerra, ya que las autoridades constitucionales debían demostrar que estaban en aptitud para concluir definitivamente la guerra contra la subversión."¹⁵²

As eleições a cidadanização aparecem como válvula de escape, como forma de evitar a ascensão da luta de massas.

Marín considera: "La ciudadanía, más que una peculiar relación social establecida entre los individuos relación del capitalismo que impone relaciones burguesas entre los individuos mas que una relación social mas, es un operador de poder de la burguesía, un ambito, un encierro, o sea, un ámbito que no solo aísla y produce la ruptura de ciertas relaciones de clase entre los individuos, sino que constriñe a cierta docilidad de esos individuos. *La ciudadanía forma parte del proceso expropiatorio del poder de los cuerpos.*"¹⁵³

A burguesia produz uma ruptura nas relações sociais, impondo as de cidadania. Nega certas relações impingindo outras. Não encara o indivíduo como o conjunto das relações sociais que o constituem, e a cidadanização legitima somente algumas.

Há outras relações que são negadas ou destruídas. Por exemplo, via sindicatos, legitima-se a luta econômica dos cidadãos. Seus integrantes são indivíduos

¹⁵²LANUSSE, op. cit. pag.272 y 273.

¹⁵³MARÍN, *Nociones...*pag. 101.

que têm direito, dentro de certos marcos, de lutar pelo atendimento de suas necessidades básicas, não enquanto classe operária, mas sim como soma de indivíduos (parcial ou total) considerados como cidadãos, que impõem uma organização corporativa burocrática, para articular esta relação social. Isso não impede que, em determinado momento, esses indivíduos assumam a totalidade das relações em jogo, o que produz outro tipo de luta.

A convocação de eleições produz uma fratura importante nas lutas. O inimigo não se destaca com tanta clareza no conjunto. Até mesmo as organizações armadas fracionam sua ação política: Montoneros abdicam da luta armada nesse período, considerando a abertura democrática como uma conquista própria. As eleições foram o ponto de partida para o desarme político das massas.

O ERP define o processo eleitoral como um movimento tático do inimigo: "La apertura electoral propuesta por el gobierno no es más que una de las medidas para la contra-insurgencia dictada por los Estados Unidos. Si la farsa electoral continua, nuestra posición se adaptará a la realidad política de ese momento."¹⁵⁴

Perto das eleições, seus integrantes advertiam somente a guerra revolucionária poderia "recordar às massas que sua luta transcende por completo o episódio eleitoral"; que a volta de Perón era "uma vitória do inimigo" e não resultado da luta popular ' , conforme o senso comum indicava". ¹⁵⁵

¹⁵⁴Diario "La opinión", 30 de junio de 1971.

¹⁵⁵SEOANE, op. cit. pag.196.

"A mediados de mayo, el ERP fijó su posición frente al futuro gobierno y la publicó en más de dos millones de volantes con el título: "Por que el ERP no dejará de combatir. Respuesta al Presidente Cámpora". Redactados por Santucho y refrendados por toda la dirección perretista, en ellos se sostenía, en esencia, lo que ya había adelantado el jefe guerrillero a los periodistas Foa y Streithourst:"El gobierno que el Dr. Cámpora presidirá representa la voluntad popular. Respetuosos de esa voluntad, nuestra organización no atacará al nuevo gobierno mientras este no ataque al pueblo ni a la guerrilla. Nuestra organización seguirá combatiendo militarmente a las empresas imperialistas y a las fuerzas armadas contrarrevolucionarias. Pero no dirigirá sus ataques contra las instituciones gubernamentales, ni contra ningún miembro del gobierno del Presidente Cámpora.

Los perretistas fundamentan su decisión de no dejar las armas basándose en la historia de los golpes de Estado y en los sucesivos engaños sufridos por el pueblo por el llamado de Perón a "evitar la guerra civil", en 1955, o "desencillar hasta que aclare", en 1966 {frases de Perón en esos respectivos momentos}. "La única sangre que no se derramó fue la de los oligarcas y capitalistas. El pueblo, en cambio, vio morir masacrados y fusilados a decenas y decenas de sus mejores hijos", se argumentaba. As consignas finais eram: "Ninguna tregua al ejército opresor! Ninguna tregua a las empresas explotadoras! Libertad inmediata a los combatientes de la Libertad! Fuera a la legislación represiva y total libertad de expresión y organización al

pueblo! Por la unidad de las organizaciones armadas! A vencer o morir por la Argentina

!“ 156

Porém, essa análise não encontra eco entre os Montoneros. Jamais abandonou sua posição política, de subordinação a uma fração da burguesia, personificada em Perón.

Perón organizou seu movimento tendo em vista as eleições: Galimberti, da Juventude Peronista (JP), como seu delegado; José Ignacio Rucci, um dos expoentes da direita peronista, à frente da CGT; e Cámpora, como candidato a presidente. Segundo o GAN - Gran Acuerdo Nacional - conduzido por Lanusse, seria reconhecida a legalidade do peronismo, com a condição de que Perón permanecesse em Madri. O regime militar sancionou uma cláusula proscriptiva: somente poderiam ser candidatos aqueles que estivessem no país antes de 25 de agosto de 1972. Perón esteve na Argentina em 17 de novembro de 1972, e, até 14 de dezembro, fez gestões públicas e privadas, para que se suspendesse a interdição pessoal. O FREJULI o exigiu em um documento e ameaçou com a abstenção em caso contrário. A UCR opinou que, se o peronismo podia apresentar outros candidatos os comícios seriam legítimos. E anunciou que concorreria com eles. A definição de Ricardo Balbín permitiu que Lanusse ratificasse a cláusula de 25 de agosto.

¹⁵⁶SEOANE, op. cit. pag. 208.

Ante o perigo de que se repetisse a situação verificada em 1963, quando o radical Arturo Illia foi eleito presidente com 23% dos votos, e ante a falta de um candidato “justicialista”, Perón desistiu de sua candidatura e indicou Cámpora.

Cámpora, peronista desde 1945, fora deputado “justicialista” e havia compartilhado a prisão e o exílio com John William Cooke. Mantinha boas relações com o sindicalismo e com as frações combativas do peronismo. Embora mais inclinado para a esquerda de seu movimento, apresentava-se como um articulador. É evidente, porém, que as frações de direita não viram com muita simpatia sua candidatura, razão pela qual, a partir daquele momento, começa uma luta brutal pela conquista de espaços dentro do peronismo e do Estado.

Em 25 de maio mais de um milhão de pessoas se concentram na Praça de Maio para a ascensão de Cámpora. A JP, Montoneros, FAR e FAP assumiram a organização do ato. Os sindicatos eram minoria.

A multidão impediu que o secretário de Estado norte-americano, William Rogers, e o presidente do Uruguai, Juan Maria Bordaberry, chegassem à Casa do Governo, onde Cámpora prestava juramento, pintou com *sprays* os uniformes militares e ocupou toda a área destinada ao desfile que deveriam promover. Os quartéis foram cercados, até que se firmou o acordo pelo qual os militantes das organizações armadas foram indultados. Enfim, ficou claro que os limites do regime constitucional estavam ultrapassados.

Não somente o Exército se sentiu atingido, mas também as demais frações que constituíam a força social do regime: a Juventude Sindical Peronista, o CdeO - Comando de Organización, o COR (em 1955 correspondia à Central de Operações de Resistência e, em 1973, correspondia ao Comandos de Orientação Revolucionária) somaram-se à cruzada que a Triple A havia iniciado contra “os infiltrados do movimento”.

Vervitsky comenta: “Centenares de reparticiones publicas fueron ocupadas a partir de allí por los dos bandos. La Juventud Peronista habia promovido esa especie de revolución cultural para expulsar de sus cargos a funcionarios comprometidos con los gobiernos militares. La rama sindical replico con las ocupaciones preventivas, 'antes de que lleguen los trotskystas'.”¹⁵⁷

As ocupações promovidas pela direita peronista buscavam melhorar as posições quanto a cargos públicos, frente ao outro setor. Porém, em se tratando de cemitérios, dependências administrativas, colégios, fábricas, universidades, cooperativas, clubes, um reduzido número de ocupações obedecia ao propósito de assegurar o controle de todo tipo de comunicações.

Enquanto o Ministério do Interior era ocupado por Esteban Righi, um advogado que exigia que a polícia usasse métodos humanos ¹⁵⁸, o Ministério de Obras

¹⁵⁷VERVITSKY HORACIO , *Ezeiza*, Ed. Contrapunto, Buenos Aires, 1986, pag. 19.

¹⁵⁸En uno de sus primeros actos de Gobiernos pronuncio un discurso frente a la planta mayor de la Policía Federal a la que compadecio por el rol de ser el “brazo armado de un régimen injusto”. Righi fustigo a los policías torturadores y anuncio que no permitiria ningun abuso mas. Una vez que pasaron 48

e Serviços Públicos foi tomado, a empurrões e coronhadas, por Belisario Carrillo, militante do 20 de Novembro, que desbancou Horacio Zubiri. A Secretaria de Comunicações foi ocupada por frações ligadas a José Rucci, secretário-geral da CGT.

Também na luta “contra os infiltrados” a Juventude Sindical e o Centro de Ação e Doutrinação ocuparam, em Córdoba, duas emissoras de rádio - a LV3 e a LW1. A Aliança Libertadora ocupou o Canal, as 62 organizações LRA 7 e o Edifício Central dos Correios. Na Capital Federal, tomaram-se três rádios com filiais no interior. Em Rosario, a UOM, a UOCRA e la Aliança Restauradora se apoderaram-se das emissoras LT2, LT3 e LT6, proibindo que se tocassem os discos de Horacio Guarani, Mercedes Sosa e Osvaldo Pugliese.

Vervitsky comenta: “Los ocupantes del canal 7 de television, en la capital Federal, ordenaron en nombre del Teniente coronel Osinde y de Rucci que solo debian verse en la transmision los carteles de los sindicatos y que no se realizarian encuadres del Presidente Campora. (...)”

A la Agencia oficial de noticias TELAM no hizo falta ocuparla, porque sus directivos eran Jorge Napp y el teniente coronel Jorge Obon, dos integrantes de la COR del General Iniguez.”¹⁵⁹

horas y ninguna medida -esperada por los propios policías- de depuración fue tomada pasaron de la desolación a la resistencia. Comenzaron a atacar al ministro en comunicados en los diarios expresando los malestares en la tropa.

Righi, como otras fracciones del campo popular, no entendio que frente a la provocación que habia hecho, solo tenia como opción actuar depurando ? Pues al no hacerlo, su discurso volvio como un boomerang, que lo llevo a perder todo control sobre la única fuerza que estaba sobre su jurisdicción.

¹⁵⁹VERVITSKY , op. Cit. , pag. 21.

A esquerda peronista ocupou diversas repartições governamentais e ministérios, em geral numa ação determinada pelo próprio Cámpora. Desde as bases, essa confrontação se expressou fundamentalmente nas lutas intersindicais, que, neste período, são muito mais numerosas que as lutas econômicas. A disputa de poder dentro dos sindicatos alcança níveis muito altos, já que a pedra de choque da direita peronista era a dirigência sindical peronista.

Por outro lado, os Montoneros depõem as armas, vendo como uma vitória própria a democratização. E, dessa maneira, recortam a visão do processo na sua totalidade. As forças do regime conseguem visualizar e conceituar de outra maneira o conjunto de variáveis que definiram o subperíodo, assumindo o momento como um recuo estratégico, necessário antes de voltar à luta e, finalmente, derrotar o campo popular.

Com a abertura democrática, a imagem do “inimigo” começa a decompor-se: para algumas frações, a luta havia terminado em vitória, já que a meta (“Perón vuelve”), pela qual se havia lutado tantos anos, transformara-se em fato real.

Porém, isso não quer dizer que as bases se haviam desmobilizado. Em 25 de maio de 1973 - no mesmo dia em que Cámpora presta juramento - se promove o "devotazo", pelo qual as massas lutam pela libertação dos quadros políticos que estavam presos por envolvimento em ações armadas. Há uma correlação com o triunfo nas urnas, porém os canais constitucionais foram transpassados.

Maria Seoane, descreve da seguinte maneira esse momento: "El atardecer del 25, miles de manifestantes con antorchas, pancartas y banderas, se dirigieron hacia el penal de Villa Devoto. Más de cincuenta mil personas rodearon la cárcel porteña; banderas del ERP, FAR, Montoneros, flamearon en su torre. Los presos de las organizaciones guerrilleras, por su parte, habían tomado la cárcel esperando a la multitud que permaneció penitente e impenetrable hasta que Juan Manuel Abal Medina, secretario general del Movimiento Peronista, trepado a las torretas superiores del Penal, anunció con un megáfono que había sido decretado el indulto. Nunca el barrio de Devoto había vivido un júbilo mayor. Los cables anunciaban que en la ciudad de Rawson se vivían escenas similares. Esa noche quedaron en libertad 371 presos políticos pero fueron acibillados dos militantes de izquierda en las puertas del penal. El 26 de mayo, el Congreso aprobó por aclamación una ley de amnistía amplia y generosa, y derogó toda la legislación represiva: ley anticomunista y fuero antisubversivo entre otras. El 28, Cárpora restableció las relaciones diplomáticas con Cuba. Los argentinos percibían el inicio de una nueva era. Inmediatamente comenzaron las movilizaciones, ocupaciones de edificios públicos y fábricas, en demanda de postergadas reivindicaciones sociales, económicas y políticas. La juventud Peronista y la izquierda lideraban mayoritariamente la protesta." ¹⁶⁰

Consideramos esse fato de importância fundamental para se conseguir entender o processo argentino. Foi a legitimação mais palpável na legitimação más

¹⁶⁰ SEOANE, op. cit. pag.. 209 y 210.

palpable a la lucha armada desde diferentes fracciones. Esto significó una demostración clara del poder de la alianza que expresaban.

A pesar de esta convergencia táctica, los combatientes revolucionarios dividen sus fuerzas: la mayoría pasa a una expectativa si desarmarse , le siguen quienes continúan con las hostilidades y los menos se desarman como muestra de su incorporación al movimiento triunfante.¹⁶¹

¹⁶¹ Maria Seoane cita una conversación entre José Carlos Ramos, entonces militante del Peronismo de Base-PB- e Santucho. O primeiro comenta: “ Santucho tenía un antiPeronismo visceral, es más, obsesivo. Un día me dijo: ‘Mira, si llegas a un país y te encuentras con miles de tipos arrodillados en una plaza adorando a la luna, porque creen en su poder divino ¿que haces? Yo pasaría de largo e intentaría construir otra cosa que los conmueva, que les de fe en sí mismos.’ Yo le dije -y creo que en esta discusión estaba la esencia de nuestras diferencias políticas con Santucho-: si llego a un país y encuentro que todos están arrodillados en una plaza a las nueve de la noche porque todos creen en la luna, en una de esas me arrodillo yo también para ver que pasa, que siento con ellos, y después veo...Santucho me lo decía con respecto al Peronismo y a Perón.” op. cit. pag. 143.

EZEIZA. A GUERRA EM “CAMPO ABERTO”

O regresso definitivo de Perón a Ezeiza acontece em meio a uma luta em campo aberto, entre a direita e a esquerda peronista - convertendo-se em um fato que preconfigurou a maneira pela qual se daria o enfrentamento nos anos que se seguiram. Mas, ainda, mostrou a firmeza da decisão e a iniciativa dos setores reacionários, muito superior à dos combatentes revolucionários e a incapacidade do peronismo, de promover a unidade das massas.

Creemos que em Ezeiza começa a tomar forma a forma que assumirá o enfrentamento na Argentina: a guerra em campo aberto.

A direita peronista monta um aparato espetacular, para mostrar quem conduzia, na realidade, o peronismo. A Polícia Federal havia elaborado um plano de segurança que contemplava quatro objetivos: organizar o trânsito de pessoas no ato de recepção, garantir a segurança da população e prevenir incêndios e emergências sanitárias. Além disso, apresentou uma série de sugestões quanto à segurança do palanque, combinadas com o Comitê de Recepção. Vervitsky conta:

”El informe proponia utilizar las columnas de iluminación que bordean el puente para cerrar el contorno del palco con un vallado hexagonal de 50 metros de radio. En su lado norte habria una sola abertura movil, sobre camino asfáltico, para el

descenso del helicóptero presidencial, a solo 30 metros del estrado. La parte interna del vallado sería controlada por 1.200 policías especializados. Los técnicos policiales vaticinaban que el público presionaría sobre la primera línea delante y atrás del palco y aconsejaban construir otro vallado externo al primero, siguiendo las cuatro hojas circulares que en forma de trebol circundan al puente. Entre ambos vallados quedaría un corredor libre de unos cincuenta metros, por el que podrían desplazarse periodistas, fotógrafos y camarógrafos.

El punto más significativo del proyecto policial recomendaba que este vallado externo, que estaría en contacto directo con el público, fuera controlado por personas con brazaletes y designadas por el Comité de Recepción.(...) Los recaudos debían estar a cargo de militantes políticos en la primera línea y de personal policial en la segunda. Sin armas los primeros, cuya tarea era la persuasión. Preparados para actuar solo en caso de extrema necesidad los segundos. Este sencillo esquema no se compadecía con las atribuciones políticas que el comité encargado de los aspectos técnicos de la seguridad pretendía arrogarse. Así, el acceso por detrás del palco fue prohibido a los manifestantes, y los policías profesionales suplantados por militares retirados y activistas sindicales armados. Su misión no era garantizar la seguridad del acto sino el predominio de las posiciones de avanzada de los contingentes de sus organizaciones”.¹⁶²

Em primeiro lugar, o aparato sindical e as frações mais reacionárias do peronismo ocuparam o Comitê de Recepção, sob a responsabilidade de José Rucci,.

Lorenzo Miguel, Norma Kennedy, Jorge Manuel Osinde e Juan Manuel Abal Medina. O grupo conseguiu centralizar a organização e marginalizar o governo (somente Abal Medina representava as frações mais de esquerda, na qualidade de secretário-geral do Movimento Justicialista). Teoricamente, uma comissão oficial, integrada, entre outros, pelo presidente, devia coordenar o trabalho dos cinco. Porém, Osinde conseguiu que isso não passasse do plano das intenções, mostrando que, na realidade, era ele quem mandaria.

Substituiu os 1.200 homens da força policial por 3.000 militantes sindicais, também armados¹⁶³. A Triple A cedeu outra parte do contingente, que se instalaria entre os caminhos e os suportes colocados nas árvores.

A Hogar Escuela, localizada a uns 500 metros do palco, foi ocupada dias antes por militantes do C de O. Tratava-se de um lugar estratégico, de onde era possível controlar a área em que se realizaria o ato. Os ocupantes do estabelecimento eram 2.000 adolescentes ligados ao C de O, gente do Automóvel Clube (que cedeu a rede de rádios), o COR do general Iniguez e, por último, um grupo pertencente à Juventude Sindical da UOM.

O palco, em si, foi ocupado no dia anterior ao ato por 1.000 civis armados, cuja função era impedir que chegassem perto da JP (Juventud peronista) ; a

¹⁶²VERVITSKY op. cit.pag. 30.

¹⁶³Para ilustrar el tipo de intenciones que Osinde tenia, es interesante señalar que solicito inicialmente 500.000 hombres armados, a la CGT. Como esta no los consigio pidio 300.000, terminando en la cifra real de 3.000. (Cifras citadas por Vervitsky, pag. 53)

JUP (Juventude Universitária Peronista) ;FAR (Fuerzas armadas revolucionarias) ;FAP (Fuerzas armadas peronistas) e Montoneros. Os que guardavam o palco portavam carabinas, escopetas de cano curto, metralhadoras e pistolas. A ponte estava ocupada por homens da CNU (Concentração Nacional Unversitária) e da ALN (Aliança Libertadora Nacionalista). Em síntese, 200.000 homens participavam do cordão de isolamento em frente à ponte e 3.000 seguranças rodeavam a zona do palco e a área de aterrissagem. Toda essa força se comunicava entre si com o sistema de rádios do Automóvel Clube Argentino, que embora fosse o mais moderno existente no país, operado pelos rapazes do COR, sem qualquer experiência no ramo, acabou por criar uma confusão que se desdobrou no fogo cruzado envolvendo a Hogar Escuela e o palco.

As forças de esquerda assistiram ao episódio portando armas leves e uma única metralhadora, que não chegaram a usar. As organizações armadas não-peronistas **não assistiram** a recepção à Perón, confundindo um enfrentamento entre forças sociais com um enfrentamento interpartidário.

FAR e Montoneros acreditavam que a concentração de Ezeiza desequilibraria ante os olhos de Perón a luta que eles tinham com o peronismo ortodoxo e os sindicatos. Bastaria com repetir o 25 de maio nesse 20 de junho. O obstáculo seria a dirigência sindical, que tentaria impedir que chegassem junto ao palco, e sua força de choque, o C do O. Estes seriam vencidos da maneira habitual: ataques com correntes articulado com a capacidade organizativa.

A coluna se concentrou para marchar na Rodovia 205. A condução ficou por conta de um jipe dirigido por dois Montoneros, Simona e Nell. Eles levavam a única metralhadora; os outros responsáveis pela organização portavam revólveres 22, 32 e 38 e algumas poucas pistolas automáticas. Imaginavam que poderia haver oposição, porém, não uma batalha.

Ao saber que cordões do C de O se dispunham a cortar a marcha da coluna, decidiram avançar pelo Leste, rodeando a parte traseira do palco, para passar ao outro lado e situar o grosso dos participantes em frente ao palanque central. Os "cadeneros" (os que usam correntes para o ataque) abririam o cordão do C de O. Atrás deles, vinham os portadores das únicas armas leves, com a ordem de somente intervir se comesçassem os tiros. Apenas uns 300 manifestantes conseguem passar pela cabeça da coluna. Às 14:30, começa o tiroteio partindo do palco contra a coluna, que se dispersa em várias direções, para reagrupar-se em seguida.

A UES (União dos Estudantes Secundários) acampou atrás do palco. Simona e Nell, com outros quatro montoneros, estacionaram o jipe Jeep a cerca de 100 metros do palco. Sete homens, sob o comando do capitão Chavarri, com metralhadoras, se aproximam. Vervitsky comenta o episódio: "Chavarri encara Nell:

- Que quieren ustedes ? Quiénes son?
- Peronistas somos. Y Ustedes?
- Peronistas no. Ustedes son unos hijos de puta."

Chavarri apontou sua pistola para a cabeça de Nell. Simona, sabendo que Nell estava desarmado, disparou contra Chavarri, que caiu morto. Simona e Nell fugiram entre as árvores, porém, foram logo alcançados.

Os seis que sobraram voltaram ao palco e os outros quatro correram para as árvores. Ali começa o tiroteio, partindo da Hogar Escuela e respondido pelo palco: no meio, os diversos grupos da coluna dissolvida pelo fogo cruzado do grupo sindical. Para compreender a magnitude do ocorrido, basta mencionar que 3.000.000 de personas participaram do ato que resultou num massacre.

O Hotel Internacional, a algumas quadras do local da concentração, funcionou como sala de tortura para os militares capturados. A intervenção casual de Leonardo Favio, o locutor oficial do ato, lhes salvou a vida. Ao saber dos fatos, ele os informou ao ministro do Interior, Righi, que ordenou que se suspendessem as torturas.

O avião de Perón foi desviado para a base aérea de Moron, de onde seu ocupante saiu diretamente para casa.

Osinde atribuiu a uma conspiração marxista, para tomar o palco, a responsabilidade do conflito que terminou em tiros. Outros chegaram a denunciar que os montoneros queriam matar Perón. Apesar da verdadeira peleja de que se cercaram as explicações dos fatos, desde Righi e Cámpora, que condenaram a ação do Comitê de Recepção, a sorte estava do outro lado.

Cámpora opinava: "En Ezeiza, desafortunadamente, el enfrentamiento quebro los resortes convencionales de contención y la agresion antipopular no cedio ni ante la inminente presencia del Lider que regresaba al país. Hubo un gran beneficiado: la oligarquia; y una gran victima: el Pueblo Argentino." ¹⁶⁴

Perón acatou a avaliação que atribuía toda a responsabilidade a uma conspiração marxista.

"(...) Somos lo que las veinte verdades Peronistas dicen. No es gritando la vida por Perón que se hace patria, sino manteniendo el credo por el cual luchamos. Los viejos Peronistas lo sabemos. Tampoco lo ignoran nustos muchachos que levantan banderas revolucionarias.

Los que pretextan lo inconfesable aunque cubran sus falsos designios con gritos engañosos o se empenan en peleas descabelladas no pueden enganar a nadie. Los que comparten nuestras premisas si se subordinan al veredicto de las urnas tienen un camino honesto que seguir en la lucha que ha de ser para el bien y la grandeza de la patria y no para su desgracia. Los que ingenuamente piensan que pueden copar nuestro movimiento o tomar el poder que el pueblo ha reconquistado se equivocan.(...)

Por eso deseo advertir a los que tratan de infiltrarse en los estamentos populares o estatales que por ese camino van mal. Asi aconsej a todos ellos tomar el

¹⁶⁴CAMPORA HECTOR *Como cumpli el Mandato de Perón*, Ediciones Quehacer Nacional, Argentina 1975, pag. 82.

único camino genuinamente nacional: cumplir con nuestro deber de argentinos sin dobleces ni designios inconfesables.”¹⁶⁵

Essa proposta, de estabelecer uma “paz construtiva” e de “voltar à ordem institucional legal” distanciava-se muito do discurso socializante da esquerda peronista e antecipava suas posições nos meses seguintes.

O ERP classifica a Ezeiza como um passo contra-revolucionário, concordando com algumas frações da esquerda, ou a social-democracia: "Santucho, como el resto de la izquierda marxista, Peronista y radical - Alfonsín había sido el único político con Alende, en calificar como "golpe de derecha" a la caída de Cámpora - consideraba a Ezeiza como el inicio de un proceso de creciente derechización y militarización del gobierno constitucional". ¹⁶⁶

Vervitsky resume: "La masacre de Ezeiza cierra un ciclo de la historia argentina y prefigura los años por venir, Es la gran representación del Peronismo, el estallido de sus contradicciones de treinta años. Es también una de los momentos estelares de una tentativa inteligente y osada para aislar a las organizaciones revolucionarias del conjunto del pueblo, pulverizar al Peronismo por medio de la confusión ideológica y el terror, y destruir toda forma de organización política de la clase obrera. Ezeiza contiene un germen del gobierno de Isabel Perón y López Rega,

¹⁶⁵PERÓN JUAN *Discurso pronunciado el 21 de junio de 1973*. Citado por Vervitsky, op. cit. pag. 208.

¹⁶⁶SEOANE, op. cit. pag.. 222.

la Triple A, el genocidio ejercido a partir del nuevo golpe militar de 1976, el eje militar-sindical en el que el gran capital confía para el control de la Argentina." ¹⁶⁷

Ezeiza polariza e redefine a situação. Um dado ilustrativo do significado que teve para as massas é o aumento das lutas operárias.

¹⁶⁷VERVITSKY Horacio, op. Cit. Pag. 54

ARGENTINA 1973. CONFLITOS OPERÁRIOS. TIPO DE ENFRENTAMENTO ANTES E DEPOIS DE EZEIZA

Tipo de enfrentamento (Códigos entre parênteses)	Até 20/6/73	Depois 20/6/73	Total
Declarações: imprensa escrita, falada e televisada (1-2-5)	47	96	143
Negociações entre partes, decretos, sentenças, recurso de amparo (4-1-42-1)	48	32	80
Medidas que afetam indivíduos (demissões, reincorporações) (6-7-20-21)	-	8	8
Plano de luta, assembléia, congresso (10-11-45)	29	43	72
Greves parciais e totais, com ou sem adesão, com ou sem ocupação, greve de fome (12-13-14-19-31)	36	28	64
Greves com ocupação, tomada de reféns, com mobilização, marchas, concentrações, atos populares, ocupação de vias (15-16-17-18-23-26-30-32-47)	21	49	70
Violência repressiva: ocupação local sindical, invasão domiciliar, detenção, seqüestro, desapareção, tiroteio, atentados (24-27-28-29-33-34-36-37-38-39)	9	42	51
TOTAL	190	298	488

Fonte de elaboração: Equipe da Oficina "Luchas Obreras: 1969 - 1979", da Faculdade de Sociologia da Universidade de Buenos Aires, dirigido por Lic. Inés Izaguirre.

Todas as formas de luta assumidas pelo movimento de massas se vêem notadamente incrementadas. É evidente que as paralisações passam a ocorrer, na maioria das vezes, com a simultânea ocupação do estabelecimento, o que implica um grau de enfrentamento maior.

Depois de Ezeiza as mobilizações ultrapassam o limite das organizações sindicais mais ortodoxos e dos alinhamentos político-sindicais, nos quais prossegue a disputa entre as frações peronistas antagônicas. A luta intersindical se faz cada vez mais intensa: em 25 de setembro é morto José Rucci, secretário-geral da CGT, em um atentado assumido pelos montoneros.

A direção sindical não consegue subordinar o movimento operário à política do pacto social. Em poucos meses mais o Montoneros cai na ilegalidade, bem como outras organizações armadas de orientação peronista.

"PERÓN AL PODER"

A VOLTA DO POPULISMO

Perón voltava para conduzir o processo político argentino, no momento em que explodiam as manifestações populares mais politizadas e exigentes dos últimos anos.

O projeto do terceiro governo peronista prevê a reinstalação daquela aliança entre capital e trabalho que o movimento sintetizava. Porém, manter as características populares do capitalismo, com um nível de participação dos trabalhadores no PIB de 46% e contar com o apoio da burguesia nacional, disposta a não desvincular-se do capital estrangeiro, em 1974, era tarefa quase impossível. Esta missão foi confiada a José Gelbard, nomeado ministro da Economia, e a José Rucci, este à frente da CGT.

O plano econômico supunha a reestruturação das relações de hegemonia. Aldo Ferrer assinala: "Desplazar de su posición hegemónica a los grupos tradicionales implica, al mismo tiempo, proponer una estrategia nueva de acumulación de capital (...) Los grupos sociales en ascenso deben asumir el liderazgo del desarrollo y de la expansión de la capacidad productiva. Surgen así tres requisitos básicos de la nueva estrategia. Primero, el fortalecimiento del ahorro público y de la capacidad de capitalización del Estado y sus empresas. Segundo, aumento de la rentabilidad de las

empresas medianas y pequeñas de capital nacional del interior del país y la región metropolitana. Tercero, la reforma del sistema financiero para movilizar el ahorro popular, concentrarlo y volcarlo en los puntos críticos del sistema.”¹⁶⁸

A outra condição opara que o plano desse certo era a reorientação do comércio exterior para o bloco socialista. Nesse sentido, Gelbard iniciou diversos contatos na Europa Oriental e União Soviética.

O Plano Trienal previa “alcanzar un ritmo medio de crecimiento de la producción de bienes y servicios, del orden del 7,5 % acumulativo por año, lo cual significa practicamente duplicar la tasa de crecimiento de la década anterior.” ¹⁶⁹Pero, según el mismo plan lo explicitaba, “...ese elevado ritmo de crecimiento de la economía se apoya en una alta tasa de crecimiento de la inversión.”¹⁷⁰

O equilíbrio e desenvolvimento do plano dependia, ainda, de uma acertada intervenção do Estado, que criaria as condições para que o **Pacto Social** se mantivesse: o aumento dos salários, de um lado, não devia ser repassado aos preços e, de outro, não devia resultar apenas em aumento de consumo, mas sim orientar-se para a poupança interna, para reorientá-lo àqueles pontos que o sistema requeresse.

¹⁶⁸FERRER Aldo *Crisis y Alternativas de la política económica argentina Ezeiza*, Ed. Contrapunto, Buenos Aires, 1986., Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1977, pag. 87.

¹⁶⁹*Plan Trienal Para la Reconstrucción y la Liberación Nacional 1974-1977*, pag. 20.

¹⁷⁰*Plan trienal...*pag. 21.

Para isso, supervalorizou-se a taxa de câmbio, aumentando-se as importações de insumos e bens de capital necessários à indústria (fundamentalmente, porque a última etapa da política de substituição de importações ficara por concluir). Por outro lado, incentivava-se a exportação de manufaturas - numa nova versão do Plano Pinedo - para o novo mercado representado pelo bloco socialista, mediante estímulos creditícios e fiscais.

Em síntese, os elementos que permitiriam o êxito do Plano eram:

- **A ação do Estado:** uma política de estímulos garantiria o equilíbrio de todo o processo. Nesse sentido, nacionalizaram-se os depósitos bancários - os bancos funcionaram como receptores apenas via Banco Central, cuja função seria reorientar a política de créditos. Editou-se a Lei de Promoção Industrial, que regulamentava as isenções impositivas e facilidades creditícias às empresas que aderissem ao Pacto Social. A inversão pública, tanto em infra-estrutura como em setores-chave (metalurgia) aumentaria de 32,2% (1972) para 41,9% (1977).¹⁷¹ A base tributária deveria aumentar na medida em que se incrementasse a atividade econômica, sendo esta a condição indispensável, já que, sem ela, o Estado não disporia dos recursos necessários para intervir na economia.
- **A inversão externa:** Embora reconhecendo que o dinamismo da economia dependia, segundo o plano, do Estado e das empresas nacionais, Perón esperava e

¹⁷¹ *Plan Trienal* pag. 40.

incentivava investimentos de origem européia, como forma de compensar a insuficiência da poupança interna. A lei de radicação de capitais estrangeiros favorecia aqueles investimentos que desenvolviam programas de expansão com alto valor agregado.

- **A redistribuição do ingreso:** “El gobierno se propuso aumentar la participación de los asalariados en el Ingreso Nacional desde 42,5% en 1973 al 47,7 % en 1977 y al 52% en 1980.”¹⁷² El que el aumento nominal del salario no redundara en inflación, se articulaba con un control de precios y la subvaluación del dolar, que permitiría mantener un nivel bajo de precios internos de los alimentos (al disminuir los precios percibidos por las exportaciones agropecuarias). Esto implicaba una transferencia de ingresos desde el agro a la industria, en un intento por reeditar las políticas seguidas en los primeros gobiernos Peronistas, de disminución de la participación del sector rural en la distribución del ingreso. Es decir que se procuraba financiar la alianza de los sectores urbanos con la transferencia de ingresos desde el sector rural.
- **La política agropecuaria:** El agro debía soportar el mayor peso del Plan Economico, siendo una de las claves del éxito. Debía elevar sus niveles de producción, a pesar de la subvaluación del dolar. A esto se sumaban medidas que tendían a aumentar la productividad del sector, reordenando las bases de la propiedad. La Ley Agraria y la Ley de impuesto a la renta normal potencial de la tierra (implicaba inclusive la pérdida de propiedad por uso inadecuado de la misma.)

¹⁷²FERRER op. cit. pag. 43.

“Propendía a la paulatina eliminación del latifundio y el minifundio, favoreciendo la formación de cooperativas que posibilitaran el acceso del productor a la propiedad, con tamanos de explotación inadecuados. Se trataba de un esbozo de reforma agraria que, si bien no avanzaba en forma directa sobre el derecho de propiedad, tendía a corregir las deformaciones propias de un régimen de tenencia de la tierra notoriamente antieconomico.”¹⁷³

- **A política exterior:** A “tercera posición”, entre os dois imperialismos, caracterizaria para Perón a redefinição que buscava para o papel externo da Argentina. A integração regional “... en una comunidad económica dara a estos países suficiente capacidad de decisión para regular su propio desarrollo y evitar los males que aquejan al capitalismo avanzado.” ¹⁷⁴

Políticamente, o plano descuidou-se de alguns aspectos fundamentais:

- 1) O peronismo já não controlava o movimento operário, que, não respondendo disciplinadamente as direções sindicais ortodoxas, não se enquadraria no pacto social.
- 2) O setor agrário não aceitaria as limitações de poder e de receitas que Perón propunha.

¹⁷³MACEYRA HORACIO *Las presidencias Peronistas. Campora/Perón/Isabel*, Centro Editor de America Latina, Biblioteca Política, Vol,25, Buenos Aires 1983, pag. 66.

¹⁷⁴ Perón citado por DE RIZ LILIANA, *Retorno y Derrumbe: el ultimo gobierno Peronista*, Folios Ediciones, 1981, pag.82/83.

3) Os investimentos esperadas não apareceram. Aquele empresariado disposto a diminuir seus ingressos, a bem do Pacto Social, era minoria, em 1973, em relação ao conjunto da burguesia nacional.

4) Os agrupamentos armados de orientação marxista continuavam com suas ações contra o Exército e as empresas multinacionais. Somente haviam concedido uma trégua ao governo eleito por vontade popular. Tampouco aceitavam as premissas do Pacto Social.

5) As frações de esquerda do movimento peronista exigiam posições mais radicalizadas do líder, como condição para se manterem desarmadas.

A VERDADEIRA FACE DE PERÓN

Cámpora sempre se considerou um delegado de Perón. E, como tal, somente permaneceria no governo até que restabelecesse a elegibilidade do líder. Isto se expressava com extrema obviedade no *slogan* central da campanha eleitoral: "CAMPORA NO GOBIERNO. PERÓN NO PODER." Cámpora, em seu discurso, diz:

"Durante el proceso de normalización institucional del país, en el que me correspondio desempeñarme para mi honor, como Delegado del General Perón, luche incansablemente para concretar este reencuentro historico *-entre el General y su pueblo-*. Lo impidieron tanto el renunciamiento de nuestro Jefe como el arbitrario condicionamiento del proceso. Asi fue como el General Perón me hizo su candidato, decisión que todos los organismos partidarios aceptaron y que el pueblo consagro en

las urnas el 11 de marzo, honrandome, mas alla de mis merecimientos, al elegirme Presidente de mi Patria.

Pero siempre tuve clara y nitida en mi conciencia y en mi pensamiento la convicción de que el anhelo profundo y enraizado en el alma del Pueblo Argentino no era ni es otro que el de restituir al General Perón el mandato que le otorgaran años atras, y del que fue injustamente desposeido.

Soy un hombre del Pueblo y por eso he podido sentir, en mis contactos directos con el Pueblo, que es hora de su ferviente deseo.

Ahora que el General Perón esta definitivamente en el suelo patrio ese deseo del Pueblo debe tener ocasion de manifestarse, sin vallas ni limitaciones de ninguna especie. Asi se lo exprese personalmente al General Perón el día 21 de junio luego de su arribo al país y, en el día de ayer, en una reUnión con los Senores Ministros, de la que participaron los Senores Comandantes de las Fuerzas Armadas, les hice saber que esta era mi firme convicción.

Hoy he presentado al Honorable Congreso de la Nación mi renuncia irrevocable para posibilitar el reencauzamiento de un proceso que fue distorsionado por la incomprension cuando el Frente Justicialista de Liberación se vio privado de postular como candidato a la primera magistratura de la Patria al General Perón, voluntad imbatible de todo el Pueblo Argentino.

Quiero así, con mi actitud y con mi conducta, permitir el cumplimiento de ese auténtico deseo del Pueblo Argentino, al que sumare mi voto de simple ciudadano: que el General Perón presida los destinos de esta Argentina que desde el 25 de mayo avanza, bajo su ilustre conducción, por la senda de la reconstrucción nacional.”¹⁷⁵

Cámpora queria deixar o governo: porém, Perón e a direita peronista queriam a sua expulsão. Por isso armaram um verdadeiro circo no dia 12 de julho, um dia antes da apresentação da renúncia. Em frente à residência presidencial de Gaspar Campos, desfilaram coletivos cujos integrantes vaiavam Cámpora. Além disso, mandaram em missão à Espanha o terceiro homem na sucessão presidencial, Alejandro Díaz Bialet, presidente do Senado, cargo assumido interinamente pelo deputado Raul Lastiri, presidente da Câmara e genro de José Lopez Rega.

Perón havia organizado seu retorno e sua campanha em torno da Juventude e os velhos quadros políticos, deixando de lado os dirigentes sindicais. Perón não tinha outra opção: em meio ao processo de mobilização popular, crescente, a Juventude Peronista expressava e era a parte desse estado de ânimo, podendo aglutinar as outras facções no voto a Perón. A JP, Montoneros e FAR faziam parte de uma força social de oposição que se vinha estruturando na Argentina, a burocracia sindical que pertencia à força do regime. Já no governo de Perón começa o processo de isolamento das frações radicalizadas, com o concurso dos grupos paramilitares de ultradireita e da burocracia sindical.

¹⁷⁵CAMPORA op. cit. pag. 87/88.

A partir desse momento, os combatentes que não abandonaram as armas foram declarados fora da lei. (Especialmente o PRT-ERP.)

Foi-se consolidando uma aliança política entre os partidários do regime e o governo, já que ambos combatiam as diferentes frações revolucionárias do movimento de massas . Apesar disso, as frações revolucionárias não conseguiam unificar suas políticas. Para a fração ilustrada da burguesia, a situação era irreversível, já que "no solo el Peronismo se mostraba incapaz de la institucionalización, sino que a la vez se desgastaba ante los sectores populares, los desarmaba políticamente." ¹⁷⁶

Os dirigentes sindicais voltam a ocupar os primeiros lugares no governo. O principal articulador político de Perón nesse período foi Lopez Rega, ministro do Bem-Estar Social, que fundou a AAA - Aliança Argentina Anticomunista, comandos paramilitares terroristas de direita que tinham a função de garantir a concretização do projeto de Perón, eliminando o movimento das frações de esquerdas.

Marín registra: "Perón fortalece su política mediante la incorporación de una ofensiva armada dirigida hacia las fracciones mas radicalizadas de su movimiento. La desarrolla mediante dos tácticas, por un lado, la creación específica de un organismo 'parapolicial', 'las AAA'; y, por otro, la legitimación de una política armada de

¹⁷⁶MARÍN , *Los hechos...*pag.. 78.

las fracciones de su movimiento en la implementación de acciones 'golpistas', el 'navarrazo'.¹⁷⁷

Se Ezeiza havia sido um aviso, agora começava o verdadeiro massacre. Este não era indiscriminado; ao contrário, seguia uma lógica certa, visando os pontos que, neutralizados, produziriam o desarme moral e material do campo popular. Ignacio Gonzalez Jansen¹⁷⁸ relata alguns exemplos:

- “En la ciudad cordobesa de San Francisco los obreros de la empresa Tampieri hicieron un paro de protesta y se movilizaron en demanda de mejoras salariales. El 30 de Julio fueron reprimidos por la policía provincial; una rafaga de ametralladora asesino al obrero Peronista Osacar Alberto Molina.
- El 21 de agosto de 1973, un grupo armado enviado por el Ministerio de Trabajo asalto la sede del Sindicato Ceramista de Villa Adelina. Cuando los trabajadores se hicieron presentes reclamando la devolución de su local los matones de la burocracia asesinaron al obrero Juan Carlos Bache.
- Bajo un puente del Rio Primero - provincia de Córdoba - el 24 de septiembre aparecio el cadaver de José Roque Damiano, dirigente de la JTP - Juventud Trabajadora Peronista, que enfrentaba al sindicato en la conducción burocratica. Su cuerpo presentaba huellas de torturas.

¹⁷⁷MARÍN, Los hechos....pag..78.

¹⁷⁸GONZALEZ JANSEN, IGNACIO *La Triple A* Editorial Contrapunto, Buenos Aires, 1986, pag.108/114.

- El 4 de Octubre en Córdoba fue atacada a tiros una Asamblea de Delegados sindicales en la sede de la CGT Regional. Murio un obrero de la construcción. Entre los agresores fueron reconocidos varios activistas de la burocracia.
- El 11 de octubre un grupo de “funcionarios” de Bienestar Social ataco a tiros el barrio San Pablo que se oponia a medidas de erradicación ordenadas por Lopez Rega. Fue asesinado un villero.
- El 13 de octubre fue asesinado en Rosario un viejo militante de la Resistencia Peronista, el medico Constantino Razzetti, cuando llegaba a su casa después de festejar la asunción de Perón. Estaba “acusado”¹⁷⁹ de colaborar con la Juventud Peronista y habia sido amenazado de muerte por activistas de la Juventud Sindical dirigida por Anibal Martinez.
- En Quilmes la Juventud Sindical asesino a Isaac Mosqueda, miembro del Consejo local de la JP. Para amedrentar al barrio entraron en su casa y mataron a todos los varones que encontraron, con 13, 17 y 18 años de edad. A pesar de la evidencia de los hechos, la policía nno descubrio ningun indicio que permitiera identificar a los agresores..
- Asesinaron al ex jefe de la policía de Salta, Ruben Fortuny, antiguo integrante de la Resistencia que el 25 de mayo de 1973 habia asumido su cargo e iniciado procesos contra torturadores.
- El 27 de noviembre fueron asesinados Antonio Deleroni y su esposa Nelida Arana. Deleroni era abogado de la CGT de los Argentinos y del Peronismo de Base, fueron baleados en la estación ferroviaria de San Miguel, en el Gran Buenos Aires.

¹⁷⁹Em vários casos, a "Triple A" primeiro anuncia na imprensa quem são seus acusados de morte.

- Ya comienza a perfilarse la desaparición de personas. Silca, Tettamanti, Antelo y Roldan, militantes del PRT fueron secuestrados por personal uniformado. Nunca mas aparecieron.
- Los medios de comunicación también fueron atingidos: el primero había sido Julio Cesar Fumarola asesinado el 6 de febrero en los bosques de Ezeiza. Oficinas y talleres de *El Mundo* y *Noticias*, fueron allanadas por la policía y atacadas con explosivos.
- Carlos Mujica, sacerdote tercermundista, fue asesinado saliendo de la Iglesia en la que daba misa, por un militante de la CNU. Mujica ya había roto con Montoneros, proclamando su fidelidad a Perón.
- Gran cantidad de militantes universitarios fueron asesinados en este período, Lilana Ivanoff de 20 años de la JP, Hugo Hansen del JUP de Lomas de Zamora, Elsa Arganaraz, de 19 años, etc.”

A outra tática empregada é a do “Golpe”, legitimado inclusive pelo Congresso. No final de fevereiro de 1974, em Córdoba o chefe policial local, coronel Antonio Domingo Navarro, e os grupos de ultradireita, atacaram com absoluta impunidade. O saldo foi a morte de vinte pessoas.

Os acontecimentos se precipitaram a partir de 27 de fevereiro, quando o governador Obregon Cano decidiu destituir Navarro, para pôr fim à onda de provocações verificada desde a Chefatura de Polícia. Obregon Cano era membro do Peronismo Combativo, não escondendo sua simpatia pelos montoneros. O vice-

governador, Atilio Lopez, pertencia à CGT local, que era o principal núcleo de oposição à burocracia sindical.

Navarro não somente se rebelou frente a autoridade constitucional, como, também, ocupou a cidade com efetivos policiais e distribuiu armas de guerra entre cerca de 200 militantes dos grupos de direita.

Gonzalez Jansen comenta: "Violentos enfrentamientos - de los que fui testigo - se produjeron en diversos puntos de la ciudad, entre manifestantes desarmados que protestaban contra el golpe y policías y paramilitares movilizados por la derecha.

Al anochecer fueron arrestados en la Casa de Gobierno de Córdoba el doctor Obregon Cano, y el vicegovernador Atilio Hipolito Lopez, legisladores y sindicalistas leales. En las calles seguian los tiroteos y durante una semana la ciudad permanecio en manos de los grupos armados de Navarro."¹⁸⁰

Essa política armada de Perón, foi aceita de fato pelo Parlamento. A luta dentro do peronismo assume a partir das frações de direita também essa forma "golpista". Em 22 de janeiro já se depusera, também, o governador de Buenos Aires, Oscar Bidegain, de posição política semelhante à de Obregon Cano.

¹⁸⁰GONZALEZ JANSEN op. cit. pag.113.

A ruptura definitiva da Tendência Revolucionária, juntamente com o restante da esquerda peronista se produz em primeiro de maio de 1974. O ato central pelo dia do trabalho é organizado pelas organizações sindicais, que montam um esquema de segurança.

Ficam proibidos cartazes e faixas que não sejam as identificadas com as organizações sindicais ou bandeiras argentinas. Mas os controles são burlados e aparecem as insígnias dos montoneros, improvisadas e exibidas durante a concentração.

Quando Perón começa seu discurso, as colunas da Juventud gritam: "Que pasa, general, que esta lleno de gorilas el gobierno popular?" Perón responde com dureza: "!!!Estupidos...Imberbes...!!!" As colunas da JP e Montoneros se retiram da praça em clima de enfrentamento e violência.

As organizações armadas peronistas caem na clandestinidade, somando-se às ações da guerrilha marxista.

Com a morte de Perón, em primeiro de julho de 1974, enfrentam-se três forças sociais:

- o peronismo no governo;
- o capital financeiro, em uma aliança com a fração majoritária do Exército;
- o campo popular, conduzido pelas organizações armadas.

As contradições que Perón havia arbitrado em vida ninguém poderia resolver na sua ausência. Nas 72 horas posteriores à sua morte, o país permanece paralisado. Durante três dias e três noites, sob chuva persistente, a multidão em fila desfilou ante o féretro para despedir-se de seu líder.

Isabel assume a condução do governo, reestruturando em primeiro lugar o seu gabinete. Com a morte de Perón, o projeto Gelbard-Giberti fica sem sustentação, já que o empresariado suspende a trégua concedida e o sindicalismo se vê cada vez mais pressionado pelas bases. Além da morte de Perón, para culminar, em julho de 1974, fecham-se os mercados europeus para as carnes argentinas, simultaneamente à queda dos produtos primários. A burguesia agrária se volta contra o governo, exigindo mudança de orientação na economia, pela qual se desvalorizava o dólar e se pretendia impor a Lei Agrária.

Em meio a essa confrontação, Gelbard e Giberti deixam o governo. Vários governadores são acusados de “infiltrados” e destituídos da direção sindical. No final de 1974 já se haviam consumado as intervenções nas províncias de Mendoza, Santa Cruz, Salta e Catamarca, com o afastamento de seus mandatários: Matinez Vaca, Cepernic, Ragone e Mott, respectivamente.

A TRIPLE A

Em troca do apoio para a “Perónización” do gabinete, a direção sindical recebeu a Lei de Contratos de Trabalho e a eliminação do sindicalismo rebelde. “Entre agosto y octubre de 1974 los principales sindicatos independientes o liderazgos disidentes fueron eliminados. Esa suerte del sindicato de mecánicos de Córdoba, conducido por Rene Salamanca; del sindicato grafico, liderado por Raimundo Ongaro en Buenos Aires; del de electricistas de Córdoba, dirigido por Agustin Tosco; Guillan perdió su posición de líder máximo de los telefónicos.”¹⁸¹

A essa direitização institucional se somam as ações cada vez mais enérgicas da Triple A. Entre julho e setembro de 1974 registraram-se 220 atentados da Triple A - quase três por dia -, 60 assassinatos - um a cada 19 horas - e 44 feridos graves. Também 20 sequestros, 1 a cada 2 dias.

Em 11 de setembro de 1974, foi seqüestrado e fuzilado Alfredo Curuchet, outro advogado defensor de presos políticos.

O contador Juan José Varas, ex-subsecretário de Fazenda do governo cordobés foi preso dentro de um avião Austral, diante dos demais passageiros. Logo depois apareceu crivado de balas fora dos limites de Buenos Aires.

No mesmo dia, foi seqüestrado e fuzilado o ex-vice-governador de Córdoba, Atilio Lopez, velho militante sindical e peça fundamental do Córdoba.

¹⁸¹DE RIZ op. cit. pag. 121.

Em 20 de setembro, foi assassinado Julio Troxler, subchefe de polícia durante o governo Cámpora, renunciando depois dos acontecimentos de Ezeiza. Além disso foi militante da Resistência Peronista, participando do levantamento do general Valle em 1956.

Os assassinatos prosseguem: Silvio Frondizi, professor da UBA e irmão do ex-presidente; Ortega Peña, advogado de presos políticos e deputado peronista; Santillan e Suarez Avalos, dirigentes sindicais da JTP; os jornalistas Pedro Bazarra, Carlos Laham e Jorge Money, militantes de partidos legais como o PC e o PST, etc...

Os setores populares não estavam preparados para tamanha ofensiva e, a partir de 16 de setembro de 1970, ocorria uma desapareção ou seqüestro a cada 18 dias. A ação dos aparatos paramilitares a serviço da política armada do Estado consegue uma média diária nunca inferior a cinco pessoas desde Julho de 1976.¹⁸²

Apesar desses golpes recebidos, as respostas do campo popular são muito fortes: o “rodrigazo” é uma delas, em protesto contra o novo plano econômico do governo.

Ao se conhecerem as primeiras medidas e os primeiros aumentos de preços, determinados pelo ministro da Economia, Celestino Rodrigo, as lideranças sindicais interrompem as negociações salariais. O governo ofereceu 45% de aumento, que não acompanhava a média de aumento dos preços, de 60%. Não aceita a

proposta, começou a negociação por setor. Os sindicatos conseguiram aumentos entre 60 e 200%, conquistas que, entretanto, para serem aplicadas, precisavam da homologação pelo governo. Como a indefinição das autoridades se prolongava, vez que aceitar os aumentos era fazer fracassar o plano, as bases exigiam a adoção de medidas de força.

A CGT não pode seguir contendo as massas: em 27 de junho, ela e as 62 organizações convocam uma concentração na Praça de Maio. Longas colunas, vindas do cordão industrial, se aproximam do centro. Os trabalhadores são claros em seus estribilhos, contrários a Rodrigo e ao ministro do Bem-Estar Social, Lopez Rega. Exige-se o afastamento dos dois, enquanto se reivindica a presença de Isabel no terraço da Casa Rosada.

Isabel não sai, mas convoca uma reunião com os dirigentes sindicais para o mesmo dia. No dia seguinte, 28 de junho, em cadeia nacional, anuncia sua decisão: os acordos salariais são anulados, adotando-se um aumento de 50% naquele mês e de 15% em outubro e janeiro de 1976.

A CGT não tem muitas opções, já que as greves se multiplicam por todo o país. Decreta uma paralisação de 48 horas a partir de 7 de julho. Quando se cumpre o segundo dia, o governo cede, aceitando os acordos e afastando Rodrigo e Lopez Rega.

Sem Lopez Rega, a debilidade de Isabel torna-se ainda mais flagrante. O sindicalismo, em lugar de ocupar o vazio deixado, segue com posições hesitantes, sem conseguir assumir uma política declaradamente antipopular.

Um de seus exponentes, Juan José Taccone, afirmava em tom de autocrítica: “El movimiento obrero había librado una batalla muy importante, que ningún sector podía librar entonces, procurando romper el entorno presidencial, y consigue desplazar a Lopez Rega. Después de este colosal triunfo, en lugar de avanzar sobre el poder, en vez de procurar la reconstitución del frente que había hecho Perón, con los partidos políticos y con los propios militares, el movimiento obrero se hace el “hara-kiri”, quedándose en la coyuntura con un aumento salarial.”¹⁸³

Nos próximos meses o vazio de poder se acentua. Isabel, no começo de 1976, nem sequer ia à Casa de Governo, com problemas de saúde. Na presidência interina de Ítalo Luder, assina-se um decreto que permite a intervenção das forças armadas nos conflitos internos, mostrando o que virá no futuro.

As forças armadas e o capital financeiro iniciam o reordenamento do sistema institucional, a reacomodação do capital, para o que precisam derrotar e desarmar, definitivamente, o campo popular.

¹⁸³TACCONNE JUAN JOSÉ, citado por DOMINGUEZ NELSON, en *Conversaciones con J.J. Taccone*, Hachette, 1977, pag.198.

Essa fração da burguesia devia destruir e, ao mesmo tempo, construir uma forma de existência para o conjunto das classes e, ainda, construir uma historicidade nova para o conjunto da sociedade.

Obter alto grau de concentração industrial, redistribuir brutalmente a receita nacional, legitimar uma forma de exercer o poder são processos que foram desenvolvendo-se nos anos da ditadura.

Capítulo 8: 1976 - CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA TERRITORIALIDADE

A lo largo de siglos, el dominante logra que el mundo y la vida no puedan ser pensados distintos de los que son. Todo triunfador busca que el vencido sea convencido de lo existente como esencialmente inmodificable.

Roberto Jacoby¹⁸⁴

O golpe de 1976 apresenta características bastante diferentes dos anteriores. Com ele não se buscou intervir no sistema político, vetando o peronismo, mas, sim, operar na trama da estrutura social, desarticulando as condições sociais e materiais a partir da qual se construiu o populismo na Argentina, bem como a aliança que o definia.

A destruição do modelo de substituição de importações se expressa, por exemplo, na redução do número de estabelecimentos industriais, que passou de 126.320, em 1973, para 109.325, em 1983 - uma queda de 15%. No caso das pequenas e médias indústrias, o recuo foi de 18%. Nas plantas maiores, a quantidade de pessoal empregado cai 20% no período, diminuindo de 750.000 para 600.000.

¹⁸⁴JACOBY ROBERTO, *El Asalto al cielo.*, Buenos Aires, CICOSO, 1986.

Apesar disso, a produção global não diminuiu, o que resulta num acentuado aumento da produtividade da força de trabalho.

Quem são os mais prejudicados ? Os produtores pequenos e médios, e a classe operária industrial. Foram desarmados os setores que se apoiavam na produção industrial orientada para o mercado interno. Mas, como apontamos, ainda que a quantidade de estabelecimentos diminua, assim como também a quantidade de pessoal ocupado remunerado, a participação na produção global passa de 66,4% em 1973 a 67,75 % em 1983.

Por outro lado, o grau de concentração por estrato aumentou de 45 % a 50,6 % da produção global. Segundo Khavise, "desde el 1953 siempre el peso de los sectores más concentrados estuvo por debajo del 50%. Viene creciendo desde el 40, superando el 50 % solo en 1984."

Outro elemento a destacar é que dos 36 maiores estabelecimentos que havia em 1973, ficaram somente 20 em 1983: há uma diminuição de 40%. Apesar disso, a participação na produção baixou muito pouco: de 13,68 % a 13,47 %. Além de um processo de concentração, estamos na presença de um processo de centralização da produção em geral.

Surge logo em seguida a pergunta: quais são as frações que ganham? Sob a política da ditadura conseguiu-se reconstruir um setor burgues que se conecta e está a altura dos setores burgueses mais dinâmicos do mundo. Esta cúpula formada

pelos maiores tem sua obtenção de lucro completamente diversificada. É uma burguesia que está na escala que a globalização mundial exige.

O golpe de Estado de 1976 significa, entre outras coisas, a realização do poder acumulado por frações da burguesia ligadas ao capital financeiro.

A partir de 76, intensifica-se a repressão. (Melhor dizendo, ficou claro que a iniciativa na luta de classes passava a pertencer àquela fração da burguesia). Nesse processo, usou-se um só movimento e duas táticas simultâneas: o genocídio e a emigração, imposta a grandes setores, assalariados ou não. Esse duplo jogo se traduz na eliminação de corpos (por desaparecimento físico ou expulsão do território), que conduz e produz a ruptura das relações sociais.

O efeito mais importante foi a desarticulação da aliança de classes e das condições territoriais que a favoreciam. Essa aliança expressava-se em uma força social que, apesar de encontrar-se em fase embrionária, era capaz de questionar a hegemonia burguesa.

As novas necessidades da burguesia supunham não só a vitória tática sobre a "subversão", mas, também, o aniquilamento de sua base.

Destruir essa força social tinha a ver com a territorialidade burguesa questionada. Assim, na Grande Buenos Aires (GBA), verificaram-se mudanças, rupturas que não se limitam às modificações físico-espaciais nem à simples

redistribuição dos habitantes. As alterações incluem modificações essenciais nas relações sociais. Trata-se de um novo ordenamento de corpos, uma articulação diferente entre os habitantes e o território do GBA. Desenvolve-se a construção de uma nova territorialidade social, cujo fortalecimiento favorece, notadamente, o processo de construção da hegemonia dos setores ligados ao capital financeiro.

Bermudez analiza: "En su intento por obtener la hegemonía, los sectores ligados al capital financiero realizaron el poder acumulado durante décadas, apelaron para ello al genocidio, a la expulsión, a la neutralización por el terror y a la redistribución de la población ocupante del territorio en disputa.(...) Los procesos que significaron el genocidio, la expulsión y la redistribución de la población del GBA, también fueron acompañados del proceso contrario:la construcción de una territorialidad social, que incluye por supuesto, la complicidad con el genocidio, la neutralización por el miedo , la corrupción,la delación, etc."¹⁸⁵

¹⁸⁵BERMUDEZ EDUARDO, *La disputa por un territorio : los partidos del Gran Buenos Aires*, Cicso , Cuaderno Nr. 53, pag.. 16.

EXPULSÃO DE UM TERRITÓRIO E REORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO

"El trazado del inconcluso Cinturón ecologico y el recorrido de la autopista del Buen Ayre, construida sobre el Rio Reconquista, forman un arco semicircular que rodea a la Capital Federal, dividiendo al Gran Buenos Aires en dos partes con características cada vez más diferenciadas."¹⁸⁶

Bermudez aponta neste trabalho a constituição de uma área interna (entre a avenida General Paz e esse arco) e uma área externa (por fora do mesmo).

As condições de vida são notavelmente desfavoráveis na área externa: moradias precárias que tendem a concentrar-se em favelas com pouca relação com o meio urbano que as contêm.

A Capital Federal passa a ser cada vez mais território da pequena burguesia e da burguesia.

O objetivo de Cinturão Ecológico não foi então o de ser um "pulmão verde" para a Capital.

Como conclusão Bermudez aponta: "Esos hechos (division en zona interna y externa)que podrian considerarse como una consecuencia inevitable del

crecimiento de una metrópoli, pueden ser analizados, asimismo, desde una óptica diferente: como un proceso que impone un modelo de desarrollo a determinadas áreas, que divide en dos a un territorio y que expulsa de una de las zonas de aquellas favorecidas por dicho modelo, a los sujetos sociales que considera un obstáculo para el despliegue de su estrategia, ubicándolos del otro lado de los límites que el mismo ha ido trazando, segregándolos.

Se podría decir que las modificaciones producidas, el traslado de los cuerpos, su redistribución y la reestructuración física de un espacio son parte de un proceso prolongado y estratégico, que intenta imponer territorialidades sociales diferentes a uno y otro lado del arco semicircular mencionado. Inmediatamente habría que advertir que esas dos territorialidades sociales por formar parte de un mismo proceso de desarrollo, del mismo movimiento estratégico, si bien son diferentes, son parte de la misma cosa."¹⁸⁷

A partir do que vínhamos desenvolvendo, consideramos que esta reestruturação é parte de um processo que tenta (ao construir territorialidades diferentes), levar as frações sociais que habitam diferentes zonas a ter dificuldades objetivas para articular-se com outros setores sociais com os quais puderam estabelecer mais facilmente alianças, enquanto compartilhavam mais homogeneamente um território.

¹⁸⁶BERMUDEZ , op. cit. pag..1.

¹⁸⁷BERMUDEZ , op. cit. pag. 12.

O GENOCÍDIO

"Si el genocidio es por cierto el sueño de los poderes modernos, ello no se debe a un retorno, hoy, del viejo derecho de matar: se debe a que el poder reside y ejerce en el nivel de la vida, de la especie, de la raza y de los fenómenos masivos de población"¹⁸⁸

Se afirmamos que na década passada a luta de classes assumio a forma de guerra no interior de nossa sociedade, afirmamos também que a totalidade de somente uma das forças tinha consciência deste processo, sendo este um elemento decisivo para o triunfo. A força do regime foi construindo uma estratégia para recuperar o que a ofensiva popular lhe havia tirado.

O regime havia derrotado seu adversário já em 1976, tanto pelo desmembramento de suas frações como pelo fato de que pudera realizar 30.000 mortes "sem resistências".

Uma grande contribuição para esta análise pode-se fazer a partir do trabalho de Inés Izaguirre. Analisando a situação de guerra na Argentina comenta: "Aqui las rupturas se producen en detrimento de uno de los bandos, que ya no puede

rearticular sus fuerzas: hay derrota, o sea acumulación de rupturas de relaciones sociales, que son capitalizadas por el bando vencedor. Entonces, comienza un período de paz, que no es sino la definición del período de dominio estable, hecha por el vencedor. (...) A partir de la derrota, comienza un segundo momento de este proceso dual, el momento de realización de la victoria; la articulación de nuevas relaciones sociales que reemplazan a las anteriores, en las que se reconoce al vencedor y que transformaran en estable la nueva situación de "paz". Es el momento del desarme, aquella condición del derrotado que garantiza por largo tiempo su no recuperación para intentar reiniciar la lucha contra el vencedor (...) Como señala Clausewitz, si bien el "desarme" del enemigo es un propósito siempre presente en cada uno de los bandos, solo se lo realiza en muy pocas ocasiones en forma completa. Suele ser suficiente disuadir al oponente, convencerlo de la posibilidad del desarme completo para que no reinicie la lucha, o sea, para lograr su desarme moral. Si el desarme a secas, tiene que ver con la pérdida o la destrucción de las "armas" materiales o instrumentos del enfrentamiento, y por lo tanto con la pérdida del correspondiente territorio, habrá tantas formas de desarme como armas y territorios sean objeto de disputa: territorio militar, que se refiere al espacio geográfico apropiado o defendido por las fuerzas en pugna, territorio político, cuando lo que está en juego son las estrategias de poder, organizaciones, cuadros, etc... territorio social, definido por mis aliados y por los de mi enemigo; territorio económico, etc.

A que se refiere entonces el desarme moral? A la convicción de la derrota y a la imposibilidad de revertirla: se ha quebrado la dimensión subjetiva

¹⁸⁸FOUCAULT MICHEL , *Historia de la* pag. 166.

de la fuerza; las rupturas de los lazos que vinculaban a las distintas partes se consideran mas o menos permanentes. Se pierde la conciencia de conjunto."¹⁸⁹

Como se produz esta convicção de derrota, esta fratura na noção de uma aliança que luta conjuntamente ? Acreditamos que se associa à forma na qual as baixas se produziram no campo popular: o sequestro dos corpos dentro de determinadas instituições de confinamento.

Foucault considera que "lo verdaderamente nuevo e interesante es, en realidad, el hecho de que el Estado y aquello que no es estatal se confunde , se entrecruza dentro de estas instituciones (a partir del Siglo XIX). Mas que instituciones estatales o no estatales habria que hablar de red institucional de secuestro, que es infraestatal, la diferencia entre lo que es y no es aparato del Estado no me parece importante para el análisis de las funciones de este aparato general de secuestro. La red de secuestro dentro de la cual esta encerrada nuestra existencia (...)La primera función del secuestro era explotar el tiempo de tal modo que el tiempo de los hombres se convierta en tiempo de trabajo (...) La segunda función consiste en hacer que el cuerpo de los hombres se convierta en fuerza de trabajo (...) La tercera función de estas instituciones de secuestro consiste en la creación de nuevo y curioso tipo de poder. Un poder polimorfo, polivalente. Un poder que no es solo económico sino también político. Las personas que dirigen estas instituciones se arrogan el derecho

¹⁸⁹IZAGUIRRE INES, *Ruptura de relaciones sociales: una consecuencia de la guerra antisubversiva en la Argentina*, Buenos Aires, Mimeo Instituto de Sociología , pag. 7 y 8.

dedar órdenes, establecer reglamentos, tomar medidas, expulsar a unos individuos y aceptar a otros, etc.."190

Para o campo popular o 78,5% das baixas no período 73-83 assumem a forma de prisioneiros (a metade são desaparecidos).¹⁹¹

Por que os desaparecidos? Por que este tipo de baixa?

Se nos perguntamos quais são as relações sociais que têm a capacidade de transformar certo campo material nas armas necessárias para um enfrentamento determinado (conhecimento, um jornal, armas de fogo, ...) podemos responder que fundamentalmente são aquelas que portavam os corpos que foram aniquilados.

Se voltamos a pensar na força social de enfrentamento que tinha a iniciativa na luta de classes a partir de 1969, vemos que está composta por corpos, corpos humanos nos quais residem a dimensão e o espaço do poder. "Lo que se encubre es que esos cuerpos son fundamentalmente fuerza material. Eso se encubre y es esa fuerza material la que tiene la capacidad o no, de construir el ambito del poder."¹⁹²

¹⁹⁰FOUCAULT MICHEL, *La verdad y las formas jurídicas*, México, Siglo XXI, Gedisa, pag..134 y 135.

¹⁹¹MARÍN , *Los hechos...* pag. 87

¹⁹²MARÍN, *La noción....*pag..74.

Em uma guerra entre Estados-Nação se busca produzir baixas humanas, baixas nas armas e destruir a base de reprodução do outro: sua infraestrutura material (centrais hidroelétricas, fábricas, assentamentos populacionais).

Se a guerra é a forma que assume a luta de classes, implicando uma confrontação de territorialidades, o que se disputa é diferente. Para destruir sua força material se deve destruir sua força moral e quem as constrói.

As baixas humanas podem assumir tres formas fundamentais: mortos, feridos e prisioneiros. O morto põe em crise uma parte das relações sociais que portava, mas não destrói outras.

O ferido e o prisioneiro "legal" põem em crise somente algumas das relações sociais, mas seguem articulando outras.¹⁹³

A desapareição "retira" um corpo e o conjunto de relações sociais que o definem de seu contexto. **DESAPARECEM RELAÇÕES SOCIAIS**; que articulam frações, que dão a força material à força do povo.

Estas afirmações tomam mais força se mostramos a distribuição social destes desaparecidos. Eles percorrem todo o corpo social, expressando uma força social, aliança de diferentes frações:

¹⁹³Por exemplo, o 15 de Maio de 1973, quando assume Campora, ao redor dos presos políticos, se articula uma manifestação de massas que exigia sua liberação imediata.

INSERÇÃO OCUPACIONAL DOS PRISIONEIRO DESAPARECIDOS, E DA POPULAÇÃO ECONOMICAMENTE ATIVA DA ARGENTINA EM 1970 E 1980

Aprox a frações de classe social	Categorias/grupos de ocupação que se incluem em cada nivel		Proporções de população em:		
			PEA 1970	PEA 1980	Mostra pdd
Frações de burguesia	Empresarios capitalistas	grandes	5,6	0,7	
		médios e pequenos		4,0	3,2
Frações de burguesia e peq burguesia independente	Profissionais universitários, altos diretores, oficiais FFAA		8,8	4,1	13,0
	Trabalhadores autônomos urbanos e rurais e ajuda familiar		13,2	21,8	16,6
Frações assalariadas com condição de vida peq burguesa	Assalar serv urbano qualificado, técnicos, Forças de segurança, suboficiais FFAA		21,4	22,5	32,5
Frações assalar c/condição de vida operária	Operários industriais e de serviços, urbanos e rurais		50,8	45,9	34,7
TOTALS			100,0	100,0	100,0
	Pop Econ Ativa		9.011.000	10.100.000	(*)

FONTES; Censos Nacionales de Población, e Muestra de Prisioneros Desaparecidos y denunciados (PDD). Elaboração de Inés Izaguirre na Pesquisa citada.

Outros dados introduzem maior especificidade na identificação da pertinência social: o tipo de moradia habitada pelas famílias denunciantes. Sobre 525 casos com informação sobre esse tema, 93% viviam em casas ou apartamentos, enquanto somente 7% declarou viver precariamente, em pensões ou favelas. Estes dados sugerem que os mais pobres estariam subrepresentados na força. Se comparamos com a situação habitacional existente no país no ano de 1980, sabemos que 20% das moradias urbanas eram precárias (em grandes cidades como a Grande Buenos Aires, Rosario, Córdoba e Mendoza), média que sobe a 30% no resto das cidades do país, e sabemos também que é um indicador de pobreza altamente representativo.

Esta indício se verifica também ao considerar dados sobre estudos universitários: a proporção de estudantes universitários desaparecidos é de 22% do universo total, que se distribuem em todas as frações sociais, mas principalmente entre os assalariados.¹⁹⁴

Novamente é ilustrativa a comparação com a sociedade: em 1970 os estudantes universitários não chegavam a constituir 10% do grupo de 18 a 30 anos de idade, enquanto em 1980, essa proporção era ainda menor. Isto adiciona outra característica diferente a esta força de caráter popular. Não somente inclui frações com

¹⁹⁴A mostra total é de 674 casos de prisioneiros desaparecidos denunciados (PDD) dos quais se inclui informação ocupacional de 403 casos, sobre os que construímos a comparação. Esta amostra representa 11% das 6.000 testemunhas de denúncias efetuadas antes do governo constitucional. Não se incluiu na comparação 54 casos de "no activos" (donas de casa, aposentados, estudantes) a fim de facilitar a comparação com a PEA. Esses casos (8% do total da amostra), devem somar-se aos 217 casos sem dados que permitam a localização social dos desaparecidos, o que leva a um total de 271 casos (32% da amostra).

alto nível de instrução, muito acima da média social, como também nos exige perguntarmos sobre a média de idade da população aniquilada..

Com efeito, 74% da amostra de prisioneiros desaparecidos tinha 30 anos ou menos, e destes, metade oscilava entre 21 e 25 anos. Somente 20% da amostra excede os 35 anos.¹⁹⁵

Como se distribuía socialmente os jovens aniquilados?

A maior parte é assalariada. Em uma sequência que percorre todo o corpo social, quanto mais alta é a posição na estrutura, menor é a presença de jovens desaparecidos, como indica o quadro seguinte:

¹⁹⁵ Os dados sobre estudantes prisioneiros desaparecidos estão sendo analisados pelo Lic. Pablo Bonavena, membro da equipe de pesquisa.

*IDADE DOS PRISIONEIRO DESAPARECIDOS NAS VÁRIAS FRAÇÕES SOCIAIS - ARGENTINA 1973-83*¹⁹⁶
 (Porcentajes sobre el total de cada categoria)

IDADE	Fração Social 1	Fração Social 2	Fração Social 3	Fração Social 4	Fração Social 5	Fração Social 6	TOTAL
Até 30	33,0 %	46,0 %	63,0%	81,0 %	76,5 %	70,4 %	74,0 %
N total c/dados de idade	(12)	(52)	(65)	(131)	(136)	(54)	(626) ¹⁹⁷

REFERENCIAS das Frações Sociais:

- 1) Burguesia capitalista
- 2) Burguesia e pequena burguesia alta
- 3) Pequena burguesia independente
- 4) Assalariados urbanos qualificados
- 5) Operários industriais e de serviços

Frações de burguesia (1+2+3)

Assalariados (4+5)

Q= - 0,59

¹⁹⁶Elaboração: Inés Izaguirre, en op. cit. pag. 32.

¹⁹⁷Temos 48 casos sem dados de idade.

Lanusse, sintetizando sua teoria sobre os enfrentamentos, nos diz: "...solía designarse como teoria de los dos círculos: habia un circulo pequeño, poblado de maniáticos irrecuperables, pero ese circulo pequeño no podía operar sino flotando en otro mas grande, formado por los simpatizantes de manga ancha que no actuaban, que no mataban a nadie, pero que constituian el oxigeno del cual respiraban los subversivos. La política consistia, por un lado, en la represión de los irrecuperables pero, por otro, en privar de oxigeno político a la subversión."¹⁹⁸

O "circulo pequeno" não era o único inimigo. O grande problema é que não podiam enfrentar-se diretamente com as organizações armadas já que existia uma base social maior que as incluía.

Destruir sua força material, a "infraestrutura" que garantia a reprodução e ampliação da luta era destruir, aniquilar as relações sociais que davam forma a essa territorialidade social que avançava.

A "subversão" era o conjunto da força social, não eram somente as organizações armadas. O exército, e o conjunto da força do regime têm consciência disto, e por isso matam fundamentalmente a personificação do "delegado de base", do "militante popular". Do campo popular, como apontamos, a falta de conscienciada da magnitude do enfrentamento no qual estava envolvido, que dificultava uma conceitualização do período, leva ao assombro ou a não compreensão pela brutal

¹⁹⁸LANUSSE op. cit. pag. 163.

resposta do regime, com a conseqüente quantidade de mortos e desaparecidos, produzidos tanto na última ditadura, como no governo Perón-Perón.

Anos depois, a Comisión Nacional sobre la Desaparición de Personas, resumindo a imagem mais difundida da sociedade, explicava: "En cuanto a la sociedad, iba arraigándose la idea de la desprotección, el oscuro temor de que cualquiera, por inocente que fuese, pudiese caer en aquella infinita caza de brujas, apoderándose de unos el miedo sobrecogedor y de otros una tendencia consciente o inconsciente a justificar el horror: "Por algo será", se murmuraba en voz baja, como queriendo así propiciar a los terribles e inescrutables dioses, mirando como apestados a los hijos o padres o padres del desaparecido. Sentimientos sin embargo vacilantes, porque se sabía de tantos que habían sido tragados por aquel abismo sin fondo sin ser culpable de nada; porque la lucha contra los "subversivos", con la tendencia que tiene toda caza de brujas o endemoniados, se había convertido en una represión demencialmente generalizada, porque el epíteto de subversivo tenía un alcance tan vasto como imprevisible. En el delirio semántico, encabezado por calificaciones como "marxismo-leninismo", "apátridas", "materialistas y ateos", "enemigos de los valores occidentales y cristianos", todo era posible: desde la gente que propiciaba una revolución social hasta adolescentes sensibles que iban a villas-miseria para ayudar a sus moradores. Todos caían en la redada: dirigentes sindicales que luchaban por una simple mejora de salarios, muchachos que habían sido miembros de un centro estudiantil, periodistas que no eran adictos a la dictadura, psicólogos y sociólogos por pertenecer a profesiones sospechosas, jóvenes pacifistas, monjas y sacerdotes que habían llevado las enseñanzas de Cristo a barriadas miserables. Y amigos de

cualquiera de ellos, y amigos de esos amigos, gente que había sido denunciada por venganza personal y por secuestrados bajo tortura. Todos, en su mayoría inocentes de terrorismo o siquiera pertenecer a los cuadros combatientes de la guerrilla, porque éstos presentaban batalla y morían en el enfrentamientos o se suicidaban antes de entregarse, y pocos llegaban vivos a manos de los represores."¹⁹⁹

Justamente esse tipo de personificações eram as que construíam essa força social de oposição, eram parte fundamental do inimigo, já que sem elas não se produziriam nem os "azoz", nem a radicalização do movimento de massas. O General Viola, opinando sobre os métodos que a "subversão" usava, diz: "Puede emplear la fuerza, pero no se limita a ella. Todas las formas de lucha y todos los procedimientos en los diversos campos le son lícitos."²⁰⁰

Se vemos em paralelo a distribuição das lutas operárias, os atos armados e os casos de desaparecidos (classificados por local de sequestro), analisando sua distribuição espacial, vemos que o operativo de aniquilamento iniciado com o golpe de 1976 coincide mais com a distribuição populacional que expressam os conflitos operários do que com os atos armados. Como já apontamos, os militantes das organizações armadas estiveram mais protegidos pela clandestinidade e pelas táticas empregadas de mobilidade e surpresa.

¹⁹⁹ *Nunca Más*, Informe da Comissão Nacional sobre a Desaparição de pessoas, Buenos Aires, EUDEBA, 17 edición, 1992, pag. 9/10.

²⁰⁰ Da coletiva de imprensa pronunciada pelo General Viola, publicada no diário La nación de 20 de Março 1977, citada por Inés Izaguirre.

Não se trata de alucidar se os assalariados desaparecidos formavam parte ou não de tais organizações, o qual, salvo em poucos casos seria muito difícil de verificar, com os dados que tivemos disponíveis, mas temos certeza que formavam parte da força social que enfrentava ao regime.

DISTRIBUCIÓN ESPACIO TEMPORAL DE LAS LUCHAS SOCIALES EN ARGENTINA: CONFLICTOS OBREROS, HECOS ARMADOS Y ASALARIADOS DESAPARECIDOS (1973-1983)

Unidade	Conflitos Operários (73-75)	Conflitos operários (73-75) não verbais	Atos Armados (1973-76) (2)	Assalariados (DDD)
Capital Federal	48,5	46,1	17,7	29,2
Gran Buenos Aires	11,1	12,9	6,0	29,4
Gran La Plata	0,9	1,0	5,6	6,6
Subtotal	60,5	60,0	29,3	65,2
Córdoba, capital e provincia	11,6	11,0	17,1	5,0
Santa Fé, Rosario y provincia	5,5	5,2	12,5	1,8
Tucumán, capital y provincia	6,7	7,5	3,1	10,1
Resto do país	15,5	16,3	38,0	17,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0
	(1.290)	(869)	(8.509)	(716)
	(3)	(3)	(4)	(5)

Fonte: Elaboração e dados de Inés Izaguirre. Salvo nos casos que se indicam a seguir.

(1) Nesta coluna não se contabilizam os conflitos operários que se limitam somente a uma expressão verbal, como declarações. Os conflitos incluem até 26/3/75.

(2) Os dados de "atos armados" estão tomados da pesquisa homônima de Juan Carlos Marín.

(3) Os totais de ambas colunas correspondem à mostra de conflitos operários desde 1/1/73 al 26/3/75 da pesquisa "Conflictos obreros desde 1969-1979" dirigida por Inés Izaguirre no Instituto de Sociología de la Universidad de Buenos Aires, e que registra aproximadamente 25 % dos casos destes anos. Na coluna esquerda se inclui o total de casos da amostra. Na coluna da direita restaram os conflitos registrados somente como declarações.

(4) Universo de casos registrados.

(5) Amostra de 30 % do total das testemunhas com informação sobre assalariados desaparecidos (2412 casos sobre 3.600 casos com informação ocupacional). São 60% das testemunhas da APDH.

Capítulo 9: CONCLUSÕES

O golpe militar de 1976 apresenta características diferentes dos anteriores, na medida em que buscou interferir na trama da estrutura social e não apenas atuar no sistema político para barrar os passos do peronismo.

Seu objetivo era desarticular as condições sociais e materiais a partir das quais se construiu uma força popular que, ao radicalizar-se, chegou a questionar o regime e a continuidade de sua dominação.

Entre 1945 e 1969, a radicalização paulatina das lutas e a dupla frente que os operários peronistas têm vão gerando um processo de avanço nos estágios de enfrentamento. Estes, por sua vez, em alguns momentos, passam de uma consciência operária a uma consciência revolucionária, o que leva a uma estratégia de poder para o proletariado, de caráter classista, mas não corporativo - o que não quer dizer anticorporativo.

A partir de 1969, a luta de classe assume a forma de guerra, uma guerra na qual as duas forças sociais que se enfrentam o fazem, também, com armamento material. Entretanto, as armas materiais concretas que as massas portavam não explicam, sozinhas, a maneira como passaram por cima das forças repressivas convencionais - as forças armadas de poder militar e policial. As armas materiais que se encontravam em poder das massas eram, numérica e qualitativamente, suficientes.

Mas não chegavam a compor o que se poderia chamar de uma "força armada de massas".²⁰¹

Mas havia uma tendência à constituição dessa "força", visivelmente em processo embrionário. A força material original não residia no caráter material-instrumental do armamento militar utilizado, mas, sim, na sua determinação e capacidade de atuar como "força de massas", moralmente articulada.

Naquele momento é que o Exército toma consciência do nível de enfrentamento que se expressava na luta de classes, razão pela qual algumas frações entendiam ser necessário recuar estrategicamente, reformular a estratégia, já que haviam perdido o controle da situação. O movimento tático inclui a convocação de eleições a partir do Grande Acordo Nacional. O processo eleitoral havia conduzido a uma situação de trégua imprescindível na situação de crise. A trégua também levava a uma situação institucional cujo caráter constitucional obrigava as forças repressivas a camuflarem sua capacidade de manobra.

Daí a necessidade de uma política "clandestina" para sustentar as ações armadas, assim como o apoio ao terrorismo político do peronismo oficial. Durante todo esse período essa política dependeu das contradições do peronismo, do movimento de massa; e certamente da própria burguesia. Foi em relação a essas contradições que se foi criando uma territorialidade social quase própria, que lhe permitiu viabilizar de

²⁰¹Las armas que existían llegaban a expresar "individuos armados", y no una "fuerza armada", que sería el caso de individuos que se enfrentan formando parte de una totalidad en acción.

forma definitiva sua ofensiva contra-revolucionária, a partir de Março de 1976. Até esse momento esteve circunscrita à dinâmica da luta de classes, na qual podia incidir, mas não ser o fator decisivo, até o final de 1975.

Os quadros revolucionários dividiram-se na caracterização do período, enturvada pela presença do peronismo no poder do Estado, dessa maneira criaram-se condições favoráveis para que uma parte dos quadros revolucionários se distanciassem das formas precisas que assumiu a luta de classes, desenvolvendo políticas "autônomas". Seus tempos políticos foram mais acelerados que os das massas.

Durante este período - Maio de 73 / Abril de 74 - as "massas mobilizadas" e os "militantes políticos de base" recebem o peso fundamental das baixas; não só 66% do total de baixas (mortos + feridos + detidos) lhes correspondiam, como também 80% dos mortos e feridos durante esse primeiro ano.

As massas "desarmadas" são o objetivo do regime durante esse lapso. O grosso das baixas localiza-se na retaguarda do campo popular, para as quais as organizações armadas não visualizaram a necessidade de elaborar formas de auto-defesa armada. As frações sociais que politicamente se sentiam convocadas às ações enfrentavam desarmadas as ações terroristas que buscavam seu aniquilamento.

O desconcerto, o desarme ideológico, a dispersão de forças, foi a resposta que se configurou em grandes setores sociais que conformavam o movimento popular, ante as sistemáticas ações hostis, legais e clandestinas.

Marín comenta: “La desición unánime e irreversible que había tomado la gran burguesía financiera respecto a la ejecución de una política de aniquilamiento de lo que denominaba “subversión”, no fue clara y totalmente comprendida por las diferentes fracciones sociales y políticas que configuraban el movimiento de masas, ni por sus cuadros intelectuales, políticos y gremiales. Estos en su gran mayoría no se sentían involucrados en la denominación de “delincuentes subversivos”. De hecho no era comprendida la caracterización social y política que el régimen tenía de las condiciones de la situación argentina: la consideraba una situación revolucionaria. Se comportaba con la convicción de que su situación era de guerra, el campo popular, en cambio, se fracturaba intentando alcanzar imágenes virtuales del poder según fuera la situación social de cada fracción, como si el país pudiera a su vez fracturarse en tantos territorios como fracciones sociales pugnaban por el poder.”²⁰²

O que o campo popular não compreendia é que a política do regime não se reduzia a uma estratégia militar, mas que correspondia a *uma política militar*²⁰³. Se tratava *da condução política da unidade burguesa, em condições de guerra*. O caráter dessa guerra, na percepção da burguesia, concidia com a frontalidade implícita no desenvolvimento da luta de classes. Por isso sua decisão foi firme ante tudo o que era

²⁰²MARIN JUAN CARLOS *Los hechos....*, op. cit. pag. 148.

²⁰³MARIN JUAN CARLOS *Los hechos....*, op. cit. pag. 149.

subversivo: aniquilou sem vacilar mas com prudência, dada as condições do país. Porque nisso, arriscava sua existência.

Em “Ezeiza” havia sido possível observar o grau de importância que teve o desarme político de muitos dos quadros revolucionários, que os levou à incapacidade de assumir a iniciativa nos enfrentamentos, e a responder com um recuo de suas forças ante a decidida ação dos quadros armados do peronismo oficial. Por outro lado, diante de um ato de massas de tamanha magnitude - não menos de dois milhões de pessoas -, algumas organizações revolucionárias não peronistas, se declararam neutros, por considerar um conflito interno do peronismo.

No “navarrazo” repete-se de forma ampliada, mas com maior dramatismo político e a mesma neutralidade das organizações revolucionárias ante atos que se inscreviam no desenvolvimento específico e concreto que tomava a luta de classes, e onde o peronismo, no governo, voltava a tomar a iniciativa.

Na prática, as ações foram gestando uma aliança política entre os partidários do regime e o governo; os dois combatiam as diferentes frações revolucionárias do movimento de massas. Apesar disso, as frações revolucionárias não conseguiam unificar suas políticas, ao mesmo tempo que se distanciavam cada vez mais dos processos específicos em que se desenvolveu a luta da classe operária em relação ao regime e ao governo.

A derrota militar foi uma consequência da derrota moral. A política militar que utilizou a unidade burguesa foi a ação de um trabalho político e de inteligência que organizou e dirigiu a capacidade do terror repressivo, o que pronto criou as condições de realização do genocídio.

Não foi o desenvolvimento expressivo de combates militares o que o regime utilizou, foi uma força central de guerra, na qual a tarefa inicial central se expressou no desenvolvimento de atividades terroristas e repressivas para conseguir o isolamento de um setor político, e finalmente seu aniquilamento físico.

Por isso a preocupação fundamental do regime era encontrar uma estratégia que lhe permitisse o desarmamento do movimento de massas, nesse estado então embrionário. Sabia que os atos armados realizados pelas organizações armadas não buscavam o enfrentamento, nem a medição de forças, mas fundamentalmente a criação de uma força armada de massas. *Por outro lado, no campo do inimigo, outros eram os critérios de medição. Os mortos, os feridos, os desaparecidos, os sequestrados, os detidos, os prisioneiros, essa vasta trama possível de articulação dos corpos constituía as formas de personificação contável do poder do regime; um poder que adquiria desses corpos sua realidade em termos de dimensão, suas magnitudes necessárias.*

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

- 1) FERRER ALDO, *La Economía argentina*, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1988.
- 2) HOROWICZ ALEJANDRO *Los cuarto peronisos. Historia de una metamorfosis trágica*, Buenos Aires, Editorial Planeta, 1990.
- 3) SABATO JORGE *La clase somnante en la Argentina Moderna. Formación y características*, Buenos Aires, CISEA, 1988.
- 4) MURMIS MIGUEL/PORTANTIERO JUAN CARLOS, *Estudios sobre los orígenes del peronismo*, Buenos Aires, Siglo XXI Editores, 1987.
- 5) PERELMAN ANGEL, *Como hicimos el 17 de octubre*, en *Cuarenta Años de Peronismo*, Buenos Aires, Ediciones Mar Dulce, 1985.
- 6) PUIGGRÓS RODOLFO, *El peronismo: sus causas*, Buenos Aires, Puntosur Editores, 1988.
- 7) WALDMAN PETER, *El peronismo 1943-1955*, Buenos Aires, Hyspamérica, 1988.
- 8) GERMANI GINO, *Política y Sociedad en una época de transición*, Buenos Aires, 1962.
- 9) HOROWICZ JOEL, *Impacto de las formaciones sindicales en la formación del Sindicalismo peronista*, compilado por TORRE JUAN CARLOS, Buenos Aires, Legasa, 1988.
- 10) MAROTTA SEBASTIÁN, *Argentina 1930-1960*, Buenos Aires, Editora Sur, 1961.
- 11) LUNA FELIX *El 45*, Buenos Aires, 1969.
- 12) PERALTA RAMOS MONICA, *Etapas de acumulación y alianzas de clase en la Argentina, 1930-1970*, Buenos Aires, Siglo XXI, 1972.
- 13) PERON JUAN, *Conducción política*, Buenos Aires, Ediciones de la Reconstrucción, 1973.
- 14) CIRIA ALBERTO, *Perón y el Justicialismo*, Buenos Aires, Siglo XXI, 1974.

- 15) JAMES DANIEL, *Resistencia e Integración. El peronismo y la clase trabajadora Argentina 1946-1976.*, Buenos Aires , Sudamericana, 1990.
- 16) GILLESPIE RICHARD, J. W. Cooke. *El peronismo alternativo.*, Buenos Aires, Cántaro, 1988.
- 17) PALACIOS HECTOR, *Historia del movimiento obrero, TOMOS 1,2 Y 3.*, Buenos Aires, Impresiones Avellaneda, 1993.
- 18) VIGO JUAN M. *La vida por Perón. Crónicas de la Resistencia*, Buenos Aires, 1973 .
- 19) COOKE JOHN WILLIAM, *Correspondencia*, Buenos Aires, Ed. Parlamento, 1984.
- 20) LENIN VLADIMIR ILICH, *Qué hacer?*, Cuba, Ed. Akal, Tomo 5 Obras Completas.
- 21) BRASCHETTI ROBERTO, recopilador, *Documentos de la Resistencia Peronista 1955-1970*, Buenos Aires, Puntosur, 1988.
- 22) COOKE JOHN WILLIAM, *Peronismo crítico: apuntes para la militancia.*, Buenos Aires, Ed. Schapire, 1973.
- 23) COOKE JOHN WILLIAM, *La lucha por la liberación nacional*, Buenos Aires, Ed. Papiro, 1971.
- 24) COOKE JOHN WILLIAM, *Peronismo e integración*, Buenos Aires, Ed. Aquarius, 1972.
- 25) MARIN JUAN CARLOS, *La noción de polaridad en los procesos de formación de poder, Cuaderno Nro. 8*, Buenos Aires, CICSO. 1981.
- 26) BALVE BEBA/BAVE BEATRIZ, *El 69. Huelga política de masas. Rosariazo-Cordobazo-Rosariazo*, Buenos Aires, Ed. Contrapunto, 1989.
- 27) LEUCO ALFREDO/DIAZ JOSÉ ANTONIO, Buenos Aires, Ed. Sudamericana, 1987.
- 28) CRENZEL EMILIO, *El Tucumanazo (1969-1974)* Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, Biblioteca política, Volúmenes 312/313, 1991.
- 29) AUFRANG LIDIA, *Las puebladas. Dos casos de protesta social. Cipoletti y Casilda.*, Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, Biblioteca política, Vol. 252, 1989.
- 30) SUN TZU , *El arte de la guerra*, Buenos Aires, Ed. Fraterna, 1989.

- 31) ESTELA VALLEJOS *Por amor a la libertad*, Buenos Aires, Ediciones Dialéctica, 1987.
- 32) GUILLERMO O'DONELL , *Autoritarismo e democratização*, São Paulo, Vertice, 1986.
- 33) OLLIER MARIA MATILDE, *El fenómeno insurreccional y la cultura política (1969-1973)*, Buenos Aires, Centro Editor de América latina, Biblioteca Política, Volume 145, 1986.
- 34) TOSCO AGUSTIN *Escritos y discursos* Selección de LANNOT JORGE, AMANTEA ADRIANA, SGUIGLIA EDUARDO, Buenos Aires, Contrapunto, 1985.
- 35) DIAZ BESONE RAMON GENARO Gral. de división, *Guerra revolucionaria en la Argentina*, Buenos Aires, Círculo Militar, 1988.
- 36) CLAWSEWITZ, *De la guerra*, Buenos Aires, Ed. del Solar.
- 37) LANUSSE ALEJANDRO, *Mi testimonio*, Buenos Aires, Laserre Editores, 1977.
- 38) FOUCAULT MICHEL, *Vigilar y Castigar*, Mexico, Siglo XXI, 1985.
- 39) FOUCAULT MICHEL, *Historia de la Sexualidad*, Mexico, Siglo XXI, 1987, 3 tomos.
- 40) BRAUN OSCAR, *El capitalismo argentino en crisis*, Buenos Aires, Siglo XXI, 1973.
- 41) HURTADO GUSTAVO, *Estudiantes: reforma y revolución*, Argentina, Cartago, 1990.
- 42) BRA GERARDO, *El gobierno de Onganía*, Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, Biblioteca política, volumen 128, 1985.
- 43) TORRE JUAN CARLOS, *Los sindicatos en el Gobierno 1973-1976*, Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, Biblioteca Política, Volumen 30, 1983.
- 44) GIL GERMAN ROBERTO, *La izquierda peronista, 1955-1974*, Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, Biblioteca política, Volumen 253, 1989.
- 45) BARUCH BERTOCCHI, *La cara civil de los golpes de Estado*, Buenos Aires, Galerna, 1988.
- 46) DEBRAY REGIS, *La crítica de las armas*, Tomo 1, México, Siglo XXI, 1975.

- 47) GUILLERMOS O'DONELL/PHILIPPE SCHMITER, *Transições do regime autoritário*, São Paulo, Vértice, 1988.
- 48) ALLENDE OSCAR, *Mi memoria*, Buenos Aires, Planeta, 1988.
- 49) BONASSO MIGUEL, *Recuerdos de la muerte*, Buenos Aires, Planeta, 1994.
- 50) LUDER ITALO, *Ideas y Propuestas*, Buenos Aires, Corregidor, 1988.
- 51) MARIN JUAN CARLOS , *Los hechos armados. Un ejercicio posible.*, Buenos Aires, CICSO, 1984.
- 52) VERVITSKY HORACIO, *Medio Siglo de Porclamas militares*, Buenos Aires, Editora 12, 1988.
- 53) BASUALDO EDUARDO, *Deuda Externa y poder*, Buenos Aires, Nueva América, 1988.
- 54) BASUALDO EDUARDO/ KHAVISSE MIGUEL , *El nuevo poder terrateniente*, Buenos Aires, Verlap, 1993.
- 55) KHAVISSE MIGUEL, ASPIAZU DANIEL Y BASUALDO ENRIQUE, *El nuevo poder económico*, Buenos Aires, Hyspamérica, 1986.
- 56) MARTINEZ DE HOZ JOSE ALFREDO, *Bases para la Argentina moderna 1976-1980*, Buenos Aires, CIA Impresora argentina, 1980.
- 57) FERRER/BRODERSOHN/ESHAG/THORP/ *Los planes de estabilización en Argentina*, Buenos Aires, Paidós, 1969.
- 58) CAMPORA HECTOR, *Como cumplí el mandato de Perón*, Argentina, Ediciones Auehacer nacional, 1975.
- 59) VERVITSKY HORACIO, *Ezeiza*, Buenos Aires, Ed. Contrapunto, 1986.
- 60) FERRER ALDO, *Crisis y Alternativas de la política económica argentina*, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica, 1977.
- 61) MACEYRA HORACIO, *Las presidencias peronistas. Campora/Perón/Isabel.*, Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, Biblioteca Política, Vol. 25, 1983.
- 62) DE RIZ LILIANA, *Retorno y derrumbe: el último gobierno peronista*, Buenos Aires, Ediciones Folios, 1981.

- 63) GONZALEZ JANSEN IGNACIO, *La Triple A*, Buenos Aires, Ediciones Contrapunto, 1986.
- 64) DOMINGUEZ NELSON, *Conversaciones con Juan José Taccone*, Buenos Aires, Hachette, 1977.
- 65) BERMUDEZ EDUARDO, *La disputa por un territorio: los partidos del gran Buenos Aires*, Buenos Aires, CICSO, Cuaderno 53., 1985.
- 66) FOUCAULT MICHEL, *La verdad y las formas jurídicas*, Mexico, Siglo XXI,
- 67) COMISION NACIONAL SOBRE LA DESAPARICION DE PERSONAS, *Nunca Mas*, Buenos Aires, EUDEBA, 1992.
- 68) IZAGUIRRE INES, *Ruptura de relaciones sociales: una consecuencia de la guerra antissubversiva en Argentina*, Buenos Aires, Mimeo, Instituto de Sociología, 1989.
- 69) FOUCAULT MICHEL, *Microfísica del poder*, Madrid, Ediciones la Piqueta, 1979.
- 70) DANIEL CAMPIONE ,compilador, *La clase obrera de Alfonsín a Menem*, Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, Voumen 447, 1994
- 71) O'DONELL GUILLERMO, *El Estado Burocrático Autoritario*, Buenos Aires, Ed. Belgrano, 1982
- 72) ORGANIZACION DE LOS ESTADOS AMERICANOS, *Informe sobre la situación de los derechos humanos en la Argentina*, Washington, OEA, 1980.
- 73) BONAVENTA PABLO, *Los estudiantes universitarios y terciarios desaparecidos*, Buenos Aires, Mimeo Instituto de Sociología de la UBA, 1989.
- 74) MARIN JUAN CARLOS, *Acerca del origen del poder. Ruptura y propiedad.*, Buenos Aires, CICSO, 1984.
- 75) POZZI PABLO, *Opocisión obrera a la dictadura*, Buenos Aires, Contrapunto, 1988.
- 76) MARIN JUAN CARLOS, *La silla en la cabeza*, Buenos Aires, Editorial Nueva América, 1987.
- 77) MARIN JUAN CARLOS, *Leyendo a Clausewitz*, Buenos Aires, Cicso, Cuaderno 12, 1984.
- 78) CARRERA IÑIGO/PODESTA JORGE, *Análisis de una relación de fuerzas sociales objetiva: caracterización de los grupos sociales fundamentales en la Argentina actual*, Buenos Aires, CICSO, Cuaderno 46, 1989.

- 79) BALVE BEBA/MARIN JUAN CARLOS/MURMIS MIGUEL/, *Lucha de calles Lucha de clases*, Buenos Aires, Ed. La Rosa Blindada, 1973.
- 80) ANDERSON PERRY, *Democracia y dictadura en América latina en la década del 70*, Buenos Aires, Cuadernos de Sociología, UBA, 1988.
- 81) OEA, *Foreign investments in Latin América*, Washington, Economic Research Series, 1955.
- 82) TORRE JUAN CARLOS, *La formación del sindicalismo peronista*, Buenos Aires, Legasa, 1988.
- 83) SEOANE MARIA, *Todo o nada. La historia secreta y la historia pública del jefe Guerrillero Mario Roberto Santucho*, Buenos Aires, Planeta, 1993.
- 84) PAVARINI MASSIMO, *Control y dominación. Teorías criminológicas burguesas y proyecto hegemónico.*, Mexico, Siglo XXI, 1980.
- 85) ABUDARA OSCAR Y OTROS, *Argentina Psicoanálisis y Represión política*, Buenos Aires, Ed. Kargieman, 1986.
- 86) JAUREGUI RUBEN, *Hechos y Protagonistas de las luchas obreras argentinas. Nro. 2 a 14.*, Buenos Aires, Ed. Experinecia, 1984.
- 87) FOUCAULT MICHEL, *Genealogía del racismo*, Montevideo, Caronte Ensayos, 1993.
- 88) FOUCAULT MICHEL , *La vida de los hombres infames*, Montevideo, Caronte Ensayos, 1993.
- 89) JACOBY ROBERTO, *El Asalto al cielo*, Buenos Aires, CICSO, 1988.
- 90) FOUCAULT MICHEL, *El orden del discurso*, Barcelona, Ed. Trutsquets, 1987.
- 91) DELLASOPPA EMILIO, *Megafón e suas duas batalhas: violência política na Argentina, 1943-1983.*, São Paulo, USP, Tese de doutorado, 1993.